

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Maria Lea Amorim Torres

**A METODOLOGIA DO PROFESSOR DO ENSINO RELIGIOSO E SUA
CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO DO
FUNDAMENTAL II**

Recife -PE

2015

MARIA LEA AMORIM TORRES

**A METODOLOGIA DO PROFESSOR DO ENSINO RELIGIOSO E SUA
CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO DO
FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada à
Universidade Católica de
Pernambuco, como requisito à
obtenção do título de Mestre
em Ciências da Religião.

Linha de Pesquisa : Campo
religioso brasileiro , cultura e
sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz
Alencar Libório

Recife -PE

2015

MARIA LEA AMORIM TORRES

**A METODOLOGIA DO PROFESSOR DO ENSINO RELIGIOSO E SUA
CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO DO
FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado em Ciências da Religião e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório
Universidade Católica de Pernambuco
Orientador

Prof^a. Dr^a Rubenilda Maria Rosinha Barbosa
Universidade Federal de Pernambuco
Titular externo

Prof^a. Dr^a Zuleica Dantas Pereira Campos
Universidade Católica de Pernambuco
Titular interno

Recife-PE

2015

DEDICATÓRIA

Dedico este mestrado primeiro a Deus e a meus pais, Augusto Firmino Torres pelo exemplo de homem honesto, corajoso, que ama a leitura e que muitas vezes sem palavras nos ensina muito, e a minha mãe Maria Batista Amorim por ser perseverante, forte, amorosa e com seu jeito simples tem sido um braço forte a cada dia. A eles a minha gratidão por tudo que já enfrentaram e tem enfrentado para cuidar, ensinar, proteger e amar a nossa família.

Muito obrigada

"...E aprendi que se depende sempre de tanta muita diferente gente. Toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de outras tantas pessoas."
(Gonzaguinha)

AGRADECIMENTOS

A Deus pela seu amor e misericórdia constante na minha vida.

Ao Governo do Estado de Roraima/Secretaria de Estado da Educação e Desporto.

Ao meu esposo e amigo Roberval, por seu exemplo de determinação e cuidado pela nossa família. Aos meus queridos filhos Samuel Augusto, Robert Álefe que fizeram uma enorme diferença nos conhecimentos de informática, também por serem constante fonte de inspiração e força para minha vida.

A minha irmã Ligiane por sua ajuda em todas as horas, por ser um exemplo de determinação e carinho.

A minha irmã Crizelid que em um gesto de puro amor viajou comigo em um momento tão difícil e crucial na minha vida, tanto de saúde como de estudo.

As minhas sobrinhas Mayara, Tamara e Crislayne pelo apoio amor.

Ao meu irmão Evandeleuzo e minha cunhada Rita que em momentos de estudo, levaram meus filhos para passear, quando era impossível eu ir.

A meu cunhado Sebastião pelas palavras de apoio. As escolas que me acolheram com carinho e o empenho dos colegas, amigos professores, coordenadores e gestores colaboraram com a pesquisa.

A Profª Alice Dal Forno Gianluppi pelo apoio, contribuição e sugestões.

Ao mestre e Dr. Padre Luiz Alencar Libório que nos ensinou conhecimento intelectual e valores humanos, exemplo de persistência e compromisso.

A orientadora externa Profª. Drª Rubenilda Maria Rosinha Barbosa e a orientadora interna Profª. Drª. Zuleica Dantas Pereira Campos pela participação, contribuição e sugestões.

A todo o corpo docente do Mestrado em Ciências da Religião da UNICAP.

A todos que contribuíram diretamente ou indiretamente. O meu muito Obrigada!!

*“É necessário alargar o espaço da
tenda e alongar as cordas, mas
igualmente reforçar as estacas.”
(Livro de Isaías 54, 2)*

*“Bem sei que tudo podes, e
que nenhum dos teus
planos podem ser
frustrados. .”
(Livro de Jó 42, 2)*

RESUMO

A disciplina Ensino Religioso (ER), no Brasil, está ainda em fase de estruturação tanto no que diz respeito ao seu conteúdo programático quanto à sua epistemologia e metodologia quase sempre bastante improvisada. O presente estudo tem como tema central a Metodologia do Professor de Ensino Religioso (ER) e sua Contribuição na Formação Integral do aluno do Fundamental II. Insere-se na linha de pesquisa: Campo religioso brasileiro, Cultura e Sociedade do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), visando a uma reflexão sobre a metodologia de ensino e aprendizagem adotada pelo professor de ER na sua prática pedagógica no Fundamental II de dez escolas públicas da rede Estadual de Roraima no município de Boa Vista–Capital. Como metodologia, faz-se uma análise histórica do processo de ER no Brasil e no Estado de Roraima e também das tipologias de métodos aplicados na práxis educativa e de como essas práticas têm possibilitado o desenvolvimento de aprendizagem significativa nos alunos, refletindo na formação de conceitos e atitudes no seu dia a dia. A análise tem como referência a postura do professor a partir dos recursos e técnicas didáticos utilizadas na sala de aula e seus reflexos na construção de uma consciência crítica dos educandos. Nesse sentido, optou-se pela pesquisa bibliográfica, análise documental, observação participativa e a aplicação de questionário misto na pesquisa de campo. A concepção de Ensino Religioso e da aprendizagem significativa respaldou-se, principalmente, nos estudos de Sérgio Junqueira, Anísia de P. Figueiredo, Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Jean Piaget e J. Décio Passos. Já os conceitos de inovação pedagógica, novas tecnologias tiveram as contribuições de Antônio Spadaro, Carlos Fino, dentre outros, os quais trouxeram aportes importantes para fundamentação teórica desta pesquisa. Paralelo aos estudos teóricos, foram realizadas as observações na sala de aula e a análise quantitativa e qualitativa dos dados dos questionários respondidos pelos professores, alunos, gestores e coordenadores. Em síntese, esta investigação/pesquisa pretendeu analisar, desvendar as sutilezas metodológicas no processo ensino aprendizagem do professor de Ensino Religioso na perspectiva de uma prática pedagógica inovadora que contribua para uma formação integral do aluno. Os resultados não são os piores, pois há o uso de técnicas novas e recursos didáticos inovadores no ER em Boa Vista (RR).

Palavras-chave: Práticas socioreligiosas, Ensino Religioso, Aprendizagem significativa, Práticas Pedagógicas, Metodologia inovadora.

ABSTRACT

The Religious Education discipline (ER), in Brazil, is still being structured both with regard to its program content and for its epistemology and methodology often quite improvised. This study is focused on the Religious Education Teacher Methodology (ER) and its Contribution to the Integral Formation of Basic II student. It's part of the research line: Brazilian religious field, Culture and Society of the Master Degree of religious studies and focusing on a reflection on the teaching and learning methodology adopted by the (RE) teacher in their teaching in elementary II of ten public schools network of the State of Roraima in Boa Vista Capital. As a methodology, there is a historical analysis of the RE process in Brazil and in the State of Roraima and also the types of methods used in educational practice and how these practices have enabled the development of meaningful learning in students, reflecting the formation of concepts and attitudes in their day to day. The analysis makes reference to the teacher's posture from the resources and teaching techniques in the classroom and their reflections on building a critical awareness of students. In this sense, we opted for the literature search, document analysis, participant observation and the application of mixed questionnaire in field research. The design of Religious Education and meaningful learning is backed mainly to the studies of Sérgio Junqueira, Anísia de P. Figueiredo, Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Jean Piaget and J. Decius Passos. The concepts of pedagogical innovation, new technologies were the contributions of Antônio Spadaro, Carlos Fino, among others, which brought important contributions to theoretical foundation of this research. Parallel to the theoretical studies were carried out observations in the classroom and the quantitative and qualitative analysis of questionnaires answered by teachers, students, managers and coordinators. In summary, this research intended to analyze, uncover the methodological subtleties in the learning process of Religious Education teacher in the perspective of an innovative pedagogical practice that contributes to the integral formation of the student. The results are not the worst, because there is the use of new techniques and innovative teaching resources in the ER in Boa Vista (RR).

Keywords: Social religious practices, religious education, significant learning, teaching practices, innovative methodology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Capítulo I	
I - TÉCNICAS E RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZAVEIS NO	
ENSINO RELIGIOSO EM BOA VISTA- RR.....	18
1.1-Fundamentação teórica sobre as técnicas didáticas.....	18
1.2-Algumas técnicas utilizáveis no Ensino Religioso.....	29
1.3-Fundamentação teórica sobre os recursos didáticos	30
1.4-Dinâmica humanizante no processo formativo.....	49
Capítulo II	
II- PRÁTICA PEDAGÓGICO DOS PROFESSORES DO	
ENSINO RELIGIOSO EM BOA VISTA-RR.....	61
2.1-A dimensão positiva da pedagogia no Ensino Religioso	61
2.2- A dimensão negativa da pedagogia no Ensino Religioso.....	66
2.3- Por uma superação do impasse.....	71
Capítulo III	
III - O ENSINO RELIGIOSO MINISTRADO NO FUNDAMENTAL II EM	
ESCOLAS ESTADUAIS DE BOA VISTA- RR.....	81
3.1- Análise qualitativa da observação participante.(aluno).....	81
3.2-Análise qualitativa dos dados dos questionários(professor/gestor/ coordenador).....	100
3.3- A metodologia do professor do Ensino Religioso na formação integral dos alunos do fundamental II em escolas Estaduais de Boa VISTA- RR.....	106
CONCLUSÃO.....	112
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICES.....	120

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como propósito analisar a metodologia do professor de Ensino Religioso para ver em que medida tem estimulado o interesse e a aprendizagem dos seus alunos em escolas públicas da rede estadual de ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). É uma tentativa de conhecer e aprofundar em que medida a metodologia, desenvolvida no ensino da disciplina Ensino Religioso, tem estimulado o interesse e conseqüentemente a aprendizagem, contribuindo na formação integral de seus alunos.

As escolas pesquisadas são: Profª Conceição da Costa e Silva, Luiz Ribeiro de Lima, Maria Sônia de Brito, Treze de Setembro, Antonia Coelho de Lucena, Hildebrando Ferro, Presidente Tancredo Neves, Monteiro Lobato, Prof. Severino Gonçalo Gomes Cavalcante, e Dr. Luiz Ritler de Lucena, pertencentes a rede estadual de ensino de Boa Vista – Roraima, cuja clientela constitui-se de alunos de baixo e médio poder aquisitivo. Os participantes principais de intervenção são: os professores de Ensino Religioso (ER) das turmas de 6º ao 9º ano e seus alunos.

O motivo que aguçou o interesse pela temática surgiu em função de meu trabalho na Secretaria de Estado da Educação e Desporto (SEED), dos trabalhos realizados nas escolas e também com os professores de ER em formação continuada ao observar as necessidades dos professores no que se refere à metodologia e as constantes reclamações, pois alguns alunos não permanecem em sala de aula na hora da aula de ER ou não participam ativamente. Este assunto é relevante na atualidade por haver grande desmotivação por parte dos alunos em permanecer e participar das aulas de Ensino Religioso.

O tema proposto refere-se à Metodologia do professor de Ensino religioso e sua contribuição na formação integral dos alunos do Fundamental II, pois são muitos os problemas da sociedade moderna, que se tornou apressada, competitiva e individualista. Portanto, para que o Ensino

Religioso (ER) contribua na formação dos educandos é de suma importância a participação e contribuição dos educadores por meio de organização metodológica que explicita as expectativas de aprendizagem, considerando as possibilidades de aprendizagem decorrentes de cada etapa do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, na qual os alunos tenham boas condições de desenvolvimento do ponto de vista pessoal e social para que sejam alcançados melhores resultados, pois acima de tudo deve acontecer mudança de vida, isto é, de atitude dos envolvidos no processo.

Segundo dados da Secretaria de Estado da Educação e Desporto, no ano de 2013, havia em Boa Vista 54 (cinquenta e quatro) escolas Estaduais que ofertavam Ensino Religioso aos seus alunos de 6º ao 9º ano. Percebeu-se uma demanda significativa de alunos, neste contexto é que destacamos o papel do Ensino Religioso na formação do educando, pois a escola exerce papel importante nesta formação. Para tanto é necessário valorizar a família e buscar mecanismos para trazer a efetiva participação no processo educacional e assim possibilitar a promoção/oferta de uma educação que efetivamente desenvolva qualidade de vida.

O meu interesse foi partir do professor e analisar o que acontece na prática pedagógica e porque acontece, como acontece, buscando compreender como o professor de ER constrói a sua imagem e do ER e de que forma isso interfere no seu trabalho pedagógico. Investigar e descrever a forma de estimular os alunos a participar das aulas e quais as técnicas e recursos didáticos utilizados para o melhor aprimoramento das aulas.

Diante da permissão por parte das Escolas e da receptividade dos professores das Escolas pesquisadas, passei a observar durante dois meses os elementos essenciais que caracterizam a prática pedagógica desses professores, mais especificamente, no âmbito da sala de aula, onde ocorre a ação direta do professor com seus alunos. Minha preocupação com a prática pedagógica emerge de uma situação natural enquanto professora que busca a cada dia evoluir, aprofundando e redefinindo caminhos que possam ajudar também, outros professores de ER e, por conseguinte, nossos alunos .

Nessa perspectiva, optou-se pela pesquisa qualitativa de abordagem, etnográfica, pois este tipo de abordagem adéqua-se melhor aos propósitos almejados nesta pesquisa.

A pesquisa tem como Objetivo Geral: analisar a metodologia do professor de Ensino Religioso para ver em que medida tem estimulado o interesse e a aprendizagem dos alunos. Para dar conta de cumprir este objetivo, considere-se necessário:

a) Apresentar a história do Ensino Religioso, inserida na história da educação brasileira e, particularmente, roraimense, com destaque para a legislação atual nas esferas federal e estadual;

b) Revisar diferentes marcos teóricos existentes para o Ensino Religioso, os quais procuram justificar um estatuto próprio para a disciplina no currículo da escola pública;

c) Refletir sobre processo atual do ER ministrado no Ensino Fundamental II, a formação, metodologia, recursos, técnicas e ainda descrever as técnicas e recursos didáticos utilizados no Ensino Religioso e também as novas propostas para a época atual para o melhor aprimoramento das aulas ministradas, avaliar a prática pedagógica (ensino /aprendizagem) a partir das considerações e da prática de sala de aula de alguns educadores de Ensino Religioso;

d) Por fim, espero contribuir para a revisão da importância do Ensino Religioso na escola pública estadual em Boa Vista-Roraima, e apontar elementos para uma avaliação e aprimoramento da formação docente nesta área.

II - Notas sobre a teoria e a metodologia da pesquisa

A apresentação da abordagem metodológica compõe-se de:

1º) Descrição dos métodos adotados e que dizem respeito ao trabalho como um todo;

2º) Revisão do processo de trabalho para a produção de cada um dos próximos três capítulos, os quais foram produzidos em separado e se propõem a atender, respectivamente, aos objetivos desta Pesquisa.

a) **Metodologia do Trabalho:**

Para o desenvolvimento da pesquisa escolhemos uma abordagem metodológica que conjugou dois métodos distintos e complementares de análise qualitativa:

1º Momento: Pesquisa teórica, documental: Fundamentação teórica sobre as técnicas didáticas utilizáveis e sobre os recursos didáticos no ensino religioso.

- Um histórico sobre o Ensino Religioso no Brasil (séculos XVI a XX), com destaque para o período pós LDB de 1996, situando-o, sobretudo, a partir da conjuntura política e educacional nas esferas federal e estadual; e da relação entre Estado e Igrejas Cristãs, principalmente a Católica;

- A complexidade da religiosidade no Brasil hoje, alguns caminhos para uma história do tempo presente do campo religioso brasileiro, as relações entre religião e política no Brasil, dinâmica humanizante no processo formativo, da legislação atual nos âmbitos federal e estadual, e de marcos teóricos sobre o Ensino Religioso, com a contribuição de educadores e especialistas, e de órgãos religiosos ou com interesses afins, que procuram demarcar o lugar e justificar a importância da disciplina no currículo da escola pública, e que apresentam considerações e orientações sobre a sua formação docente.

2º Momento: Pesquisa de campo – Aplicação de questionário misto: Levantamento de depoimentos de professores e alunos em Ensino Religioso da rede pública estadual de, através de visita para preenchimento de questionário, e que tinham como finalidades:

- analisar a metodologia /prática pedagógica e assim ampliar e/ou re-significar o campo das experiências que visam dar ao Ensino Religioso identidade própria;

- descrever as técnicas e recursos didáticos e possíveis lacunas existentes, cuja análise acerca da realidade do Ensino Religioso na escola pública poderia ser idealizada ou descontextualizada;
- refleti, trazendo novos olhares e questionamentos que enriquecessem a Pesquisa, no tocante sobretudo à formação docente no processo metodológico na área do Ensino Religioso, prestando, assim, serviço relevante à comunidade científica através da socialização desse produto.

Capítulo 2: Prática Pedagógica dos Professores do Ensino Religioso em Boa Vista-RR

Ensino Religioso segundo modelos teóricos distintos: Houve uma consulta seletiva a autores e documentos que convergem como procedência do Ensino Religioso na escola pública. Dentre os educadores João Décio Passos, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira e destacaram-se a professora Anísia de Paulo Figueiredo, e especialistas da área de Ensino Religioso que tinham artigos publicados pela revista especializada Diálogo. Os documentos e órgãos consultados foram principalmente: os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Temas Transversais, do Ministério da Educação e Desporto (PCN); os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER), do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER); a Secretaria de Estado da Educação de Roraima; Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB);

A fonte de pesquisa escolhida foi a revista especializada Diálogo, editada pelas Edições Paulinas, no período de 1995 (ano de seu lançamento) até o término de 2000. O critério que adotei para esse rastreamento foi o de passar um “pente fino” em todos os artigos publicados durante esse período, identificando aqueles que enfocavam os temas referentes à metodologia da disciplina, seu lugar no currículo escolar e a formação de seus professores. A revista de periodicidade trimestral, forneceu-me 47 artigos com esse enfoque mais explícito, o que me ajudou sobremaneira a caracterizar os modelos teóricos de compreensão do objeto do Ensino Religioso e sua

abrangência e assim, sendo escritas identificando-se e analisando-se as orientações dos diversos órgãos e documentos consultados, a respeito da situação atual do Ensino Religioso e da formação do seu professor. A *Dimensão Positiva e negativa da Pedagogia no Ensino Religioso, por uma superação do impasse* foi o que requereu maior distanciamento da minha parte pelo fato de pertencer à equipe de Assessores da SEED/RR na Divisão responsável pelas oficinas, Fórum e encontros com os professores da rede estadual - diante do que espero ter conseguido guardar a objetividade necessária à discussão sobre os diferentes modelos teóricos adotados pela disciplina.

b) Processo da Pesquisa:

Capítulo 2: Prática Pedagógica dos Professores do Ensino Religioso em Boa Vista-RR: Iniciei por um levantamento de obras de autores e instituições na área do Ensino Religioso, através de leituras de que já tinha conhecimento e sugestões bibliográficas da orientadora e/ou recolhidas junto a assessores a Coordenação de Ensino Religioso Estadual. A busca desses autores e obras foi direcionada para o tema da história do Ensino Religioso no Brasil e pelas legislações que o regeram. Esta tarefa contou com a contribuição de autores como: João Décio Passos, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira e Anísia de Paulo Figueiredo (história do Ensino Religioso no Brasil).

Capítulo 3: O Ensino Religioso ministrado no fundamental II em escolas estaduais em Boa Vista: Diante da conveniência de redimensionar o Projeto de pesquisa a ser desenvolvido, também a proposta de ouvir o depoimento de diversos atores envolvidos com a Área de Ensino Religioso (professores, alunos, gestores e coordenadores pedagógicos teve de ser repensada. Optamos por ouvir a experiência de um grupo de professores. Os critérios estabelecidos foram: estar atuando na rede pública estadual e dentro da cidade de Boa Vista; ter pelo menos 03 anos de magistério na área. Para que a escolha do grupo fosse a mais representativa e tivéssemos professores trabalhando com públicos diversos e diferentes realidades

sociais, consideramos 30 professores um bom número a ser ouvido. O questionário formulado para consulta aos professores pedia dados pessoais, trajetória de estudos, experiência profissional e, por fim, impressões acerca da formação e prática de sala de aula bem como recursos e metodologia na área do Ensino Religioso, questão a respeito dos textos e subsídios pedagógicos mais utilizados em sala de aula pelo professor de Ensino Religioso. Onde identificar esses professores? Inicialmente, recorri a Secretaria de Estado da Educação e Desporto de Roraima, onde obtive a lista atualizada de todos os professores de Ensino Religioso de Boa Vista e o nome das escolas onde atuavam. Os contatos com cada professor se deram pessoalmente nas escolas. Apresentei a proposta da Dissertação, a importância do relato de experiências de professores para esse Trabalho, a forma como cheguei até ele e indaguei sobre seu interesse e disponibilidade em colaborar com a Pesquisa. Todos se prontificaram a colaborar, mas alguns preferiram responder o questionário em outro momento e mesmo tendo manifestado o desejo de colaborar com esta Pesquisa, não devolveram o questionário. O grupo reduziu-se a 15 professores. Como já estava precisando concluir a tabulação dos dados de todos os questionários preferi ficar com este número, para não atrasar o trabalho. Ao todo foram visitados 15 professores, os contatos pessoais que estabeleci foram muito esclarecedores, não só para conhecer a riqueza das experiências dos professores, mas igualmente para levantar questionamentos e novas considerações, para além do que havia sido previsto pelo questionário, e que eu acabava incluindo em questões já respondidas anteriormente. Dentre as respostas, algumas me pareceram não corresponder ao que fora perguntado, talvez pelo próprio estilo de escrita de um ou outro professor. Apesar disso, julgo que não chegaram a comprometer a qualidade do conjunto das respostas levantadas ao final da tabulação. Além de tabuladas, todas as respostas foram classificadas de acordo com os aspectos comuns e que facilitaram sua apreciação posterior, quando confrontadas com as considerações levantadas até então, juntamente com a contribuição de outros autores.

Ao todo foram visitados 40 alunos, sendo dez de cada ano (6º, 7º, 8º e 9º) e também foi feita observação em cinco turmas de 6º ano na Escola Severino

Cavalcante. Os contatos com os alunos se deram pessoalmente nas escolas. Apresentei a proposta da Dissertação, expliquei importância da participação na pesquisa e todos aceitaram responder o questionário.

Desenvolvida a pesquisa, a presente Dissertação se apresenta com a seguinte formatação:

I – Técnicas e recursos didáticos utilizáveis no ensino religioso em Boa Vista -RR, Fundamentação teórica sobre as técnicas didáticas, Algumas técnicas utilizáveis no ER, Fundamentação teórica sobre os recursos didáticos, Dinâmica humanizante no processo formativo. Descrição e discussão dos procedimentos metodológicos de construção da pesquisa, como também dos principais autores com os quais dialoguei. Ensino Religioso na história da educação brasileira: a trajetória da disciplina na educação, do Brasil Colônia até os dias de hoje, no cenário nacional e na realidade roraimense, apresentando seus problemas, desafios e avanços;

II – Prática Pedagógica dos Professores do Ensino Religioso em Boa Vista – RR, o Ensino Religioso na ótica de modelos teóricos distintos: *A Dimensão Positiva e negativa da Pedagogia no Ensino Religioso, Por uma superação do impasse*, concepções diversas sobre a presença do Ensino Religioso na escola pública e a apresentação da proposta da disciplina por diferentes órgãos e em documentos oficiais, tais como: os Parâmetros Curriculares Nacionais, do Ministério da Educação e do Desporto; os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso, do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso; a Secretaria de Estado da Educação de Roraima e a Coordenação de Ensino Religioso bem como :considerações sobre a formação especializada e continuada na área.

III – O Ensino Religioso ministrado no fundamental II em escolas estaduais em Boa Vista –RR, análise qualitativa da observação participante (alunos /professores), relato e análise dos depoimentos de 15 professores de Ensino Religioso da rede pública estadual de Boa Vista, como também de 40 alunos que responderam prontamente o questionário. A metodologia do professor do ensino religioso na formação integral dos alunos do fundamental II em escolas estaduais de Boa Vista-RR.

CAPÍTULO I

TÉCNICAS E RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZÁVEIS NO ENSINO RELIGIOSO EM BOA VISTA- RR

Nesse Capítulo I serão tratados os seguintes temas: 1) Fundamentação teórica sobre as técnicas didáticas; 2) Algumas técnicas utilizáveis no ER. 3) Fundamentação teórica sobre os recursos didáticos; 4) Dinâmica humanizante no processo formativo.

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE AS TÉCNICAS DIDÁTICAS NO ENSINO RELIGIOSO

O Ensino Religioso, enquanto área de conhecimento e disciplina, faz parte do currículo escolar, portanto, todos os atores sociais têm o direito de ver contempladas suas manifestações, tradições e opiniões no conjunto dos conhecimentos desta disciplina, mesmo os que se denominam ateus.

Entende-se que esses conhecimentos são garantidos como direitos do cidadão e estão entrelaçados a um contingente escolar e pedagógico mais amplo, tendo em vista um ensino-aprendizagem que contemple os sujeitos do processo. Vê-se neste contexto uma disciplina que busque a compreensão do *Homo religiosus*, livre para suas escolhas de vivências espirituais.

O pluralismo e a diversidade cultural e religiosa, constantemente contempladas no processo educativo, favorecem um tipo de linguagem que está aberto ao conhecimento das diversas tradições religiosas, à valorização e ao compromisso com a laicidade, evitando quaisquer forma de proselitismo

como preconiza o artigo 33 da Lei 9394/96 modificado através da Lei 9475/97.

As orientações pedagógicas advindas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional são fundamentais para a atuação no âmbito do ensino religioso e as reflexões dele emanadas podem fornecer aportes teóricos e práticos para discutir as questões básicas de educação.

Portanto, vivemos um momento de reestruturação desta disciplina no que diz respeito às mudanças ocorridas na sociedade. Nessa época, caracterizada como pós-moderna, a demanda se dá em torno de um conhecimento cultural que incida sobre os processos de mudança, das atitudes e do reconhecimento dos valores. Para isto, será importante valorizar as experiências dos alunos, suas diferenças culturais e religiosas, tendo como base os princípios éticos, a autonomia, a responsabilidade para com o outro, visando a ações solidárias.

A criatividade para articular os conhecimentos na sala de aula, as discussões, os debates podem se acercar das temáticas envolvendo a política, a ética, a democracia, a família e a espiritualidade com o objetivo de compreender a contribuição das tradições religiosas.

Pode-se ainda buscar o conhecimento das diferentes manifestações religiosas dentro das perspectivas do sincretismo religioso, visto que as tradições religiosas estão em constante processo de bricolagens.

As informações discorridas em sala de aula podem proporcionar o reconhecimento da identidade do aluno, enquanto ser religioso, para saber acolher, conhecer, conviver, aprender a ser, respeitar o outro, educando-o para a sensibilidade e para a criatividade religiosa, superando preconceitos sobre (ou sob?) as diferentes manifestações.

Esse conhecimento religioso tem o sentido de busca de entendimento que responda as questões existenciais: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Diante dessas indagações o ser humano desenvolverá competências de relacionar-se consigo, com a natureza, com a sociedade e

com o transcendente, envolvendo-se na construção de um projeto pessoal e coletivo que vise à interação com as várias dimensões da vida.

Os eixos temáticos do ER trabalhados no Estado de Roraima, possuem fundamentos nos Parâmetros Curriculares Nacionais do ER, discutidos e orientados pelo Fórum Nacional Permanente do ER-FONAPER, e pelas escolhas teóricas demandadas por um grupo de cerca de 60 (sessenta) professores do Ensino Religioso de Roraima, em capacitações realizadas nos meses de agosto, outubro e novembro de 2012, e cuja sistematização ocorreu nos dias 30 e 31 de janeiro e 01 de fevereiro de 2013. Os eixos pretendem interagir no processo ensino-aprendizagem, na construção do conhecimento religioso através do fenômeno religioso e da cultura e tradições religiosas, embasados nas ciências da religião, configuradas como a filosofia, a história, a sociologia, a psicologia, a teologia e a antropologia religiosa, tendo por objeto a busca do diálogo, do respeito à pluralidade cultural religiosa brasileira.

De acordo com (FONAPER, 2000). Os Cinco Eixos Temáticos são os seguintes:

EIXO 1: Cultura de tradições religiosas:

1 Filosofia e tradição religiosa: A ideia do transcendente na visão tradicional e na visão atual;

1.1 Filosofia Tradicional: O homem pouco se conhecia;

1.2 Atual: O homem conhece a si mesmo;

1.3 A diversidade religiosa na visão tradicional e contemporânea.

2 História e tradição religiosa: com a evolução da história os conflitos religiosos foram diminuindo e houve o aumento de algumas denominações religiosas.

2.1 A evolução da estrutura religiosa nas organizações humanas no decorrer dos tempos;

2.2 A origem e a evolução das tradições religiosas;

2.3 A evolução da estrutura religiosa no Brasil.

3 Sociologia e tradição religiosa: Os grandes líderes políticos influenciaram de forma direta na escolha religiosa de seus povos.

3.1 A função política das ideologias religiosas;

3.2 A função social das diversas religiões;

4 Psicologia e tradições religiosas: Em todas as religiões a questão da psicologia é latente, pois a influência dos líderes é notada nos formatos das religiões (sermões, castigos, direcionamentos):

4.1 A tradição religiosa na construção do inconsciente pessoal e coletivo;

4.2 A inter-relação religiosa.

EIXO 2: Ritos

1 Rituais:

1.1 Religiões afro-brasileiras;

1.2 Religiões indígenas;

1.3 Budismos;

1.4 Cristianismo (católicos e evangélicos);

1.5 Islamismo (muçulmanos);

1.6 Judaísmo;

1.7 Espiritismo.

2 Significados dos rituais religiosos.

3 Os símbolos mais importantes de cada tradição religiosa.

4 A espiritualidade como experiência religiosa, elemento vital para o fiel e suas formas de se relacionar com o sagrado (oração, culto, missa, etc).

EIXO 3: Textos sagrados

1 Revelação: a manifestação do sagrado nas tradições religiosas através da pessoa ou indivíduo escolhido pela divindade, na qual o mesmo o representa:

1.1 Judaísmo: Torá

1.2 Cristianismo: Bíblia e profetas.

1.3 Islamismo: Alcorão

1.4 Hinduísmo: Sacerdotes

1.5 Espiritismo: Evangelhos, textos psicografados.

2 História das narrativas sagradas: A origem dos acontecimentos religiosos dos textos revelados:

2.1 Mitos;

2.2 Formação dos textos sagrados;

2.3 Cristianismo e Judaísmo: Abraão e a fé.

3 Cultura textual: A influência do contexto social, político e religioso determinante para a redação final dos textos sagrados.

3.1 Contexto social, político e religioso;

3.2 Cristianismo e Judaísmo: Moisés e as leis;

3.3 Indígenas: sem regras aparentes.

4 Exegese: explicação dos textos sagrados revelados e a percepção humana sobre Deus através da observação dos sinais pelo qual a divindade se manifesta.

4.1 Análise;

4.2 Interpretação.

EIXO 4: *Ethos*

1 Normas, tradições religiosas e diversidades dos costumes referentes a:

1.1 Família;

1.2 Sociedade.

2 Como as religiões tratam das questões relacionadas com:

2.1 Violência;

2.2 Sexualidade;

2.3 Drogas;

2.4 Trabalho;

2.5 Aborto, etc.

3 A fundamentação dos limites éticos e valores morais propostos pelas várias tradições religiosas:

3.1 Direitos

3.2 Deveres

3.3 Respeito às diferenças culturais e religiosas.

4 O comportamento ético.

EIXO 5: Teologia

1 Divindades: cada povo desde os primórdios adorava deuses representado algumas vezes por fenômenos da natureza, animais, imagens ...

2 Verdade de fé: cada religião crê em determinados símbolos, rituais.

3 Vida além-morte: crença das tradições religiosas em relação à morte.

Portanto considerando que o ato de construção do conhecimento se dá a partir da relação sujeito-objeto, cabe ao professor munir-se de um instrumento (método) que o auxilie nessa articulação. De modo geral o professor de Ensino Religioso deve:

*Observar.

* Informar-se.

* Refletir sobre o que observou e se informou.

A abordagem didática dos conteúdos deve respeitar uma sequência cognitiva para que o processo de aprendizagem se dê numa continuidade, pois se “aprender é construir significados, ensinar é oportunizar essa construção”. Para que isso aconteça de maneira mais adequada, é necessário que se considerem o Ensino Religioso:

- A construção do conhecimento a partir daquilo que o aluno conhece de si e de sua tradição religiosa.
- A possibilidade de aprofundamentos.
- A complexidade dos assuntos religiosos. Tendo em vista a pluralidade cultural que compõe o Brasil.
- Ações didáticas em sala que promova a interação.
- Conteúdos e procedimentos didáticos que levem em consideração a faixa etária e o ambiente cultural de interesse do aluno.

O papel do professor é passar suas experiências através de trocas, conversas, discussões, atividades que façam o aluno refletir. A criatividade, o lúdico, a poética, a imaginação da criança/adolescente deve permanecer, e não ser cortada e moldada às novas circunstâncias.

O professor de Ensino Religioso, no exercício de sua prática pedagógica, precisa ser o mediador que envolva e leve o aluno a interagir com o conhecimento.

Percebe-se que o aluno é o sujeito desta práxis educacional e está em interação com o outro e a mesma contribui para a construção de seu arcabouço cultural. Todas as disciplinas devem participar desta interação, inclusive o Ensino Religioso.

Para ocorrer tal interação, a escola deve promover situações de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento das dimensões afetiva, física, intelectual, social e religiosa do aluno.

A última dimensão (a religiosa) é responsável um por provocar diálogo religioso, mostrando ao aluno uma nova forma de pensar e viver dentro da pluralidade religiosa existente nas escolas, nas ruas, nas próprias famílias, ou seja, no seu *habitat*. Identificar os vários métodos e técnicas que contribuem para o melhoramento da prática docente é de suma importância para a análise. Apesar de todos os conhecimentos serem passados pelo professor, os alunos recebem as informações, porém, não precisam ser passivos nas aulas, também podem realizar suas atividades de forma independente, coletiva e conjunta, mas isto não impede a orientação do professor(BOHNER,2000).

Há uma definição do termo didática que foi instituído por João Amós Comenius, em sua obra Didática Magna, no século XVII, e originalmente significa “arte de ensinar”. Essa definição possibilita em sua interpretação voos mais longos, representa possibilidades: de criação, de expressão, de transformação, de organização de mundo, enfim, de alternativas para a construção de outra qualidade de relações entre as pessoas.

Onde a técnica possa ser também um ato de criação no sentido de buscar caminhos cada vez mais facilitadores nas relações que se desenvolvem em sala de aula. Qualquer trabalho humano demanda a criação de técnicas que tentam qualificar melhor às ações, potencializar melhor os esforços. (GOMES,2001).

Entre as deficiências da educação, históricas, políticas e sociais, uma das mais preocupantes se refere à própria prática pedagógica, ao cotidiano da sala de aula, ao conteúdo escolhido e a forma como ele é trabalhado, sem deixar de lado, as relações que se estabelecem entre professores e alunos que são fundamentais na qualidade de qualquer processo educativo.

Esse é outro nó da questão, a distância que se criou entre os conteúdos selecionados como conhecimentos sistematizado a ser transmitido e a ausência de relação desses conteúdos com a vida do aluno. A escola não acompanhou a dinâmica de mudança e a complexidade cada vez maior da sociedade atual. Portanto, faz-se necessário criar, e também utilizar novas técnicas.

A formas que usamos para ensinar é de suma importância, pois por meio delas motivamos ou não os alunos. Se a motivação acontece de dentro para fora, o professor não pode entregar a motivação para o aluno, mas pode provocá-la para que os mesmos se desequilibrem, e, a partir disso possam buscar o conhecimento necessário, integrá-lo aos conhecimentos anteriores, utilizá-lo em benefício da realidade e reelaborá-lo para ampliar seu repertório e recorrer a ele quando necessário.

Portanto, requer do professor criar ou usar técnicas em sala de aula temas, questões para oportunizar momentos de diálogo, a crítica, o pensar e repensar, a pesquisa e as conclusões do grupo, sem exercer o papel doutrinador, mesmo tendo o espaço para expressar a sua posição.

A metodologia do Ensino Religioso deve ser dinâmica e inovadora, permitindo três momentos :

Sensibilização: Configura-se com atividades de sensibilização, permitindo integrar os diferentes aspectos do educando: biofísico, afetivo, cognitivo, cultural, social, religioso, ético e estético. Essas atividades de integração (*holopraxis*) são orientadas com intencionalidade de propiciar ao aluno uma abertura ao outro e à humanização, bem como o estabelecimento de relações que favoreçam o aprendizado por meio do diálogo.

Observação: reflexão–informação: No momento seguinte, sugere-se a realização de atividades de observação-reflexão-informação, de forma simultânea, numa dinâmica circular, em que, ao mesmo tempo observa-se, reflete-se e se informa. Busca-se, desse modo, decodificar e analisar os elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, enfocando os conteúdos em uma rede de relações.

Síntese e proposição ética: O terceiro e último momento constitui uma síntese e proposição ética. Nesse momento, busca-se coletivamente estabelecer com os alunos um referencial de

comportamento ético, de forma articulada com o conteúdo trabalhado. (BARBOSA, 2002).pois segundo Silva:

de mero transmissor de saberes,o professor deverá converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações,coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências,tornar-se memória viva de uma educação que, em lugar de aferrar-se ao passado (transmissor), valoriza e possibilita o diálogo entre culturas e gerações. (2002, p. 70).

Para (PRETTO 1999). as técnicas de ensino podem ser desenvolvidas em forma de discussão, onde os pequenos grupos debatem um determinado assunto, pois todas as ideias são aceitas e analisadas sob diversos ângulos, podendo ocorrer nessas discussões conflitos com qualquer regra previamente adotada.

Os alunos, juntamente com o seu professor, podem:Realizar diversos trabalhos expositivos, como o trabalho de discussão circular, cochicho, grupo de verbalização e de observação, seminários, teatro, trabalhos em grupos, pesquisas em *blogs* ,*chat* ,*skype*, videoconferência (mensagens de texto e áudiovídeo), *unconference* (conferência. em que as pessoas se ouvem, se veem e interagem, também escrevendo ou trocando materiais sem barreira do espaço), didático acadêmico, em que se permite ter aulas interativas *on-line*, *Slide Share* ,uma plataforma que funciona de forma totalmente igual ao *You Tube* e que possibilita compartilhar não só *clips*, mas *slides* e apresentações particularmente úteis nas conferencias,TV. Pendrive permite apresentação aos alunos de cada um dos textos sagrados pela TV, fazendo um breve comentário sobre cada um deles e observar o que há de semelhante entre os textos,vídeos.

O uso de vídeo está ocorrendo de maneira incrível no oceano do comportamento aberto, que é o fenômeno *You Tube*,*Yahoo*, *Veoh*, metacafé e outros. Apontamos, enfim, programas de busca de *clips* como *blinkcs*. Todos esses sites de compartilhamento de vídeos permitem aos usuários fazer um *uplod*, ou seja, carregar os seus vídeos pessoais gravados com os próprios meios, embora de má qualidade ou de nível profissional, mas também “curtas”, *trailers* e sequências de filmes. Existe também locais como

o *Tangle*, um *You Tube* inteiramente voltado para o sentido religioso cristão, que originalmente se chamava *God Tube* - uma espécie de abordagem de Deus e da Fé sobre a forma de vídeo. Esses trabalhos mencionados podem ser desenvolvidos em todas as disciplinas, como, por exemplo, no Ensino Religioso.

Na verdade, é preciso respeitar costumes, hábitos, crenças, sexos, níveis socioculturais diferentes e cuidar para que a apologia da diferença não acabe por justificar as diferenças entre classes sociais que aumentam a cada dia e que afastam cada vez mais, uma camada da população da possibilidade de ter a dignidade reservada para todos os homens e mulheres.

Como as diferenças devem ser respeitadas segundo CORALINA,1997:

Revivo a velha escola e agradeço, alma de joelhos, o que esta escola me deu, o que dela recebi. A ela agradeço meus livros e noites festivas, meu nome literário. Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina. Lugar de honra para todas as esquecidas mestras do passado. Mestra Silvina - beijo suas mãos cansadas, suas vestes remendadas (CORALINA,1997,p.41).

A função do mestre é fazer com que os alunos reconheçam suas próprias capacidades e disposição para desenvolvê-las com dedicação, tomando a consciência das necessidades básicas do ser humano, reconhecendo que todos possuem os mesmos direitos e deveres, respeitando as datas especiais como momentos de alegria e maior aproximação entre as pessoas, entre outros.

O papel do ER deve ser o de favorecer a discussão em torno do contexto social existente e do desenvolvimento do senso crítico, possibilitando a descoberta do “diferente” em nosso meio, evidenciando situações em que se manifeste a inexistência da ética e criando uma nova forma de convivência, a fim de que possamos viver como irmãos no exercício da cidadania.

A disciplina em foco, também propõe a viabilização e a reconstrução de uma ética no espaço escolar, comprometida com o seu projeto político-pedagógico, visando capacitar o educando para participar como sujeito e artífice da sua própria formação, buscando liberdade e na responsabilidade a dimensão ética na construção do ser e na revitalização de uma sociedade justa e solidária, através de muitos recursos, inclusive os didáticos.

1.2 ALGUMAS TÉCNICAS UTILIZÁVEIS NO ENSINO RELIGIOSO

A questão não é motivar alunos para que continuem aprendendo aspectos do conhecimento de forma estanque. A questão é dar sentido. Não basta a invenção de pretextos para que os alunos passem a gostar de estudar. Criando projetos sem desenvolver uma dimensão política, cultural e social ao conhecimento, é preciso partir do saber do aluno, pois é exatamente considerando esse saber que podemos questionar e atingir a curiosidade, elemento fundamental para a aprendizagem.

A curiosidade inicial é, como chama FREIRE (1997), uma curiosidade ingênua que o real trabalho educativo pode se transformar em curiosidade crítica.

Na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica.[...] A curiosidade como inquietação indagadora, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe parcialmente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 1997, p.34-35).

Em resumo, é importante ao educador conhecer, aprofundar e compreender como o mundo está mudando e esta mudança possui um

impacto no contexto escolar e o uso das tecnologias constrói conhecimentos por meio da troca de experiências, dos aprendizados e do acesso mais amplo às informações disponibilizadas e assim proporciona a realização de trabalhos pedagógicos. Não podemos esquecer que os alunos de hoje são sedentos pelas mídias porque nasceram estão crescendo usando várias tecnologias como: tablets, celulares, Ipads, smartphones, videogames, notebooks, internet, aparelhos MP3, etc.

Nossos educandos necessitam de educadores atualizados com os novos recursos digitais/tecnológicos. Faz-se necessário a busca de novas informações, e isso implica conhecer e usar instrumentos eletrônicos e outros recursos pedagógicos que auxiliará a aprendizagem significativa:

É uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino.(LIBÂNEO, 1992, p.222).

O professor que naturalmente não possua os atributos necessários pode valer-se da didática e seus instrumentos a fim de munir-se de todo um aparato que lhe capacitará a exercer sua função de forma excelente.

Avaliando o contexto na qual está inserido, a disciplina e a melhor abordagem tornando o conhecimento cada vez mais próximo à realidade do aprendiz, assim o que outrora era teórico e abstrato , torna-se tangível , como esclarece Libânio sobre a atuação do professor :

a Didática é o principal ramo de estudo da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, as condições e os modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos (LIBÂNEO 1992, p. 25).

1.3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE OS RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO RELIGIOSO

As ciências da religião fornecem fundamentação epistemológica ao ER a partir das interações entre ela e a pedagogia e a filosofia. As atitudes de compreender a religião como uma experiência humana, como a experiência existencial e como, o que respeita as modalidades de ser crente e pensante fornecem instrumentos necessários para essa relação significativa entre as ciências da religião e o ER.

Além do mais, as ciências da religião podem ainda oferecer bases teóricas e metodológicas para a abordagem da dimensão religiosa, integradas aos discursos sobre a educação. (SOARES, 2010; PASSOS, 2007).

Antes de se falar propriamente dos Recursos Didáticos, é necessário que se analise a complexidade da religiosidade brasileira para que depois sejam aplicados os Recursos Didáticos na prática do Ensino Religioso.

1.3.1 A complexidade da religiosidade no Brasil de hoje

Antes de tudo, o Ensino Religioso (ER) procure superar as condições doutrinárias empreendidas pela religião oficial do Império brasileiro, no século XIX, pela negação da Educação religiosa demandada em alguns momentos da república brasileira e pelo sectarismo formalizado pelos diversos modelos que a educação religiosa ainda tenta implantar no Brasil.

Estas separações foram protagonizadas pelos modelos confessional e interconfessional. No confessional, o ensino era oferecido a partir da opção religiosa do aluno ou de seu responsável. O professor era preparado pelas

entidades religiosas e o ensino era considerado diferenciado para cada confissão religiosa.

No modelo confessional, os alunos eram separados para que o professor da confissão religiosa dele ministrasse as aulas. No interconfessional, algumas entidades religiosas entravam em acordo e passavam a ser responsáveis pelo currículo. Tais formas foram incluídas no artigo 33 da primeira versão da LDB que foi modificada.

Pretende-se superar também o proselitismo, o preconceito e as manifestações contrárias a qualquer forma de credo religioso ou dos sem religião, tendo o foco no conhecimento das tradições religiosas mundiais, nas manifestadas historicamente na cultura brasileira e nas que, recém-surgidas que possam proporcionar uma relação de identidade com quaisquer manifestações culturais.

Uma ideia interessante em relação à forma de se trabalhar com o ER poderia ser aquela que melhor se adaptasse as condições da religiosidade da sociedade, da escola e dos professores.

Conforme assinala Bohne (2000), nesta educação entende-se a religião como fenômeno permanente da humanidade que atende as necessidades espirituais, tendo o ensino religioso sem caráter confessional, por se referir à educação em geral, sem nenhuma ligação a partido político.

Outro modelo, não oposto ao anterior, é o apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso, descrito em Bohne (2002), no qual os educadores de várias tradições religiosas apresentam o que há de comum numa Proposta educacional: um profissional sensível à pluralidade, consciente da complexidade sociocultural em questões religiosas, garante mais a liberdade do educando sem proselitismo.

Há a indicação de que a família e a comunidade religiosa são os lugares privilegiados da experiência de fé. Diferentemente disto, a escola pública é espaço socializador do conhecimento e que, somente através dos conteúdos, não se pode comunicar experiências e vivências religiosas.

A escola pública é o local de se fornecer informações sobre os aspectos do Fenômeno Religioso presentes nas culturas. Para essa visão, o ensino Religioso Escolar não pode ser nem inter-religioso, nem ecumênico, mas antecede à opção religiosa, que se fará na família ou na comunidade religiosa.

Essas aulas, ao serem ministradas, não serão "aulas de religião", nem catequese, nem escola dominical. Devem sim demonstrar e focar as condições multiculturais da sociedade, respeitando o posicionamento religioso dos docentes. O professor deve ter uma consciência sobre o Fenômeno Religioso e áreas afins, conhecer o diálogo nas diversas áreas do saber e ter uma formação em licenciatura no Ensino Religioso.

Ainda que, não haja um modelo único, tanto do ponto de vista pedagógico quanto da organização dos conteúdos, para a condução das aulas do Ensino Religioso, vê-se que uma construção coletiva do currículo, ainda que básica, pode orientar melhor os professores, visando a uma ampliação dos conhecimentos dos docentes e discentes em relação ao Fenômeno Religioso e às múltiplas manifestações religiosas.

Desta forma, contempla-se a visão dos professores envolvidos na construção coletiva do conhecimento religioso, e a visão de estudiosos que têm se manifestado através das publicações nacionalmente reconhecidas acerca do Ensino Religioso.

Conforme Anísia Figueiredo (2007) O Ensino Religioso nas escolas sempre tem sido alvo de controvérsias. Seria o mesmo uma continuação do que se aprende nas igrejas, por causa do seu próprio surgimento conturbado. Entre 1500 e 1800, o Ensino Religioso no país estava integrado entre escola, Igreja, sociedade política e econômica.

O objetivo dessa época era fazer com que os alunos se integrassem aos valores da sociedade.

O que prevalecia no Ensino Religioso era a evangelização da religião oficial, ou seja, da Igreja Católica e não dos protestantes, judeus, espíritas, entre outros.

De 1800 até 1964, a educação estava ligada ao Estado-Nação, pois a escola seria pública, gratuita, laica para todos.

A burguesia tomou o lugar da hierarquia religiosa e a educação manteve-se vinculada ao projeto da sociedade.

De 1890 a 1930, o Ensino Religioso passou por grandes e controvertidos questionamentos, uma vez tomado como principal impedimento para a implantação do novo regime em que a separação entre Estado e Igreja se deu pelos ideais positivistas.

Mesmo com a existência da laicidade do ensino nos estabelecimentos oficiais, o ensino da religião permaneceu ligado aos ensinamentos do catolicismo.

De 1930 a 1937 o Ensino Religioso é de caráter facultativo, pois as aulas são ministradas conforme os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestadas pelos pais e responsáveis. O Ensino Religioso seria uma disciplina ministrada nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais.

Mais adiante, os “escola novistas” foram contrários ao Ensino Religioso pelo motivo da laicidade. Obrigatoriedade e gratuidade do ensino público. No Estado Novo (1937-1945), o Ensino Religioso deixou de ser obrigatório para os alunos, sendo que, no terceiro período republicano (1946-1964), o Ensino Religioso foi contemplado como dever do Estado para com a liberdade religiosa do cidadão que frequenta a escola.

A laicidade do Estado é legítima, mas não excludente do tipo de educação pleiteado pelo cidadão que frequenta a escola pública.

De 1964 a 1996, ocorreram transformações profundas, a escola deixou de ser um espaço unitário e coerente de um grupo privilegiado e muitas contradições da sociedade foram trazidas para as escolas.

Durante o quarto período republicano (1964-1984), o Ensino Religioso passou a ser obrigatório para a escola, pois o aluno poderia decidir em cursar ou não, no ato da matrícula, o Ensino Religioso.

De 1986 a 1996, o Ensino Religioso buscou a sua redefinição como disciplina regular do conjunto curricular. O Ensino Religioso passou a ser facultativo, sendo uma disciplina dos horários normais das escolas públicas do Ensino Fundamental.

Pensar o campo religioso brasileiro na perspectiva da história do tempo presente implica de saída em constatar certa lacuna: trata-se de um tema que tem sido privilegiado no âmbito dos estudos antropológicos e sociológicos, mais que nos históricos.

Apesar da crescente e abundante produção na área histórica do tempo presente, na verdade poucos historiadores têm se interessado pelo assunto específico da religião ou pelas dinâmicas históricas do campo religioso brasileiro como fenômeno contemporâneo.

É possível apontar, partindo da análise de Pierre Sanchis (1998), a partir de duas tendências gerais nas dinâmicas atuais do campo religioso brasileiro: uma de heterogeneização, outra de homogeneização .

A primeira tendência, de heterogeneização, traduz forças de pluralização e diversificação presentes na sociedade brasileira como parte de um fenômeno maior que insere o país nos rumos da modernidade. Trata-se de um processo que, intensificado no princípio do século XIX com a chegada dos protestantes, cresceu ao longo do século XX, novos matizes aos já conhecidos tons dos catolicismos e das religiões indígenas e afro-brasileiras.

Parte desse desenvolvimento implicou na institucionalização dos grupos religiosos concorrentes no campo, que definiram entre si identidades contrativas, por vezes gerando traços fundamentalistas, como no caso de alguns protestantismos históricos e pentecostalismos.

O cristianismo brasileiro é, na verdade, em sua origem, já plural. Basta pensar no grande espaço de diversidade que é o catolicismo brasileiro.

Pode-se nele encontrar, por exemplo, coabitado uma igreja institucional, hierárquica e formar outra mais popular com crenças e práticas heterodoxas e informais; ainda outra carismática, em franco trânsito

simbólico com um carisma de origem protestante e ainda outra liberdade engajada politicamente à esquerda e aproximando pobres e excluídos – todas essas tendências convivendo não raramente de modo conflituoso sob o guarda-chuva institucional da Igreja Católica Apostólica Romana e mais ou menos submissas ao sumo pontífice.

Esse tipo de “unidade na diversidade” conforma uma espécie de ranho de fundo contra o qual, dada sua hegemonia simbólica, deve-se estudar qualquer manifestação religiosa brasileira.

No protestantismo dito histórico (lorenos, congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais), a construção de identidades em contratildades deve-se concomitantemente de uns para com os outros e de todos sem exceção para com a Igreja Católica. Foi a partir de sua inserção no território brasileiro que o campo religioso local dinamizou-se, acirrou-se e teve início uma maior diversificação.

Considere-se, nesse sentido, que boa parte dos protestantes presente no Brasil é debitária de processos de despertar ou reavivamento, ocorridos nas Igrejas da Europa e dos Estados Unidos no século XIX, nos quais as identidades em negociação tinham como principal critério de pertença a adesão ou pela conversão e vida regrada ou pelo assentamento a um corpo doutrinário tudo como verdadeiro e absoluto.

A busca pela definição de fronteiras claras em ambos casos torna-se uma marca, também no contexto brasileiro. Grupos como as testemunhas de Jeová, dos mórmons e dos adventistas do 7º dia, apesar do difícil enquadramento no campo cristão protestante, carregam um etos sectário bastante semelhante ao de certas Igrejas assim classificadas.

Por sua vez, as implicações de ruptura do pentecostalismo brasileiro (Assembleia de Deus, Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, etc.) tem sido também bastante anunciada a dinâmica de adesão ao pentecostalismo, acarretando de alguma forma o rompimento com o universo tradicional do catolicismo e (ou das religiões afro-brasileiras), que passam a representar uma vida pré-egressa, muitas vezes demonizada.

A nova vida do crente constitui-se, assim, por oposição à vida antiga. O processo inclui arrependimento e conversão, bem como adesão a um novo estilo de espiritualidade e a uma sociabilidade na qual o fiel torna-se imediatamente um irmão, por oposição ao que acontece nas estruturas, muitas vezes, anônimas do universo tradicional. Se antes a pessoa era apenas mais um na multidão, com a pertença pentecostal é imediatamente nomeada e assume um lugar social em um grupo que crê e se comporta de modo determinado.

Por sua vez, grupos neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Deus é Amor), com estilos de pertença por vezes menos rígidas, ao mesmo tempo em que incorporam crenças e práticas advindas do universo das religiões afro-brasileiras e do catolicismo, institucionalizam-se e diferenciam-se daqueles através de sua desqualificação e demonização como o famoso caso do chute na imagem de Nossa Senhora Aparecida.

O universo das religiões afro-brasileiras (candomblé, xangô, casa de mina, umbanda, etc.) tem também suas exigências de alinhamento. Por exemplo, bastante estudado nesse âmbito o fenômeno de construção identitária pela busca de origens puras.

Nessa ótica, a religião mais pura e mais confiável, é aquela que estiver mais próxima às origens africanas e mais abertas a outras influências. Há nessas constatações, sabe-se, a influencia de antropólogos no uso de teorias hoje revistas que conduziam a uma busca romântica de origens (ver MONTERO, 1999, p.342-350).

De modo mais preciso, podemos afirmar que o campo afro-brasileiro passa pela dinâmica de uma fidelidade criativa, que ao passo que busca seus fundamentos e constrói identidades mais ou menos contrastantes, interagem também em um universo aberto e fluido de significados e práticas (do qual trataremos adiante) e é compartilhado também pelos demais grupos.

O espiritismo Kardecista coloca também suas fronteiras, apesar de situar-se em um lócus próximo ao mesmo tempo do universo das religiões de

possessão, pelo transe mediúnico, e do cristianismo, em função de códigos e práticas absorvidas como a referência a Jesus Cristo e a utilização do novo testamento.

Assim, por exemplo, é recorrente no Kardecismo o discurso que identifica e separa as práticas umbandistas como diferentes e indesejáveis, manifestações de espíritos menos evoluídos.

A preferência pelos códigos cristãos, por sua vez, facilita a aceitação e a circulação em uma sociedade hegemonicamente católica, semelhantemente ao protestantismo histórico, todavia, o espiritismo Kardecista assume um discurso que, imaginado no século XIX, quer dar as razões de sua fé e exige uma compreensão que possa também ser explicada.

Um claro iconoclasmo reforça tal veio racionalista. A doutrina correta, assim, implica no elencar de heterodoxias, ideias falseadas que devem ser substituídas por uma compreensão acertada, para a evolução do espírito humano. A prática da caridade, nesse contexto, contribui como fator de diferenciação, uma vez que fora dela não há salvação. Na caridade reside, então, a força da evolução,

Outra fatia que pode ser acerbada é a de grupos étnicos minoritários: São judeus, mulçumanos, cristãos ortodoxos, budistas, xintoístas e confucionistas que, fruto de movimentos migratórios, colaboram também para a pluralização religiosa brasileira,

Ainda outra série de práticas, crenças e instituições numericamente menores configura um universo vívido e dinâmico que inclui religiões orientais (Seicho-no-iê, Igreja Messiânica, Fé Bahaí, Hare Krishna, Sufismo, Ananda Marga, Brama Kumaris), religiões amazônicas, o uso da Ayahuasca, o circuito neoesotérico, Vale do Amanhecer, Religião de Deus, etc.

Quando colocados sob a insígnia de Novos Movimentos Religiosos, aos quais pessoas livres de amarras tradicionais aderem voluntariamente, estes grupos e práticas, conjuntamente com os que se auto intitulam sem

religião, representam as mais fracas cores das forças de pluralização e diversificação do campo religioso brasileiro.

A outra tendência conforme o argumento de Sanchis (1998) é a de homogeneização, uma serie de traços comuns, suprainstitucionais, que perpassam o universo mental e as práticas do campo.

Sua primeira constatação é de que há certo clima espiritualista: um universo povoado de espíritos-orixás, desencarnados, nossas senhoras, anjos, forças cósmicas, espírito santo, etc. que interagem e influenciam na vida das pessoas.

O que possibilita essa dinâmica entre o mundo dos espíritos e o mundo material é uma intercomunicabilidade dos sistemas simbólicos constituída historicamente e geradora de um “clima cultural” onde tudo é possível em termos de religião. Gera-se assim a possibilidade de uma pessoa experimentar a comunicação com o mundo do além a partir de códigos ao mesmo tempo kardecistas e católicos, ou mesmo pentecostais, sem a constatação necessária da distância ou da incompatibilidade doutrinaria de tais vertentes. O processo de formação das possibilidades desses fluxos de sentido deve como veremos, ser pensado em perspectiva de tempo longo.

Uma segunda característica é a crescente relativização das certezas no que tange às crenças religiosas. Em meio ao bombardeio, viu-se no Brasil uma modernização particular não excludente dos padrões mágicos de crenças e das relações sociais hierárquicas pré-modernas e, ao mesmo tempo, aberta aos rearranjos da pós-modernidade.

Isso decorre, conforme Sanchis (1998), que no Brasil o sagrado cristão (religião) e o sagrado pagão (magia) convivem com certo equilíbrio. Essa homogeneização do campo leva por fim a pertenças institucionais relativamente frouxas. São comuns tanto o transito religioso quanto as pertenças duplas, os cruzamentos, as porosidades, os hibridismos.

Uma pessoa pode, assim, ser adepta praticamente do Seicho-no-iê e da Igreja Católica sem maiores contradições, e ainda com a possibilidade

de, por exemplo, encontrar um ambiente frutífero e híbrido entre ambas as tradições em práticas como as do culto aos antepassados e das missas de 7º dia.

Por fim, Sanchis (1998) sublinha, como que em conclusão, a persistência de um universo tradicional de identidades porosas no campo religioso brasileiro:

Entre os três 'momentos' da modernidade, um, sociogeneticamente fundado, e constantemente confirmado no decorrer da história do Brasil é dotado por enquanto e apesar da multiplicação de fatores contrários de especial permanência. Uma pré-modernidade duradoura e constantemente reinvestida dotou assim o Brasil de um *habitus* (história feita estrutura) de porosidade das identidades (SANCHIS 1998, p 23).

Portanto, para reconstruir as práticas, é preciso reconstruir o capital de esquemas informacionais que permite produzir pensamentos e práticas sensatas e regradas, sem a intenção de sensatez e sem obediência consciente a regras explícitas. É preciso compreender um senso prático que joga o jogo.

Em se falando nas especificidades do campo religioso brasileiro, podemos, então, nos perguntar pelos processos de formação histórica do próprio campo e de seu *habitus* religioso. Abrem-se, assim, possibilidades para pensar o intercurso entre a noção de campo religioso no Brasil e o fazer de uma história do tempo presente, ou seja, de colocar sob o aspecto da análise histórica o fenômeno religioso atual como algo que tem uma autonomia relativa, um subespaço sociocultural que possui sua lógica própria, sua historicidade e que não pode ser reduzido a fenômenos econômicos ou políticos.

Ao apresentar sua percepção do campo religioso brasileiro, Sanchis (1998) aponta também algumas questões centrais ao debate contemporâneo no ambiente da história do tempo presente, como abordadas, por exemplo, por François Bédarida, René Rémond e Michael Pollak, a saber, questões

relativas ao passado como tempo reencontrado e reconstruído no presente e às elaborações indenitárias da memória em meio a processos sociais e políticos.

1.3.2 Alguns caminhos para uma história do tempo presente do campo religioso brasileiro

Primeiramente, a história do tempo presente é uma história da duração, não de instante, o que permite problematizar historicamente as pesquisas e distinguir-se de trabalhos jornalísticos, por exemplo. É, além disso, um tipo de prática que deve estar aberta à mudança, à acolhida de novos temas e de novas fontes, a fim de poder dar conta da novidade permanente e da dinâmica de seu objeto.

Nessa perspectiva, deve-se considerar primeiramente que na produção de crenças e práticas religiosas pela atualização e revisão de seus fundamentos estruturais estão também em movimento modos de representação e compreensão individual e grupal, jogos e negociações de identidades e memórias.

As pessoas se percebem nas memórias, nos discursos, nas práticas. Identidade é, nesse sentido, o “que o sujeito pretende ser, aos olhos dos outros e seus próprios olhos, eventualmente até o que ele se esforça para se persuadir que ele é”, como disse Sanchis (1998,p. 62). Por isso, tanto os diversos jogos de poder ao redor da manipulação de discursos e memórias, quanto possíveis formas de apropriação e ressignificação dos mesmos podem estar na pauta de uma história como a que aqui pensamos.

As identidades e memórias em questão, nessa ótica, não são entendimentos perenes e sem história, mas tem seus processos de produção, seus jogos de poder e suas contradições, que se fazem e se refazem pelas histórias contadas e recontadas e pelo que é enunciado nas dispersões dos eventos discursivos(p. ex. FOUCAULT, 2005). Nesse sentido, discursos, memórias e identidades se entrelaçam de modo complexo nas práticas históricas.

A memória é já em si “um elemento constituinte do sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 204). Memórias de grupos e indivíduos são articuladas dinamicamente, nas condições do tempo presente e em meio a interações sócias e históricas, pela construção e reconstrução de lembranças, no que se dá suporte a identidades individuais e coletivas.

Todo o processo é, assim, atravessado pela linguagem e pelo discurso. As pessoas contam e recontam histórias sobre acontecimentos grupais, elaborando e reelaborando mitos que, ao atuarem no caso da religião como meta narrativas hierofânicas, tornam possível sua sociabilidade e embasam uma história comum (ver ELIADE, 1994).

Nesse processo, os sujeitos religiosos lembrando o que querem, o que podem ou que lhes é permitido, numa construção seletiva da memória, vão elaborando suas identidades sempre em referência aos outros, a critérios de aceitabilidade e de credibilidade. Memórias e identidades religiosas são, por isso, também disputas em meio a conflitos sociais entre grupos políticos diversos (NEVES, 2000, p. 110-113; APTER 2001, p. 11645-11646; POLLAK, 1992, p. 201-206; FELIX, 1998, 35-45).

O tema pode também ser trabalho pensando, por exemplo, produções de memórias coletivas, definidas por Flamarion Cardoso (2005, p. 17) como:

Um conjunto de elementos estruturados que aparecem como recordações, socialmente partilhadas, de que dispunha uma comunidade sobre sua própria trajetória no tempo, construídas de modo a incluir não só aspectos selecionados, reinterpretados e até inventados dessa trajetória como, também, uma apreciação moral ou juízo de valor sobre ela.

Em ambos os níveis, tais ingredientes se modificam no tempo segundo mudem as solicitações que, em diferentes situações histórico-sociais, façam ao passado as instâncias organizadoras da consciência social.

Segundo Dosse: “A tradição só vale como tradicionalidade na medida em que afeta o presente” (DOSSE, 2004 ,p.179).

No caso do Brasil, deve-se levar sempre em consideração no nível político-religioso o grande peso da Igreja Católica enquanto instituição, contra ou a favor da qual as demais religiões precisam se posicionar, gerando novos discursos, memórias e identidades.

Um campo profícuo e emergente é o da história oral. O processo implica em tratar o testemunho oral como documento histórico que possibilita pensar os modos de conduta, as práticas e rituais, o escondido, o subjacente, a transformação do simbólico, dos sentidos (MEYER ,200, p.79 , 81).

As narrativas biográficas, as palavras utilizadas, os discursos sobre o passado, a possibilidade de tomar ao mesmo tempo os fatos e suas representações, a percepção das polifonias existentes e a própria estrutura da conjuntura da entrevista perfazem uma multiplicidade de possibilidades interpretativas no contexto das fontes orais (FERREIRA , 1994 , p. 9-12; MEYER , 2000 , p .94 ; ALBERTI, 2005).

1.3.3 As relações entre religião e política no Brasil

Nesta ótica, no que se refere às relações entre religião e política no Brasil, uma primeira consideração a ser feita é a de que no curso da separação formal entre Igreja e Estado na entrada do período republicano, a religião não foi simplesmente relegada à esfera privada como aconteceu em processos de modernização na Europa.

Como bem sublinhou Paula Montero (2006), a partir de Habermas, a diferença que aqui deve ser feita não é entre esfera estatal e Igreja, mas sim, entre uma esfera pública do Estado, uma esfera privada da sociedade e uma esfera burguesa ou sociedade civil.

Tal diferenciação implica em considerar o tema da modernização, e por conseguinte da secularização, de modo alternativo a aplicação simplista de teses weberianas que descambam na crença no atraso brasileiro em relação a países desenvolvidos.

Ela exige que em lugar de um processo de secularização linear e universal busque-se identificar as configurações específicas que as formas religiosas assumem em cada sociedade em função de seus modos particulares de produzir historicamente a diferenciação e a articulação das esferas estatal, privada e civil.

Nessa ótica, Montero argumenta que a separação entre Igreja e estado no Brasil, ao invés de eliminar o traço religioso do social por sua superação ou de relegá-lo à esfera privada, alocou a religião na sociedade civil.

A religião institucional, assim, deixou em princípio, de influir diretamente no Estado mas continuou coisa pública, espaço amplo e frutífero de produção e circulação de bens simbólico-religiosos e de *habitus* para a vida política e civil.

Nesse sentido, a emergência de Estados seculares não tem como decorrência necessária e privatização da religião. Antes disso, o direito à liberdade religiosa privada e à condição moderna que interessa às próprias religiões. É o caso do pluralismo religioso brasileiro, que se constituiu historicamente em nome do direito à liberdade de consciência e privacidade. Assim, por exemplo, foi interessante a Igreja Católica desvencilhar-se do estado e do sistema de padroado para ganhar espaço junto à sociedade civil. Fizeram também parte desse embate: liberais, anarquistas, protestantes, espíritas e afro-brasileiros.

Mais especificamente, Montero sustenta o enquadramento, no caso brasileiro, do que era tido como magia naquilo que se convencionava chama de religião:

[...] no Brasil o processo de diferenciação das esferas sociais não implicou a erradicação da magia, mas uma forma particular de enquadramento daquilo que era percebido como “magia” naquilo que era o cristianismo. (...) tal processo não redundou na retirada das religiões do espaço público: ao contrario, resultou na produção de novas formas religiosas, com expressão pública variável conforme o contexto e as suas formas específicas de organização institucional. (...) o compromisso normativo resultante do movimento de produção de novas institucionalidades religiosas - em meio a um conflituoso debate público em torno do que poderia ser ou não compreendido como

“mágico” e dos seus efeitos sobre a ordem social-nunca levou a uma desmistificação da experiência religiosa (seja nos termos do tipo ideal weberiano da ética protestante, seja nos termos práticos e políticos da igreja católica) capaz de promover, de maneira generalizada, formas religiosas subjetivas (MONTERO, 2006, p.50)

Conforme a percepção da autora, no processo de constituição do Estado republicano brasileiro e das leis penais e sanitárias que visavam disciplinar o espaço público, deve-se considerar, por exemplo, o combate às feitiçarias e curandeirismo como manifestação do estabelecimento de uma ordem pública moderna.

Nesse contexto, ao passo que a liberdade religiosa estava constitucionalmente estabelecida, era também preciso diferenciar o que era religião do que era magia, processos classificatórios, ao mesmo tempo simbólico e político.

Montero demonstra em seu argumento, valendo-se de pesquisas de Emerson Giumbelli, Lísia Negrão e Yvonne Maggie, as estratégias pelas quais, na primeira metade do século XX, o espiritismo Kardecista e a Umbanda constituíram-se em religiões tendo como referência a Igreja Católica, enquanto práticas negras como as do candomblé eram associadas ao crime e às drogas.

Ela demonstra também que tal processo deu-se no contexto de ação do estado na construção de uma ordem jurídica “negociada a partir dos saberes acumulados pelos ‘homens de lei’ e pelos médicos” (id., p.54), informados por matrizes tanto científicas quanto religiosas, que legitimaram determinadas formas de religião em detrimento de outras: “as particularidades de formação do estado e da sociedade civil no Brasil construíram o pluralismo religioso a partir da repressão médico-legal a práticas percebidas como mágicas, ameaçadoras da moralidade pública” (id., p.56). Nesse processo, configuraram-se “estilos” de cultos derivados de terminadas combinações dos códigos culturais disponíveis.

Um exemplo curioso dessa interação dinâmica entre religião, estado, sociedade civil e política temos no estudo apresentado pelos antropólogos Marcelo Tadvald e Daniel de Bem (2007) acerca do vereador petista porto-alegrense Aldacir Oliboni.

Em seu segundo mandato na vereança da capital gaúcha, Oliboni, líder comunitário e ex-seminarista, protagoniza há 28 anos o papel de Jesus Cristo na procissão de páscoa do morro da cruz, em Porto Alegre, à qual concorrem milhares de pessoas anualmente. No caso de Oliboni, fica bastante clara a imbricação entre o campo político e o campo religioso.

A imbricação do religioso e do político, em meio às dinâmicas da esfera civil, estendendo-se à esfera privada, pode bem ser percebida em diversas áreas do campo religioso brasileiro.

O fortalecimento de bancadas evangélicas, por exemplo, em nível municipal, estadual e federal é outro fenômeno que tem sido bem estudado.

Essa área de pesquisa, novamente frequentada com maior regularidade por cientistas sociais, permanece aberta às investigações históricas, colocando-se como espaço frutífero de possibilidades de abordagens temáticas e teórico-metodológicas.

Questões éticas parecem de fato saltar à vista do historiador de modo especial quando o propósito é tratar do presente, isto se deve basicamente a duas condições: de um lado, o fato de o “objeto” estar possivelmente vivo e poder interagir com o “sujeito cognoscente”; de outro, a percepção clara da auto implicação cultural e social do pesquisador, possibilitada pela proximidade temporal do “objeto”.

Limitar-me-ei apenas a tecer alguns breves comentários.

Para começar, cito Bédarida (2006, p. 227):

[..] se o historiador deve manter um distanciamento crítico em relação a seu objeto de estudo e proceder com discernimento e rigor, nem por isso ele consegue ser neutro. E mais que uma esquivia: uma renúncia. Pois nele existe apenas uma consciência e somente uma: sua consciência de historiador e sua consciência de homem.

A articulação que busquei das ideias apresentadas foi norteadada pela preocupação com um objeto específico que creio ter suas especificidades, a religião, e esta no tempo presente.

Nesse ímpeto, penso que uma abordagem que considere os eventos do campo religioso brasileiro no contexto de uma duração maior possa ser bastante eficiente.

Acredito também que o trato de temas (já um tanto esgotados em outras áreas de pesquisa) como memória, identidade e política, levando em conta as especificidades históricas do campo religioso brasileiro, possa ainda servir de norte para muitos estudos da religião em nosso meio. Com questões éticas, por sua vez, teremos de permanecer nos debatendo, e, para tanto, transparência, humildade e disposição para o diálogo continuarão sendo virtudes necessárias.

No Brasil, existem grandes esforços pela renovação do conceito do Ensino Religioso, da sua prática pedagógica, da definição de seus conteúdos, natureza e metodologia adequada ao universo escolar.

Partindo para os sujeitos do espaço escolar, é necessário enfatizar que a educação é importante para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade. Os dois principais personagens que fazem parte deste desenvolvimento são: o professor e o aluno.

Na década de 1970, o professor deveria ser preparado, em seu curso de formação, para lidar com imprevistos de sua carreira, inovando sempre o seu cotidiano para tornar mais dinâmico e humanizante o processo formativo.

1.3.4 Alguns recursos didáticos no Ensino Religioso

A prática de todo professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados e com isso busca-se coerência entre o que se pensa estar fazendo e o que realmente se faz.

Portanto é importante ressaltar sobre as práticas, pois se constitui a partir das concepções educativas e metodológicas de ensino que permearam a formação educativa e o percurso profissional do educador ,aí incluídas suas próprias experiências escolares ,suas experiências de vida, a ideologia compartilhada com seu grupo social e as tendências pedagógicas que lhe são contemporâneas.

E isso tudo requer que a escola seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia a dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior, deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitando aos alunos usufruir das manifestações culturais /religiosas nacionais e universais.

No Brasil temos recursos didáticos, capazes de desobscurecer os temores de que havia até então, como professor de ER segundo o modelo confessional. Abordagens metodológicas inovadoras que estimula a iniciação à pesquisa podendo contribuir para mudanças na prática docente.torna-se tangível , como esclarece SPADARO sobre os desafios tecnológicos do conhecimento coletivo:

A difusão das tecnologias digitais permite às pessoas , hoje mais do que nunca , permanecerem “conectadas “, isto é,terem a possibilidade de abrir com facilidade ,de forma direta e a custo acessível , ou até gratuitamente,canais de comunicação capazes de superar muitas barreiras e distancias. Se outrora era necessário abrir uma conexão (enviar uma carta, telefonar , enviar um fax ...)que depois se fechava ,hoje a extensão das redes de transmissão digital

faz com que pessoas se vejam virtualmente sempre em conexão aberta com qualquer outra e com todo conjunto da rede :isso significa que está construindo um espaço invisível de conhecimentos,de saberes,de potencialidades de pensamento. Em outras palavras, vai-se construindo juntamente com um sistema tecnológico para comunicar e pensar, uma espécie de inteligência distribuída em toda parte e em contínuo crescimento (SPADARO, 2012, p.153).

Portanto a prática do educador deve ser pautada em aspectos como: Temas e contextualização, saberes didáticos e curriculares, sensibilidade religiosa , respeito a diversidade cultural , conhecimento sobre as diversas tradições religiosas e por um planejamento prévio das atividades de ensino e manter a condução flexível das atividades em suas aulas. Podemos elencar recursos didáticos a serem trabalhados nos cinco eixos do Ensino Religioso(BOHNER,2000).

- 1- Cultura e Religião- TV multimídia, vídeo, música, álbum seriado, símbolos;
- 2- Escrituras Sagradas- livros, blogs, revistas, objetos religiosos;
- 3- Teologias- cartazes, laboratório de informática, biblioteca,cinema;
- 4- Ritos ou rituais-imagens, slides, TV pendrive, DVD, roupas típicas, adornos,
- 5) Ethos –retroprojeter, computadores, jornais, data show, dicionários, trechos de filmes.

1.4 DINÂMICA HUMANIZANTE NO PROCESSO FORMATIVO

É importante trabalhar os conceitos formulados pela sociedade na qual o discente está inserido, e saber que tais conceitos possuem todo um processo histórico de formação, não podendo ser desconsiderado ou simplesmente alterado.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional contempla a diversidade cultural e religiosa. Neste sentido, se faz necessário resgatar o conhecimento religioso a partir dos elementos culturais do Brasil.

A preservação da memória reabilita a identidade, promove a compreensão das raízes e significados e oferece sentido aos fios da história.

O Ensino Religioso pode contribuir para superar a fragmentação da vida, da consciência e do conhecimento, valorizando a dimensão religiosa como oportunidade de reflexão, cultivo, totalidade, diversidade e memória (BOHNE, 2000).

Dessa forma, os enfoques histórico, filosófico, sociológico, antropológico, psicológico e teológico que apresentem as tradições religiosas brasileiras: Afro-brasileiras, Cristianismo, Espiritismo e indígenas - acrescidos das tradições religiosas de grande expressão como o Judaísmo, Budismo, Islamismo e Hinduísmo, não excluindo nenhuma religião, sejam elas originadas das tradições orientais, ocidentais, tribais ou mesmo os sem religião.

O conhecimento das tradições religiosas diz respeito à totalidade da vida, da morte do ser humano e dos mistérios canalizados pelo transcendente e que a sociedade buscou durante séculos.

Esse conhecimento requer uma audácia, um empreendimento que dê sentido ao absoluto, que entenda os rituais e respeite as diversas manifestações de espiritualidade.

O estudo do Fenômeno Religioso deve, nesse sentido, responder às indagações religiosas e ser visto a partir da perspectiva religiosa, contemplando manifestações e expressões sensíveis, considerando suas manifestações típicas dadas pelos ritos.

O Fenômeno Religioso é objeto do Ensino Religioso, sendo por ele decodificado, entendendo como se dá essa busca de transcendência pelas experiências espiritual, religiosa, comunitária e institucional. (BOHNE, 2000).

As culturas e tradições religiosas estudadas exigem uma reflexão para elaboração de conceitos, sem deixar os seus próprios conteúdos e possíveis ligações existentes entre eles. O estudo dessa temática explora o conceito de diálogo e a alteridade.

Existe uma implicação mútua entre cultura, tradição e religião que não pode conter uma visão simplista dessas realidades. Deve-se pensar esses termos com a lógica da complexidade e não da redutibilidade. (BOHNE, 2000).

O referencial curricular organizado visa a fundamentar o planejamento através das escolhas dos conteúdos para a prática contextualizada.

A pedagogia do Ensino Religioso deve empreender objetividade enquanto observa, indicar o seu objeto de observação, distanciar-se do objeto, colocar o objeto descrito e analisado na vida religiosa dos discentes.

Faz parte das escolhas teóricas o estudo da experiência religiosa com os instrumentos das ciências da religião, seja ela a história, sociologia, psicologia, antropologia, filosofia ou a teologia, todas elas possuem os instrumentos para a realização da pesquisa, tendo como objetivo o estudo dos fenômenos religiosos (BOHNE, 2000).

Para compreender este movimento em direção à escolarização é importante ter claro que, atualmente, o conceito de currículo envolve ainda outros três tipos de currículo: Currículo formal (Planos e Propostas pedagógicas), Currículo em ação (aquilo que efetivamente acontece nas salas de aula e nas escolas), Currículo oculto (o não dito, aquilo que tanto alunos, quanto professores trazem, carregado de sentidos próprios, criando formas de relacionamento, poder e convivência nas salas de aula).

Para a base nacional comum, o currículo refere-se ao conjunto de conteúdos mínimos das áreas de conhecimento, articulado aos aspectos da vida cidadã, pois para a instituição desta base nacional, a partir da LDB, assume uma parte diversificada, supondo um novo paradigma curricular que une a educação fundamental com a vida cidadã.

O Ensino Religioso com inclusão obrigatória nos Currículos Nacionais refere-se às noções e conceitos essenciais sobre fenômenos, processos, sistemas e operações que contribuem para a constituição de saberes,

conhecimentos, valores e práticas sociais indispensáveis ao exercício de uma vida de cidadania plena.

Entre as características da formação do cidadão está a possibilidade de cada um expressar-se livremente, podendo apresentar suas ideias em todos os campos.

Uma das consequências desta liberdade é a mudança de referencial, ou seja, da tentativa de se criar uma sociedade homogênea para uma sociedade em que predomina a convivência com o pluralismo sociocultural-religioso.

A partir destes pressupostos, surge o modelo proposto para o Ensino Religioso, estabelecido no momento em que a nação confronta-se com as consequências políticas de uma economia neoliberal, um subjetivismo cultural e uma concepção religiosa pentecostal carismática.

A nova concepção é o resultado de um longo percurso na organização de aprendizagem para compreender a elaboração do Ensino Religioso.

Como componente curricular, é necessário considerar esta estruturação e suas diretrizes, visando a responder às necessidades do novo cidadão (JUNQUEIRA, 2002, p.8-9).

Há neste sentido um conjunto de conteúdos e interpretações que podem dar sustentação ao currículo e ao planejamento de sala de aula.

A contextualização dos conteúdos do Ensino Religioso de Roraima deve levar em consideração a realidade dos alunos, seja em relação às suas opções religiosas, sua origem cultural ou sua liberdade de não optar por nenhuma religião.

O Ensino Religioso assume um papel significativo, o de contribuir para a constituição de um novo cidadão e não apenas "formar" ou "confirmar" um fiel. O problema é pedagógico e não religioso. (JUNQUEIRA, 2002, p.12).

O Ensino Religioso tem como objetivo favorecer a discussão em torno do contexto social existente e o desenvolvimento do senso crítico, possibilitando a descoberta do diferente em nosso meio, evidenciando situações em que se manifeste a inexistência da ética e criando uma nova forma de convivência, a fim de que possamos viver como irmãos no exercício da cidadania.

A disciplina em foco, também propõe a viabilização e a reconstrução de uma ética no espaço escolar, comprometida com o seu projeto político-pedagógico, visando a capacitar o educando para participar como sujeito e artífice da sua própria formação, buscando liberdade e na responsabilidade a dimensão ética na construção do ser e na revitalização de uma sociedade justa e solidária.

Na prática, busca libertar-se dos aparatos que lhe impuseram ao longo de tantos anos e que lhe deixaram profundas marcas, ao ser tratado como algo estranho no ambiente escolar.

A religião fornece explicações para a origem das coisas e situações vivenciadas e mantém a sociedade unida.

Diante do exposto, percebe-se que a religião é importante para a humanidade. Tanto a afetividade como a racionalidade desenvolve-se a partir das interações sociais, desde a infância e durante a vida toda. É uma oportunidade de ater-se à essência do ser humano, ao sentido de sua história em relação à dimensão do ser religioso, presente em seu contexto educacional, familiar, escolar e na sociedade (BOFF,2009;TAGORE, 1991).

Na vida escolar, realizamos a experiência de socialização dos saberes e, dentre eles, por meio do Ensino Religioso, nos é possível tanto socializar a diversidade de manifestações, fatos e acontecimentos que configuram o fenômeno religioso, como compreender melhor a influência desse mesmo fenômeno no modo de ser e agir das pessoas na sociedade (CORRÊA, 2008 ; GRUEN,1994; COOGAN, 2007).

O Ensino Religioso respeita a pluralidade religiosa presente em sala de aula,o contexto e os conhecimentos prévios do estudante e, assim,no

decorrer do processo de aprendizagem ocorrerá a manifestação da consciência de si por meio da interação com o meio e as pessoas a sua volta, como por exemplo: ao respeito próprio, necessidade que está presente em crianças ainda bem pequenas.

Observação feita nos estudos sociointeracionistas é a concepção defendida por Vygotsky quando refere-se à existência de uma interdependência entre a aprendizagem dos conteúdos curriculares e o desenvolvimento cognitivo. Uma vez que há uma interdependência entre o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem em geral e, em particular, da aprendizagem sistemática organizada pela escola.

Para Vygotsky, a aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro (VYGOTSKY, 1989).

Portanto é de suma importância conhecer seus alunos, pois uma criança que passa por violências, por constantes humilhações, estará inclinada a se desvalorizar, a ter muito pouca confiança em si mesma; Vale dizer que sua afetividade será provavelmente muito marcada por essas experiências negativas.

Embora o respeito próprio represente uma necessidade psicológica constante, ele se traduz de formas diferentes nas diversas idades.

Os juízos e condutas morais também se desenvolvem com a idade, já que estão assentados na afetividade e na racionalidade.

A primeira etapa do desenvolvimento moral da criança é chamada de heteronomia. Começa por volta dos três ou quatro anos e vai até oito anos em média.

Nessa fase, a criança legitima as regras porque provêm de pessoas com prestígio e força: os pais, ou quem desempenha esse papel.

Por um lado, se os pais são vistos como protetores e bons, a criança, por medo de perder seu amor, respeita seus mandamentos; se, por outras

peças, eles são vistos como poderosos seres imensamente mais fortes e sábios que ela, seus ditames são aceitos incondicionalmente.

Vale dizer que a criança não procura o valor intrínseco das regras: basta-lhe saber que quem as dita é uma pessoa “poderosa”. É neste sentido que se fala de moral heterônoma: a validade das regras é exterior a elas, está associada à fonte de onde provém.

Quatro características complementares da moral da criança são decorrência dessa heteronomia(VYGOTSKY, 1989).

- A primeira é julgar um ato não pela intencionalidade que o presidiu, mas pelas suas consequências: Por exemplo, a criança julgará mais culpado alguém que tenha quebrado dez copos sem querer do que outra pessoa que quebrou um só num ato proposital. O tamanho do dano material, no caso, é, para ela, critério superior às razões de por que os copos foram quebrados.
- A segunda característica é a de a criança interpretar as regras ao pé da letra, e não no seu espírito. Assim, se uma regra afirma que não se deve mentir, sempre condenará qualquer traição à verdade, sem levar em conta que, no espírito dessa regra, é o respeito pelo bem-estar da outra pessoa que está em jogo, e não o ato verbal em si.
- A terceira característica refere-se às condutas morais: embora a criança, quando ouvida a respeito, defenda o valor absoluto das regras morais, frequentemente comporta-se de forma diferente e até contraditória a elas. Esse fato provém do não entendimento da verdadeira razão de ser das regras; às vezes, sem saber, age de forma estranha a elas, mas pensando que as está seguindo.
- A quarta e última característica é o fato de a criança não conceber a si própria como pessoa legítima para criar e propor novas regras (caberia a ela apenas conhecer e obedecer aquelas que já existem).

Em uma palavra, todas as características desta primeira fase do desenvolvimento moral da criança são decorrentes da não apropriação racional dos valores e das regras. A criança as aceita porque provém dos pais “todo-poderosos”, e não procura descobrir-lhe a razão de ser. Ora,

será justamente o que procurará fazer na próxima fase de seu desenvolvimento moral, a da autonomia.

Em linhas gerais, a partir de oito anos em média, a criança inicia o processo no qual pode cada vez mais julgar os atos, levando em conta essencialmente a intencionalidade que os motivou, começar a compreender as regras pelo seu espírito (não mais ao pé da letra) e legitimá-las não mais porque provêm de seres prestigiados e poderosos, mas porque se convence racionalmente de sua validade.

O respeito que antes era unilateral no sentido de respeitar as “autoridades”, mas sem exigir a reciprocidade, torna-se mútuo: respeitar e ser respeitado.

O medo da punição e da perda do amor, que inspirava as condutas na fase heterônoma, é substituído pelo medo de perder a estima dos outros, perder o respeito dos outros, e perder o respeito próprio, moralmente falando. Finalmente, a criança se concebe como tendo legitimidade para construir novas regras, e colocá-las à apreciação de seus pares.

A partir dos onze ou doze anos, o respeito próprio torna-se mais abstrato: começa a basear-se nos traços de sua personalidade, traços que não necessariamente se traduzem em ações concretas.

Não existe ainda um projeto de vida (ser ou fazer tal coisa quando crescer) que justificaria um paciente trabalho de preparação. Os objetivos são mais imediatos, seu êxito deve ser rapidamente verificado.

Pode-se dizer da criança que “é o que faz”, ou seja, a imagem que ela tem de si mesma está intimamente relacionada com suas ações. Sua autoconfiança depende do êxito de suas ações.

Projetos de vida começam a ser vislumbrados, e, por volta dos quinze anos (correspondente ao fim do ensino fundamental), poderão já estar claramente equacionados.

Portanto, o respeito próprio começa a ser baseado não apenas em sucessos momentâneos, mas sim em perspectivas referentes ao que é ser um homem ou mulher de valor.

A conquista da autonomia não é imediata. Durante um tempo, o raio de ação dessa autonomia ainda está limitado ao grupo de amigos e pessoas mais próximas; mais tarde a criança passa a perceber-se como membro de uma sociedade mais ampla, com suas leis e instituições.

No entanto, é preciso que fique claro que um sujeito, ao alcançar a possibilidade de exercer a autonomia moral, não necessariamente torna-se autônomo em todas as situações da vida. Os contextos sociais e afetivos em que está inserido podem contribuir ou mesmo impedir a autonomia moral.

A experimentação, a busca por valores diversos e a desconstrução de estereótipos são fundamentais para a criança, adolescente que precisa vivenciar inúmeras etapas para formar sua concepção de mundo, a qual deve ser livre de ideias fixas e totalitárias.

Uma das dificuldades é a rotina da sala de aula, dia após dia, limitada pelas regras da escola. As crianças, adolescentes, porém, tem facilidade em se envolver com fatos simples, abrindo, pois, caminhos para dinâmicas que podem ser feitas dentro da área escolar.

A fase de ser criança não está limitada pela idade, e sim pela possibilidade de experimentação. A infância abrange, pois, mais do que uma época de crescimento físico e mental: o crescimento ocorre em territórios imensos, os quais dificilmente são explorados por adultos. Pois enfrentar o desconhecido, permitindo-se criar novas concepções, enquanto o adulto, procura manter-se “protegido” de perigos e/ou “fatos inesperados”. O papel da educação está vinculado ao fornecimento de espaços e de condições para a experiência.

No Ensino Fundamental, o Ensino Religioso leva em conta que o estudante passa a construir noções abstratas sobre o que é natural, manipulável e prático; a vivenciar a passagem da heteronomia para a autonomia que se dá por meio do desenvolvimento do juízo moral

(PIAGET,1971; LA TAILLE,1992); a ter “acesso ao conhecimento e aos elementos da cultura imprescindíveis para o seu desenvolvimento pessoal e para a vida em sociedade, (...) independentemente da grande diversidade da população escolar e das demandas sociais ” (BRASIL.Resolução 07 de 14 de dezembro de 2010).

O papel do professor com suas experiências, é o de através das conversas, discussões despertar o aluno a refletir. A criatividade, o lúdico, a poética, a imaginação da criança devem permanecer, e não ser cortada e moldada às novas circunstâncias.

É importante trabalhar os conceitos formulados pela sociedade na qual o aluno está inserido, e saber que tais conceitos possuem todo um processo de formação histórico, não podendo ser desconsiderado ou simplesmente alterado.

O professor de Ensino Religioso, no exercício de sua prática pedagógica, precisa ser o mediador que envolva e leve o aluno a interagir com o conhecimento religioso de maneira transparente, respeitando assim as diferenças.

Percebe-se que o aluno é o sujeito desta práxis educacional e está em interação com o outro e a mesma contribui para a construção de seu arcabouço cultural.

Todas as disciplinas devem participar desta interação, inclusive o Ensino Religioso. Para ocorrer tal interação, a escola deve promover situações de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento das dimensões afetiva, física, intelectual, social e religiosa do aluno.

A última dimensão (a religiosa) é responsável pelo diálogo religioso, mostrando ao aluno uma nova forma de pensar e viver dentro da pluralidade religiosa existente nas escolas, nas ruas, nas próprias famílias, ou seja, no seu *habitat*.

Identificar os vários métodos e técnicas que contribuem para o melhoramento da prática docente é de suma importância para a análise.

Apesar de todos os conhecimentos serem passados pelo professor, os alunos recebem as informações, porém, não precisam ser passivos nas aulas, também podem realizar suas atividades de forma independente, coletiva e conjunta, mas isto não impede a orientação do professor.

As técnicas de ensino podem ser desenvolvidas em forma de discussão, onde os pequenos grupos debatem um determinado assunto, pois todas as ideias são aceitas e analisadas sob diversos aspectos.

É necessário, propiciar situações de reflexão para despertar nos alunos o desejo de aprender de maneira dinâmica e participativa nas aulas de ensino religioso, mas para que isso ocorra é necessário desenvolver um sistema de assessoria/ suporte pedagógico, para que de fato o professor aprenda a Metodologia que proporcione os avanços necessários quanto à compreensão da matéria, hoje qualificada como área de conhecimento, integrada ao conjunto curricular.

Para que as condições do ER sejam enriquecidas, é importante e necessária a observação do ser humano diante do sagrado, do divino e suas reflexões últimas: o que é, qual o sentido de sua existência e o que faz aqui?.

No ER está configurada a ultrapassagem dos limites humanos para a dimensão do sagrado, sendo necessário o relacionamento com o absoluto, dando respostas às crises e angústias existenciais. (FERNANDES,2000).

Educador e educando são sujeitos em busca de realização como pessoas. Ao fazer juntos o caminho, buscam a verdade. Se os passos dados são seguros, na direção que se deseja, ambos contribuem para o crescimento e a maturidade no modo de ver, sentir, compreender e agir de cada um deles. (FIGUEIREDO,1993,p.31).

Portanto, o exercício/função do Ensino Religioso é constante e servindo-se de estímulos naturais, a vivência social, econômica, política e cultural da comunidade escolar atendida.

Ainda para A. Figueiredo (1993, p.63) a escola:

é o espaço formalizador da construção do conhecimento , com estruturas e determinações próprias .Por isso mesmo atua como “instância articuladora dos meios que proporcionam as gerações do futuro ,as razões de seu ser e estar no mundo.

O conceito que se tem do Ensino Religioso é muito importante para possibilitar crescimento pessoal, intelectual, social e ético, pois o Ensino Religioso possui uma gama de valores que norteiam e proporciona ação e reflexão, conduzindo e permitindo um discernimento que desperte e com isso influencie o processo de ensino-aprendizagem.

O Ensino Religioso deve ser ofertado por cada Escola, levando em conta sempre a realidade da clientela, planejando com clareza e observando com bastante sensibilidade o público alvo para que seja possibilitado o desenvolvimento de habilidades e atitudes, enfatizando a necessidade do diálogo ecumênico e inter-religioso constante e assim despertar um clima de confiança entre educando e educadores, e com isso, manter o respeito ao outro.

Deve-se buscar desenvolver no educando um novo ou pelo menos um melhor conceito de si mesmo, percebendo-se como ser humano digno da sua razão de ser e de existir no mundo, sendo, portanto, autor da sua própria história.

CAPÍTULO II

PRÁTICA PEDAGÓGICO DOS PROFESSORES DO ENSINO RELIGIOSO EM BOA VISTA-RR

Neste Capítulo II serão tratados os seguintes temas: 1) A dimensão positiva da pedagogia no Ensino Religioso; 2) A dimensão negativa da pedagogia no Ensino Religioso; 3) Por uma superação do impasse.

2.1 A DIMENSÃO POSITIVA DA PEDAGOGIA NO ENSINO RELIGIOSO

A educação, ao proporcionar o desenvolvimento do potencial humano, permite o exercício dos direitos civis, políticos, sociais e do direito à diferença, sendo ela mesma também um direito social, e possibilita a formação cidadã e o usufruto dos bens sociais e culturais.

Na Resolução nº 02/ 98, está claro que o ER é reconhecido como uma área do conhecimento integrante da formação básica do cidadão e que, portanto, nesta condição, ao integrar a base nacional comum, sinaliza à necessidade de formação de um profissional habilitado para ministrá-lo.

Isto implica dizer que o conteúdo de ER deixa os compromissos das representações confessionais e passa para o âmbito secular, em uma perspectiva de área de conhecimento, abrindo-se a um diálogo transdisciplinar.

A concepção de ER como área de conhecimento é fundamental porque aponta para o fato de que, nesta condição, há necessidade de um profissional que assuma seu espaço na formulação do currículo da Escola

Fundamental e seja capaz de realizar interlocuções importantes e convenientes com as demais áreas do currículo.

Não se trata mais, aqui, de uma pessoa, quase sempre voluntária, representante de uma ou de outra denominação religiosa que venha ajudar na Escola com algumas aulas de religião.

O momento da legislação brasileira é outro e dimensiona a questão para um outro perfil de profissional que passa por uma formação acadêmica plena, a qual precisa ser implantada pelas instituições formadoras.

O docente formado numa licenciatura em ciências da religião será capaz de trabalhar numa perspectiva plurirreligiosa e de focar o fenômeno religioso como construção sociocultural e, como construtor de valores éticos. Não será um especialista em sua religião de origem, mas um estudioso do fenômeno religioso em suas constantes e em sua diversidade de manifestações culturais, além de um mediador deste saber no conjunto de saberes de que se compõe o currículo escolar.

Portanto, é necessário personificá-lo na figura do professor e da professora que devem desenvolver habilidades e competências em si mesmos, nos alunos e nos processos escolares, especialmente no que se refere à construção do projeto pedagógico da instituição.

A interferência do ER pode ser visualizada através de seus agentes. Os professores e professoras, além dos espaços naturalmente esperados da sala de aula, em alguns aspectos especiais, como: ser capaz de participar competentemente da gestão da escola e oferecer sua contribuição específica como área de conhecimento.

De fato, o profissional – docente deste saber - deve esmerar-se para que o trabalho realizado no ensino religioso mostre a que veio por meio de muito trabalho, pesquisa, disponibilidade, interesse e desejo de participação.

O professor deve ser capaz de amar os alunos nas suas diferenças, pois o trabalho realizado no ensino religioso está baseado no respeito ao diferente, sendo sua vida e modo de enxergá-lo diversos.

Suas manifestações culturais são diferentes e sempre muito bonitas, se pensadas na prerrogativa da diferença cultural. Assim, sua religiosidade se manifesta diferentemente e esta não deveria ser motivo de surpresa. Mas, na perspectiva do ensino religioso confessional, tal constatação cria a diferença. Esta é a razão que justifica um Ensino Religioso que se pautar pela perspectiva das ciências da religião.

O olhar que inclui a diferença como seu determinante é um olhar amoroso, includente, acolhedor, receptivo e capaz de ver no gesto do(a) outro interlocutor(a) traduções constantemente renovadas da religiosidade.

Desenvolver em si e no outro uma nova concepção de religiosidade, precisa estar conectado à dinâmica dos fatos e que precisa se apropriar do movimento que perpassa as relações interpessoais.

Carrega consigo o compromisso de perceber que, ao se construir, constrói o outro, ao caminhar, traz consigo outros caminhantes, ao aprender, ensina a outros, ao ensinar, aprende com os outros e assim torna-se um permanente convite à parceria: do docente consigo mesmo(a), com os discentes, com os outros colegas docentes, com os conhecimentos paralelos, com as estruturas, enfim, com as diferenças tão presentes na vida da escola.

O professor, segundo essa abordagem teórica, é o diretor do processo de aprendizagem escolar, sendo este a elaboração, no pensamento e pelo pensamento, do conhecimento existente para transformá-lo em saber.

O saber será o conhecimento depois de processado pela inteligência, então transformado em conceitos capazes de reestruturar a compreensão do mundo e da vida. Mais que conceituação e mais que compreensão, o saber implica numa atitude de busca do entendimento da realidade: uma busca dos porquês dos fatos, entrelaçando-se esses porquês numa rede de relações, rede essa que forma a estrutura teórica na qual o sujeito que aprende se situa como agente que se faz, enquanto faz história.

A opção pelas teorias cognitivas de aprendizagem é, portanto, o que se apresenta de início, sendo que autores como Vygotsky, Piaget e Ausubel

poderão ajudar-nos no entendimento do processo que se realiza no coletivo escolar (POZO,1998, p.165-252).

As dimensões desse processo são muito amplas e muito complexas. Todo o acervo cultural da humanidade compõe o âmbito no qual o professor trabalha com os alunos. A instituição escolar entra com o currículo, o sistema de avaliação, o planejamento da formação continuada de seus professores, seus planos de carreira e todas as demais condições necessárias para viabilizar um trabalho de qualidade social.

A qualidade social é outra opção conceitual que fazemos neste trabalho. Nosso paradigma é social porque trata o conhecimento como uma ferramenta mediadora entre o homem e a realidade, libertando-o pelo uso social que faz dela. O conhecimento é libertador, à medida que o mundo conceitual dos sujeitos se amplia a partir dele, ampliando por esse meio o próprio mundo da vida (MACHADO,1995:68).

Os dados da realidade, qualitativos e quantitativos, que o professor trabalha com seus alunos, ao encontrarem um significado em torno deste se organizam,transformando-se em informações. Estas, por sua vez, ao atingirem o nível da compreensão, numa estrutura de relações entre os significados, compõem uma estrutura teórica, pela qual se define o conhecimento.

O conhecimento, sendo o centro da atividade escolar, é construído sobre a base das informações e se articula com o nível seguinte dessa pirâmide informacional, que é a inteligência.

Esta, assim, pode ser o cume da pirâmide, pois trabalha com projetos e valores, pelos quais o conhecimento conquistado é aplicado. O professor deve trabalhar com os alunos o nível do conhecimento aplicado, ou de projetos, os quais se cumprem pela intencionalidade, questão essa que envolve os valores. Sendo o melhor nível do conhecimento atinge a possibilidade da prática, incorporando os níveis anteriores e superando-os, no âmbito das atitudes e de projetos de vida.

A avaliação será por natureza descritiva, e não prescritiva (ROMANOWSKI; WACHOWICZ, 2002).

No momento da ação educativa, o ponto de chegada não pode ser predeterminado, pois nunca está pronto e acabado e assim perde seu caráter controlador e se torna um acompanhamento do processo de construção de uma nova realidade, no pensamento e pelo pensamento. Processo este, que se desenvolve em cada aluno, de uma forma que não se pode prever e, portanto, não pode ser prescrita.

O critério, por sua vez, tem uma natureza subjetiva, porque pertence ao sujeito que realiza a seleção de expectativas, refazendo essa seleção durante o ensino e a aprendizagem. O critério não é prescrito, mas elaborado intersubjetivamente, pelo professor com os alunos, durante todo o processo de aprendizagem, ainda que se reporte a uma seleção de valores intencionalmente realizada pela instituição escolar.

A metodologia decorrente é de julgamento de valor do processo da aprendizagem, com base no referencial de dados descritos pela observação durante a realização desse processo.

Nesta avaliação, um primeiro elemento seriam os conhecimentos ou a ciência socialmente produzida, e um segundo elemento seria o critério para o julgamento de valor da aprendizagem realizada.

O primeiro desses elementos compõe o que podemos denominar de expectativas que a sociedade mantém em relação à aprendizagem. Entre o primeiro e o segundo elemento, entretanto, existe um processo de mediatização, que é a seleção das expectativas, para formar o critério.

Portanto, no processo de avaliação, deve-se valorizar a avaliação contínua, processual e cumulativa, assim, atribuindo a extrema importância do desenvolvimento do processo segundo as necessidades, desejos, emoções e interesses dos alunos.

Neste contexto, o trabalho do professor será em primeiro lugar não excludente, não existindo mais os melhores e os piores alunos, uma vez que

as comparações não se darão entre as pessoas dos alunos, mas entre cada aluno com suas possibilidades e os resultados apresentados por esse mesmo alunado.

As comparações são dos alunos com eles mesmos, cada um deles. Outra consequência é que o tempo de cada aluno para aprender poderá ser respeitado, na medida do possível, segundo as exigências regimentais da escola.

2.2 A DIMENSÃO NEGATIVA DA PEDAGOGIA NO ENSINO RELIGIOSO

No Estado de Roraima, a situação não é diferente dos demais Estados e Regiões brasileiras, aqui ainda não se conseguiu implantar uma política de ER que superasse completamente a velha temática da separação Igreja – Estado, o que significa um grande processo a ser enfrentado e assim conseguir apresentar e sustentar uma proposta consistente de ER do ponto de vista antropológico, com uma dimensão humana a ser educada; do ponto de vista epistemológico, como área de conhecimento com estatuto próprio conforme indica a Resolução 2 /98 da Câmara de Educação Básica; e do ponto de vista político, como uma tarefa dos sistemas de ensino e não das confissões religiosas.

Em vista das dificuldades, as saídas adotadas, até então, para a implementação do ER não compuseram uma proposta consistente que de fato cumpra com qualidade o seu papel. O ensino da disciplina ER é ministrado por professores de outras disciplinas, sem a formação específica para ministrarem aulas nessa área de conhecimento. O Estado de RR, por meio da SEED-RR, vem realizando cursos de formação continuada para os professores da rede Estadual de ensino, no intuito de auxiliá-los no processo de qualificação e com isso melhor ensinar.

O Brasil possui hoje uma pluralidade de modelos de ER, o que se desenha em função de iniciativas locais e não de uma diretriz comum, capaz

de produzir uma prática docente consistente para esse ensino em âmbito nacional.

Portanto, o FONAPER (Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso) que tem uma Proposta coerente e consistente de ER, não conseguiu ainda institucionalizar-se, talvez, por falta de condições Políticas junto aos Sistemas de Ensino.

O convencimento sobre a conveniência do ER escolar se dá, pois, no âmbito mais amplo e profundo de suas grandes questões. Uma primeira, solidamente cristalizada: a laicidade do ensino que exclui os conteúdos religiosos como ameaça aos princípios “fundantes” do Estado moderno. Uma segunda, fragilmente constituída: a fundamentação epistemológica do ER como área de conhecimento.

O convencimento sobre a primeira e sem a segunda só pode abrir espaço para as confissões religiosas assumirem a condução do ER, sendo elas detentoras, segundo a própria concepção do Estado, dos conhecimentos religiosos.

O convencimento a ser feito é, portanto, fundamentalmente de ordem epistemológica, ou seja, a demonstração do estudo da religião como uma área de conhecimento que goza de autonomia teórica e metodológica, sendo capaz de subsidiar práticas de Ensino Religioso dentro dos sistemas de ensino laicos, sem nenhum prejuízo de suas laicidades.

De fato, o estudo científico das religiões é tão laico quanto qualquer outro inscrito na esfera das ciências que são ensinadas nas escolas, o que não significa que todo ensino não traga em seus objetivos a formação de valores nos educandos.

Toda ciência é ensinada com finalidades pedagógicas e tem, portanto, crenças embutidas em suas programações; e toda educação não é uma reprodução de princípios e métodos neutros, mas de valores a serem assimilados pelos educando.

Antes de entrarmos na problemática epistemológica do ER, convém precisar essa nomenclatura um tanto polissêmica que pode designar práticas distintas e até opostas.

De antemão, convém dizer de sua ambiguidade para designar o que entendemos e postulamos para o estudo da religião nas escolas e que exclui de imediato, qualquer conotação de confessionalidade. Entendemos o ER como o ensino da religião na escola sem o pressuposto da fé (que resulta na catequese), sem o pressuposto da religião (que resulta na educação religiosa), mas com o pressuposto pedagógico (que resulta no estudo das religiões).

Esse último pressuposto assume o estudo da religião como um valor fundamental para a educação do cidadão tanto quanto o estudo de outros objetos que se apresentam como temáticas a serem estudadas e ensinadas.

Portanto, embora deva haver uma distinção básica entre o Ensino Religioso e ensino da religião ou ensino das religiões, neste estudo, vamos manter essa nomenclatura Ensino Religioso, que já se tornou lugar-comum na legislação, nos sistemas de ensino, na academia e na própria rotina vocabular; trata-se, portanto, de um conceito geral que designa o estudo da religião como um componente regular nos currículos escolares.

O ER assumido como tarefa epistemológica remete sua fundamentação para o âmbito das ciências e de seu ensino. As perguntas sobre o que ensina e como ensinar regem as licenciaturas como questões a serem articuladas curricularmente no interior dos cursos destinados à formação de docentes nas diversas áreas de conhecimento.

No entanto, as áreas de conhecimentos para serem reconhecidas como tais devem possuir consistência própria, ou seja, terem objetos, metodologias e teorias que acumulam e componham um conjunto coerente e consistente que normalmente adquire o status da ciência. É próprio da ciência, elucidar algum âmbito da realidade e ser capaz de comunicar o caminho dessa elucidação e seus resultados.

As escolas, desde os seus primórdios, tem a tarefa de introduzir os sujeitos nesse caminho, mostrando-lhes os resultados do conhecimento e ensinando-lhes os resultados do conhecimento e ensinando-lhe a trilha mesmo caminho na direção da autonomia intelectual sempre maior.

Há, portanto, uma consistência teórica que segue a consistência pedagógica na prática de ensino nas escolas. Embora possamos e devemos falar em educação fundada em valores humanos, políticos e éticos para os quais, em última instância, orientam-se o ensino das ciências e a formação intelectual. Aquilo que é ensinado nas escolas deve estar substancialmente embasado numa tradição científica; numa referência explicativa e valorativa que vá além do senso comum e de interesses individuais e de grupos.

Não se trata de negar as tradições e as visões de mundo de cada educando, como bem nos ensinam as teorias pedagógicas atuais, mas de proporcionar aos estudantes uma articulação de seus mundos, inclusive o religioso, com as referências ofertadas pelo acúmulo de conhecimento oferecido pelas diversas ciências.

A religião, embora tenha acompanhado o percurso histórico da educação escolar, sobretudo na Idade Moderna, esteve fora desse jogo racional e pedagógico, concretizado na pesquisa e no ensino desenvolvido nas academias e reproduzido nas escolas.

Foi compreendida, quase sempre, como importante para o processo educativo dos estudantes, mas como um dado basilar da educação moral ou, em muitos casos, da formação do cidadão confessional.

Desse modo, as religiões hegemônicas obtinham dos sistemas de ensino um serviço à reprodução de suas doutrinas, mesmo quando essa reprodução não se instaurou como obrigatório para os estudantes de outras índoles religiosas.

Até hoje, as escolas não tiveram as condições para implantar um ER cientificamente embasado, ficando, quase sempre, obrigadas a importar os conteúdos do ER das tradições confessionais e a contar com seus agentes.

Os sistemas de ensino, responsáveis políticos e legais pela gestão das instituições de ensino de modo geral, constituem a fonte do problema, na medida em que não apresentam uma saída diferente, mantendo o ER na condição de exceção epistemológica dentre as demais áreas de conhecimento: um componente curricular importante para a educação dos alunos, com menor ou até sem nenhuma consistência teórica e, por direito, mantido sob a responsabilidade das instituições religiosas.

No entanto, a raiz da questão remete para o âmbito da própria comunidade científica, que bastante tardiamente produziu uma base teórica e metodológica capaz de tratar a religião cientificamente, assim como para a própria base do Estado moderno; esse, em nome de sua laicidade, não tem sido capaz de ver a religião desvinculada dos nichos eclesiais de onde procedem e, o pior, dos interesses expansionistas das Igrejas.

De qualquer forma, o ER tem ocorrido de um modo parasitário dentro das escolas e com as raízes mais profundas fincadas dentro das confissões religiosas.

A partir desse lugar ambíguo, oferece suas propostas educativas e busca sua fundamentação teórica e metodológica que pode variar em função de fatores políticos e eclesiais.

Essas variações produziram e produzem ao longo de nossa história modelos de fundamentação que direcionam diferenciadamente as práticas curriculares e a qualidade das inserções docentes no interior nas escolas .

A questão do ER é ampla e complexa, envolve demolições e construções de natureza política, cultural, eclesial e teórica. A hipótese de três modelos de ER visa detectar e sistematizar suas práticas no decorrer da história, bem como suas tendências atuais.

Além dos três modelos sugeridos: o catequético, o teológico e o das Ciências da Religião - pode haver outros e, muitas vezes, uma composição dos três. São possíveis de construção modelos pedagógicos, modelos que tomem como critério a participação das confissões religiosas na gestão do ER ou, ainda, modelos retirados de periodizações históricas.

Podemos perceber que o ER construiu um percurso histórico que nos fornece os elementos para captar seus modelos subjacentes, e muitas vezes hegemônicos, e projetar um modelo novo, mais coerente com os desafios da realidade atual. (PASSOS, 2004, p. 22-28).

2.3 POR UMA SUPERAÇÃO DO IMPASSE

Ao tratar-se de ER a plena realização humana pode ser alcançada se as necessidades transcendentais e de respeito ao diferente forem trabalhadas, entre outras, tais como as necessidades de educação física e de educação musical e artística, todas elas depreciadas pela administração do sistema escolar, sempre diminuindo até o limite mínimo os investimentos no setor .

Para mudar essa realidade é preciso acreditar na plena realização humana com suas características essenciais, entre as quais está a transcendental, em suas diferentes perspectivas, na concepção de ciência religiosa, ou conhecimento das diferentes tradições que se constituíram ao longo da história nas diferentes respostas culturais da humanidade à questão da necessidade de transcendência.

É uma concepção de mundo e de vida que está na base dessa ação, concepção esta que vai determinar a escolha dos métodos e dos instrumentos de trabalho, na educação escolar.

Sim, são necessárias as concepções de mundo e de vida como base para a educação escolar e, com mais certeza, para o ER. Se esta concepção for realmente forte, ela irá atrás do método e dos instrumentos necessários para expressá-la, nós os criaremos.

O mais importante é a força dessa concepção, que se alimenta do próprio ato pedagógico. Então, para expressá-la. o professor estará avaliando ao mesmo tempo as formas pelas quais os alunos a compreendem, os instrumentos capazes de expressá-la e a concepção mesma que ele tem e quer expressar.

A aprendizagem é uma ação que envolve o indivíduo e a realidade, num contexto complexo, constituído pela seleção de significados que definem objetivamente a cultura. Seria possível avaliar essa ação? E mais: se o indivíduo conhece a realidade e aprende mediante sua ação na realidade, o que poderia ser a escola, se não o ambiente no qual o aluno vai agir sobre a realidade, humana e das coisas?

A mediatização entre o homem e a realidade é o construto da aprendizagem que mais interessa à avaliação, porque envolve a questão da ciência, ou do conhecimento que atinge o nível de projetos e valores. O construto da mediatização está presente no processo de avaliação, no sentido de que o avaliador julga o que está sendo avaliado, através de uma seleção de expectativas, a qual constitui o critério.

Na avaliação, o critério é um construto de percepção, através do qual o avaliador experimenta as manifestações da aprendizagem. Os critérios estão relacionados às expectativas da sociedade, sendo estes os significados intermediários entre o indivíduo e o grupo. Não deixam de ser convenções, através das quais o indivíduo vai compreender sua ação sobre a realidade, e apreendê-la por sua ação.

A avaliação da aprendizagem é uma questão imbricada na questão da metodologia de ensino, esta por sua vez articulada com a concepção de mundo e de vida que os educadores assumirem. Cabe ressaltar a responsabilidade da mantenedora da instituição escolar nessa tarefa, bem como a necessária coerência dessa definição com a forma de existir da instituição, no seu dia a dia.

Os valores presentes na forma de existir da instituição constituem a sua cultura e esta é o “pano de fundo” no qual são interpretados os dados de descrição da realidade a ser avaliada. Esse contexto pode ser decisivo até para definir o que vai ser observado, na realidade que se manifesta. Em todo esse processo, a escola tem trabalhado com aluno padrão.

Contra a sua natureza, pois o sistema escolar é extremamente seletivo e utiliza a avaliação para exercer o poder de seleção e este

processo começa nos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde o trabalho do professor é feito conforme as exigências dos anos subsequentes.

Estes, por sua vez, seguem as exigências do Ensino Médio e o Ensino Médio para o Ensino Superior, para conseguir vencer a barreira de seleção que talvez seja uma das maiores do sistema da educação no Brasil que é o vestibular. E o Ensino Superior trabalha de acordo, isto é, segundo as exigências e necessidades do mercado profissional que a cada dia fica mais competitivo e seletivo.

É necessário, portanto, um grande processo de transformação, trabalho consistente por parte de todos os envolvidos no ER, para que a escola de fato desenvolva o processo de ensino que esteja de acordo com a sua natureza, que é trabalhar com cada aluno segundo suas necessidades, desejos, emoções e interesses, com a finalidade de alimentar a tendência natural das pessoas para a conquista do conhecimento.

A escola vem apresentado essa conquista como um penoso processo de esforço destituído de emoção, interesse, desejo e necessidade. A plena realização humana pode ser alcançada se as necessidades transcendentais e de respeito ao diferente forem trabalhadas, o aluno assim formado, será e terá no mercado de trabalho/profissional o desempenho esperado.

Será preciso, entretanto, para começar esse trabalho, acreditar na plena realização humana com suas características essenciais, entre as quais está a transcendental, em suas diferentes perspectivas, na concepção de ciência religiosa, ou conhecimento das diferentes tradições que se constituíram ao longo da História nas diferentes respostas culturais da humanidade à questão da necessidade de transcendência.

É uma concepção de mundo e de vida que está na base dessa ação, concepção esta que vai determinar a escolha dos métodos e dos instrumentos de trabalho, na educação escolar.

Sobre isso afirma Kosik:

Cada coisa sobre a qual o homem concentra o seu olhar, a sua atenção, a sua ação ou a sua avaliação, emerge de um determinado todo que o circunda, todo que o homem percebe como um pano de fundo indeterminado, ou como uma conexão imaginária, obscuramente instruída (KOSIK, 1976, p.25).

Deve-se perceber a importância da concepção de vida e de mundo, pois é reconhecida pelos educadores, como um dos determinantes do modo de existir da instituição escolar e do modo de existir o trabalho do professor.

A partir do exemplo de Johann Sebastian Bach – educador/professor de música/organista e compositor, o que temos hoje como uma obra considerada como base da música contemporânea eram trabalhos escritos / alunos ou para responder às necessidades da música religiosa enquanto ensinava seus alunos escrevendo trabalhos como os corais, as invenções a duas e três vozes, os prelúdios e fuguetas, o cravo bem temperado, as suítes francesas, inglesas, partitas, etc. (OLIVEIRA, 1994:112-113).

Então, através dos trabalhos pedagógicos, provava a necessidade de romper com os limites musicais, mostrava suas ideias, deslumbrava novos horizontes, pois até então as composições das peças musicais se restringiam aos limites dos bemóis ou dos sustenidos.

Portanto, ele rompeu com as barreiras da sua época, dando possibilidades de ampliar as modulações, chegando a tons afastados nunca antes permitidos e pensados.

Seus alunos por meio de sua orquestra foram a sua inspiração e aquela orquestra um laboratório, onde a cada novo som / ideia, o professor ia aos artesãos dos instrumentos para expor e expandir o mundo dos sons e assim melhor ensinar seus alunos.

Respondendo às necessidades pedagógicas, assim os manuscritos foram passando de mão em mão, formando assim, através de seus alunos, uma nova base para a música da época.

Era para responder às necessidades de seus alunos, e também guardavam dentro de si, as bases de uma nova música nunca antes

pensada e com tudo isto percebemos o sentido de comunicação de uma concepção de mundo e de vida e se percebe a relação entre essa concepção e o método para comunicar, expressar, realizar, produzir novos conhecimentos no trabalho pedagógico, sendo os alunos os interlocutores e assim criando o conhecimento científico da educação, sistematizado pela academia de cientistas.

Sobre essa temática Fourez afirma: “Na base da prática científica existe essa ação humana e não um objeto que seria dado. A ciência emerge pouco do discurso cotidiano e/ou artesanal” (FOUREZ, 1995, p.107).

A inserção plena do ER nos sistemas de ensino e nos currículos escolares poderá ocorrer se efetivarmos o modelo baseado nas Ciências da Religião, pois as Ciências da Religião podem oferecer a base teórica e metodológica para a abordagem da dimensão religiosa em seus diversos aspectos e manifestações, articulando-a de forma integrada com a discussão sobre a educação.

A educação geral fundada em conhecimentos científicos e valores, assume o dado religioso como um elemento comum às demais áreas que compõem os currículos e como um dado histórico-cultural fundamental para as finalidades éticas inerentes à ação educacional.

Portanto, esse modelo não afirma o ensino da religião como uma atividade cientificamente neutra, mas com clara intencionalidade educativa, postula a importância do conhecimento da religião para a vida ética e social dos educandos .

As religiões particulares são transcendentais, na busca de uma visão ampla capaz de abarcar as diversidades e, ao mesmo tempo, captar a singularidade que caracteriza o fenômeno enquanto tal.

Nesse sentido, trata-se de uma visão transreligiosa que pode sintonizar-se com a visão epistemológica atual, que busca superar a fragmentação do conhecimento posta pelas diversas ciências com suas especializações e alcançar horizontes de visão mais amplos sobre o ser humano. (PASSOS, 2004, p 32-33).

A formação do docente para o ER em Ciências da Religião no Brasil solidificou-se no nível de pós-graduação com seus cursos regulares de mestrado e doutorado credenciados pela Capes.

As experiências de cursos de graduação (bacharelados) são recentes e incipientes, e muitos deles escondem, na verdade, currículos com pressupostos e conteúdos teológicos.

Há que ressaltar que, nas tentativas feitas de organização da modalidade licenciatura em Ciências da Religião por parte de algumas instituições, a resposta do Ministério da Educação foi negativa, alegando a velha questão da autonomia das confissões religiosas e da laicidade de ensino.

A respeito da Formação de Professores para o Ensino Religioso, o Conselho Nacional de Educação, em 06 de abril de 1999, expediu o seguinte Parecer 097/99 do Conselho Nacional de Educação:

[...] Não cabe ao Governo Federal autorizar, nem reconhecer, nem avaliar cursos de licenciatura em ensino religioso, cujos diplomas tenham validade nacional, pois isto implicaria determinar, direta ou indiretamente, conteúdos curriculares que orientam a formação religiosa dos professores, o que interferiria tanto na liberdade de crença como nas decisões de Estados e municípios referentes à organização dos cursos em seus sistemas de ensino”;- Devendo ser assegurada a pluralidade de orientações, os estabelecimentos de ensino podem organizar cursos livres ou de extensão orientados para o ensino religioso, cujo currículo e orientação religiosa serão estabelecidos pelas próprias instituições, fornecendo aos alunos um certificado que comprove os estudos realizados e a formação recebida. (FIGUEIREDO, 2000,p.33).

As razões são históricas desse dogmatismo político e dessa ignorância institucionalizada sobre os estudos de religião. Portanto, é hora de avançarmos na direção do novo e quebrar os dogmas cristalizados do passado em nome dos mesmos princípios da autonomia religiosa e da laicidade do ensino.

O acúmulo de estudos de Ciências da Religião nos cursos de pós-graduação já deu um primeiro passo para a superação dos preconceitos e

da própria institucionalização do estudo científico da religião no âmbito das ciências habilitadas nas áreas estabelecidas pelos órgãos do Ministério da Educação.

As Ciências da Religião podem oferecer a base teórica para o ER, posicionando-se como mediação epistemológica para as suas finalidades educacionais em cursos de licenciaturas.

A prática pedagógica dialógica, tão bem pautada por Paulo Freire, exige uma relação crítica e construtiva entre educadores e educandos com seus respectivos universos culturais.

Também no caso do ER, o ato de ensinar não significa transferir conhecimento religioso, mas assumir a religião como um dado a ser conhecido como parte da apreensão da realidade, da formação do sujeito e da responsabilidade para com a sociedade.

A religião é um dado sociocultural fundamental que condiciona os modos de organização e de atuação social que afeta, tácita ou explicitamente, as opções individuais, como fonte incondicional de valores e, ao mesmo tempo, contribui de maneira decisiva na construção de configurações socioculturais mais amplas.

A busca de uma ética civil com base nas religiões constitui, segundo Hans Küng (1992), um caminho necessário para a civilização atual. Não se trata de reeditar para o conjunto da sociedade as éticas religiosas, como na fase pré-moderna da história ocidental, mas de haurir delas seu potencial valorativo e estabelecer consensos básicos para a sobrevivência da humanidade em seu conjunto mundialmente interconectado.

Nessa direção, o estudo da religião se torna uma via indispensável na tarefa urgente de educar para a convivência planetarizada, e mais, para a sobrevivência humana e ecológica em tempos de crise planetária.

O conhecimento das alteridades religiosas é um objetivo educacional sem o qual não se pode conhecer verdadeiramente as particularidades e a totalidade que compõe nossa vida sempre mais globalizada e, com maior

razão, a lógica religiosa inerente a muitos conflitos mundiais em franco curso ou, cinicamente, anunciados por certos blocos de poder.

Temos, então, constituída a base mais elementar do ER escolar; em termos amplos a relação religião x ética x educação.

Em termos epistemológicos, a relação estudo da religião x ensino da religião x cidadania; em termos curriculares, a relação entre Ciências da Religião x licenciatura em religião x Ensino Religioso.

A concepção atual de licenciatura prevê a integralização das abordagens relacionadas à educação no decorrer dos cursos, sem dicotomias entre os conteúdos das áreas e os conteúdos pedagógicos.

Uma diretriz curricular para as Ciências da Religião poderá viabilizá-la nas modalidades de bacharelado e licenciatura, conforme essas relações inerentes entre o estudo e o ensino da religião. (PASSOS, 2004, p. 39- 40).

O estudo da religião como meio para a educação dos cidadãos, a fim de que possamos formar cidadãos críticos e responsáveis, capazes de discernir a dinâmica dos fenômenos religiosos que permeiam a nossa vida em âmbito local e mundial é um desafio acadêmico e político, pois há dogmas cristalizados na forma da lei e de tradições políticas e pedagógicas.

A desconstrução desses dogmas é uma tarefa que vem junto com a proposição de saída. Também, nos dois casos, não estamos no ponto zero. Há construções e acúmulos teóricos e práticos já realizados, sobretudo a partir dos trabalhos do FONAPER.

Já foram produzidas diretrizes para o ER; gestões já foram igualmente empreitadas junto aos órgãos governamentais. Os aspectos acadêmicos e políticos, parecem solicitar três frentes de ações que, articuladas entre si, podem ir provocando a criação e implantação de um modelo de ER autônomo, epistemológica e curricularmente.

Cada uma das frentes atua em esferas distintas em que o ER acontece, a saber: ações de monitoramento das práticas de ER em níveis nacionais e internacionais; ações de reflexão sobre os fundamentos teóricos

do ER, sobretudo na esfera da comunidade acadêmico-científica e ações nas esferas governamentais na busca da normatização do ER.

Na esfera das práticas de ER, o que tem acontecido são experiências de formação a partir de concepções distintas e de modo localizado, amparadas, basicamente, pelos sistemas estaduais de educação. É necessário fazer um balanço amplo e profundo dessas experiências e isso pode ser um ponto inicial para trazer o fato à luz.

Antes da criação da lei, temos fatos consolidados que poderão convencer sobre a necessidade de uma normatização, em nível nacional, para as licenciaturas, visando à formação de docentes para o ER. A realização de um grande mutirão podendo alcançar a comunidade científica e política, mediante eventos e publicações estrategicamente planejados.

Para tanto, poder-se-ia pensar em um “observatório permanente das práticas institucionais de ER”. Um periódico acadêmico sobre o ER poderia cumprir essa função de observação, resgate e divulgação dos quadros que vão sendo desenhados a partir dessas experiências e, ao mesmo tempo, promover e divulgar estudos sobre a temática. (PASSOS, 2004, p.43).

Na esfera do estudo teórico, podem ser realizadas atividades permanentes de aprofundamento teórico e metodológico dos fundamentos do ER. Também podem ser organizadas pelas instituições de ensino que abrigam projetos acadêmicos sobre a temática da religião e do ensino.

O cruzamento entre os estudos de Ciências da Religião e de educação pode produzir efeitos positivos sobre as interfaces das duas áreas e suas aplicações para o ER. Nesse sentido, as graduações em Ciências da Religião já existentes são ponto de partida para a afirmação do modelo que pretendemos, na medida em que se afirmam como área de conhecimento. (PASSOS, 2004,p.44).

Na esfera da gestão política é onde podem ser encontradas maiores dificuldades, embora a criação do fato tenda a modificar a lei. A atuação nesse âmbito parece ser a mais complexa.

De fato, a proposta de afirmar o ER como uma área de conhecimento, componente dos currículos escolares e a decorrente organização de cursos de licenciaturas para o ER não constituirão, por certo, pauta de interesse das autoridades religiosas e, por consequência diplomática, poderão não conseguir a volição política mínima dos sujeitos responsáveis dos órgãos governamentais para os encaminhamentos e decisões legais nesse âmbito.

Essa tarefa deverá ser bem planejada e executada pelas vias políticas formais e informais, e deverá contar com vários sujeitos, convictos ou convocados, dos órgãos legislativos, consultivos e executivos do Ministério da Educação, para a viabilização do ER sobre novas bases. (PASSOS,2004, p.44).

CAPÍTULO III

O ENSINO RELIGIOSO MINISTRADO NO FUNDAMENTAL II EM ESCOLAS ESTADUAIS DE BOA VISTA- RR

Nesse Capítulo III serão tratados os seguintes temas: 1) Análise qualitativa da observação participante.(alunos); 2) Análise qualitativa dos dados dos questionários(professores, gestores e coordenadores pedagógicos); 3) A Metodologia do Professor do ER na Formação integral dos alunos do fundamental II em Escolas Estaduais de Boa Vista -Roraima.

3.1 ANÁLISE QUALITATIVA DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DOS ALUNOS.

De acordo com José Carlos Libâneo (1985), os objetivos da metodologia tradicional consistem na preparação intelectual e moral dos estudantes para assumir sua posição na sociedade, tendo em vista formação clássica, humanista e científica.

Os processos de ensino baseiam-se no repasse descontextualizado de conteúdos tidos como verdades aos estudantes, por meio de exposição verbal e exercícios de memorização. Predomina em tal metodologia a autoridade do professor a postular uma atitude receptiva dos estudantes da ‘verdade’ sobre o tema a ser absorvida por eles.

Pressupõe-se que a capacidade de assimilação da criança idêntica à do adulto, apenas menos desenvolvida. Entende e propõe um processo de aprendizagem baseado numa progressão lógica, estabelecida pelo adulto, sem respeitar as características próprias de cada idade. Infelizmente, o aluno acaba aprendendo quase sempre de forma receptiva, mecânica, por meio de exercícios memorização e decoreba.

As escolas Estaduais analisadas na pesquisa foram as seguintes: Escola Est. Professora Conceição da Costa e Silva (bairro: Hélio Campos, Boa Vista-RR), Luiz Ribeiro de Lima (bairro: Equatorial, Boa Vista-RR), Maria Sônia de Brito Oliva (bairro: Hélio Campos, Boa Vista-RR), Presidente Tancredo Neves (bairro: Tancredo Neves, Boa Vista-RR), Professor Severino Gonçalo Gomes Cavalcante (bairro: Silvio Botelho, Boa Vista-RR).

No total foram analisadas, quarenta discentes nas escolas, sendo no total dez alunos por ano (6º ano : dez alunos; 7º ano : dez alunos; 8º ano : dez alunos ; 9º ano : dez alunos e em cinco turmas foram realizadas observação.

Na Escola Est. Professora Conceição da Costa e Silva está localizada na zona Oeste da cidade, em geral, os alunos na sua maioria são protestantes e evangélicos com uma minoria católica e alguns sem religião. Os entrevistados dessa escola (20 alunos) são adolescentes (11-13 anos) e cursam o Ensino Fundamental II (6º e 7º ano) no turno vespertino. A escola trabalha com: Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e adultos os alunos vem do próprio bairro e dos bairros vizinhos, em sua maioria adolescentes e jovens (11- 23 anos), funciona nos três turnos (Fig. 1).

Figura 1: Escola Est – Profª Conceição da Costa e Silva



Fonte: M.L.A.Torres, 2013.

A Escola Estadual Luiz Ribeiro de Lima está localizada no bairro Equatorial, zona oeste da cidade. A totalidade dos alunos vem dos bairros vizinhos em sua maioria adolescentes e jovens (11- 23 anos) que cursam o Ensino Fundamental II, Médio e Educação de Jovens e Adultos nos turnos matutino, vespertino e noturno. Os alunos pesquisados são das turmas de 9º ano (cinco) são adolescentes (14 anos). - (Fig. 2)

Figura 2: Escola Estadual Luiz Ribeiro de Lima



Fonte M. L. A. Torres, 2013.

A escola Maria Sônia de Brito Oliva está localizada no bairro: Hélio Campos. A maioria dos seus alunos são do próprio bairro e também dos bairros vizinhos. Os entrevistados dessa escola (10 alunos) são adolescentes (13-14 anos) e cursam o Ensino Fundamental II (8º ano) e também oferece aulas nos três turnos, atendendo no Ensino Fundamental I e II, médio e Educação de Jovens e adultos, faixa etária na média (7- 23 anos) – (Fig. 3).

Figura 3: Escola Maria Sônia de Brito Oliva



Fonte: M.L.A. Torres, 2013.

A Escola Presidente Tancredo Neves, localizado no bairro Tancredo Neves. Atende alunos provenientes de vários bairros, pois fica em um bairro um pouco próximo do centro e seus alunos tem em média (14-18 anos).

Os (cinco) alunos entrevistados cursam o 9º ano Ensino Fundamental II. A Escola trabalha só com turmas de 9º ano e Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries) e funciona nos turnos matutino e vespertino (Fig. 4).

Figura 4: Escola Presidente Tancredo Neves



Fonte: M.L.A. Torres, 2013.

A Escola Professor Severino Gonçalves Gomes Cavalcante localizada no bairro Silvio Botelho, zona oeste da cidade seus alunos vem dos bairros vizinhos ,em sua maioria,crianças , adolescentes e jovens (7 - 18 anos)que cursam o Ensino Fundamental I e II, Médio nos turnos matutino, vespertino.Foi realizada observação em cinco turmas de 6º ano.(Fig. 5).

Figura 5: Escola Prof. Severino Gonçalves Gomes Cavalcante



Fonte: M. L.A.Torres, 2013.

A pesquisa de campo realizada nas cinco Escolas traz os resultados que vem logo a seguir.

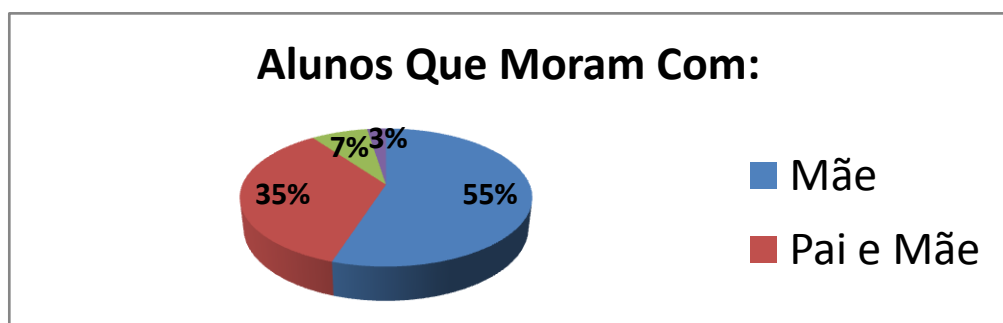
RESULTADOS: Os dados coletados na Pesquisa de campo serão discutidos (análise quantitativa) e interpretados (análise qualitativa) segundo os teóricos que embasam a pesquisa.

As doze questões do questionário Misto serão divididas em: (1) Dados sociodemográficos e da pertença religiosa. (2) Contribuição específica do Ensino Religioso na educação. (3) Respeito as diferentes religiões , conteúdos, metodologia, temas trabalhado, os preferidos pelos alunos ,menos aceitos pelos alunos. (4) Considerações e sugestões sobre como deveriam ser as aulas , fazendo a discussão e a interpretação em cada dos itens .

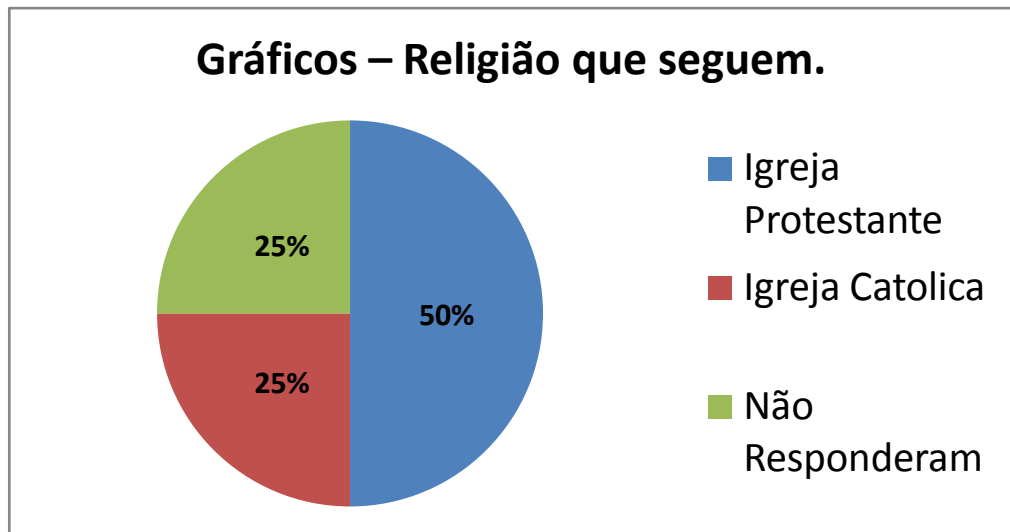
Dados sociodemográficos da amostra e da pertença religiosa (qq=questões:1-3)

Dos 40 alunos pesquisados 20 (50%) estão na faixa etária de 11-13 anos e 20(50%) na faixa etária de 14-15 anos, cursando o Ensino Fundamental II, com 23(57,5%) do sexo feminino e 17(42,5%) do sexo masculino, 20 (50%) frequentam igrejas protestantes, 10(25%) católica e 10 (25%) não responderam, 22(55%) mora só com a mãe , 14(35%) com pai e mãe , 03(7,5%) só com o pai e 01 (2,5%) com outros.

Gráfico 1: Tipos de família



Fonte: M. L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2.

Gráfico 2 : Religião dos alunos

Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

Discussão

Como se pode observar nos dados sociodemográficos acima, dos 40 alunos, a grande maioria 22 (55%) é adolescente que mora só com a mãe.

Em relação ao gênero, há um pouco mais de alunas 23(57,5%) do que de alunos 17(42,5%) e com relação a religião da família a maioria é protestante 20(50%), 10(25%) católico, 10(25%) não responderam.

Interpretação:

Os últimos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2000 e 2010) atestam uma ligeira predominância dos adolescentes sobre os jovens e das mulheres sobre os homens.

Em relação à taxa de sujeitos que moram só com a mãe e crescente em nosso país, pois as pessoas estão casando-se e separando-se rapidamente e a mãe é que na maioria das vezes fica com os filhos.

Os dados mostram que a maioria frequenta igreja. De fato, o Censo do IBGE (2010) afirma que apenas 7,0% dos brasileiros se dizem ateus.

Através desses resultados, observa-se um número significativo que acredita em Deus.

São apresentados diferentes indicadores para traçar o perfil dos sujeitos, cujas representações sobre as escolas e sobre o Ensino Religioso são objetos também deste estudo. Descrevem-se características sociodemográficas.

Sendo o aluno elemento central da ação educativa, é imprescindível que o professor detenha conhecimento do aluno e das suas características, isto é, compreenda o seu passado e o seu presente, a sua história de aprendizagem, o seu nível de desenvolvimento, a sua envolvente sociocultural. (ALARCÃO, 2005, p.63)

Em relação as aulas de ER e a contribuição específica do Ensino Religioso na educação(qq=questões:4-6)

No que diz respeito contribuição específica do Ensino Religioso na educação, a concepção dos alunos está representada nas seguintes respostas: 27(67,5%) alunos assistem porque precisa das notas e da frequência, 01(2,5%) não assiste, pois não gosta da disciplina, 06(7,5%)gosta das aulas, 03(7,5%)para ter mais conhecimento, 03(7,5%) interessante.

A grande maioria alunos tem conhecimento da importância disciplina de 35(87,5%) Ensino Religioso e a necessidade para sua formação,e 05(15,%)Não, 03(7,5%)Justificam que não é boa ,não gosta , 02(5%) a profissão desejada pela mesma não tem haver com religião.

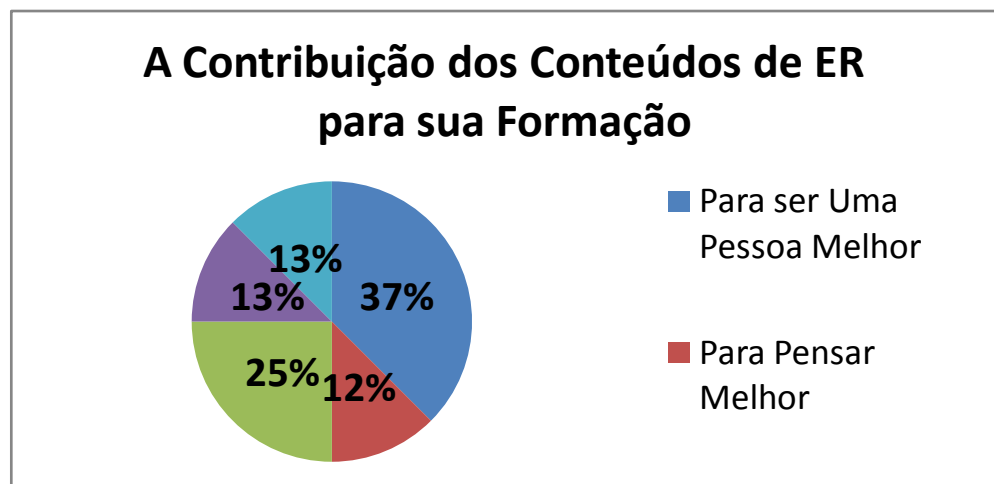
Ao justificar positivamente disseram que é fundamental para a vida ,precisa de mais aprendizado religioso,vai precisar quando estiver maior ,saber dos tempos antigos ,legal e interessante,boa matéria de estudar ,é uma maneira de levar os adolescentes para longe das drogas e bebidas e aprender um pouco sobre Jesus ,ajuda o adolescente a pensar melhor no que vai fazer,ensina sobre as religiões ,ensina tudo sobre a pessoa ser bem melhor.

No quesito sobre os conteúdos e se os mesmos contribuem para sua formação como ser humano 33(82,5%) sim, 07(17,5%) não. As respostas negativas são: 02(5%) Porque as vezes não consigo acompanhar a escrita, Porque não é boa , 1(2,5%) não sei e acerto.

A respeito do caráter não obrigatório do Ensino Religioso, a Constituição Federal (Artigo 210, parágrafo 1º). "O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental". (SILVA, 2002, p. 97).

Em âmbito estadual, esse dispositivo constitucional é regulamentado, atualmente, pela Secretaria de Estado da Educação, através da Resolução CEE/RR nº 09 de 21 de Novembro de 2006, que "Dispõe sobre a Organização do Ensino nas Escolas Estaduais e dá Outras Providências": "Artigo 7– No ato da matrícula, o aluno ou seu responsável, se menor de idade, deverá declarar que conhece e aceita as normas regimentais, optando ainda, por escrito, se for o caso, pela frequência às aulas de Educação Religiosa no Ensino Fundamental ."

Gráfico 3: Conteúdos do Ensino Religioso



Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

Discussão

No Brasil o Ens. Religioso é parte integrante e necessária na formação do processo social e ético do educando.

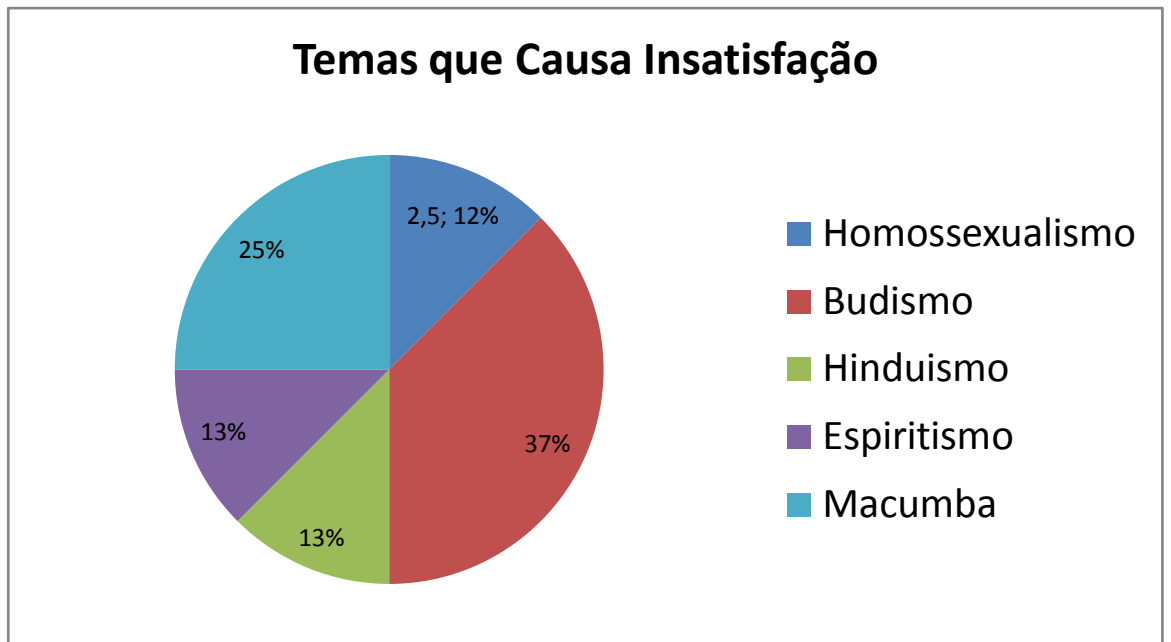
A cada dia tem aumentado a intolerância e a falta de valores familiares que são extremamente importantes na formação efetiva do ser humano, enquanto parte integrante e importante no processo social.

Interpretação

Pode-se perceber que algo fica de positivo do que é ensinado, por mais que com desenvolvimento da sociedade que cada dia é mais competitiva e individualista, aumentou significativamente a desestrutura familiar e com isso os indivíduos estão a mercê da sorte e sem perspectiva de vida de qualidade. Aqui destacamos o papel do Ensino Religioso, como parte integrante que ajuda o educando a refletir e perceber-se como parte importante na sociedade, que tem seus valores e cultura que precisam ser respeitados.

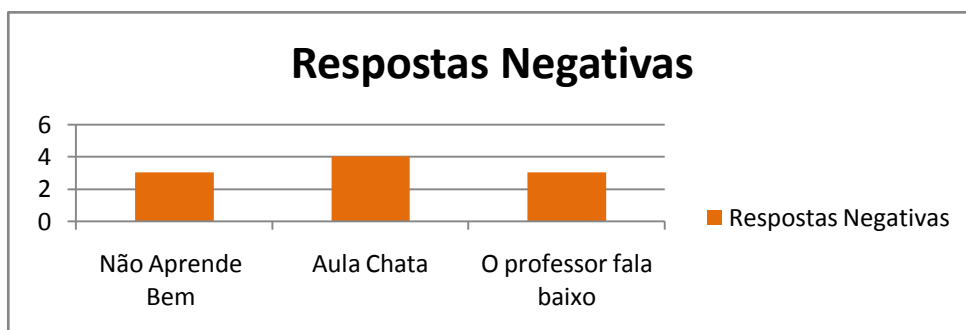
Respeito as diferentes religiões, conteúdos, metodologia, temas trabalhados, os preferidos pelos alunos, menos aceitos pelos alunos pelos alunos (qq=questões:7-11)

Dos 40 alunos pesquisados 34(85%) confirmaram que tem sido respeitado as diferentes religiões e só 06(15%) disseram que não. Em relação o conteúdo e metodologia para 11(27,5%) é excelente, 17(42,5) bom, 12 (30%) ruim. Na questão sobre si algum tema abordado já causou insatisfação 32(87,5%) não e 08(20%) sim. Os citados foram: 1(2,5%)homossexualismo,3(7,5%)budismo,1(2,5%)Hinduísmo,1(2,5%)Espiritismo,2 (5%) macumba.

Gráfico 4: Insatisfação com os temas do ER

Fonte: M.L.A.Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

Quando perguntado se gostava das aulas 30(75%)sim e 10(25%)não. As justificativas negativas: 3(7,5%)não aprendem bem, 4(10%)a aula é chata, 3(7,5%)o professor fala baixo. Positivamente: 20(50%)aprendemos sobre as religiões,10(25%)a professora ensina bem.

Gráfico 5: Respostas negativas em relação ao ER

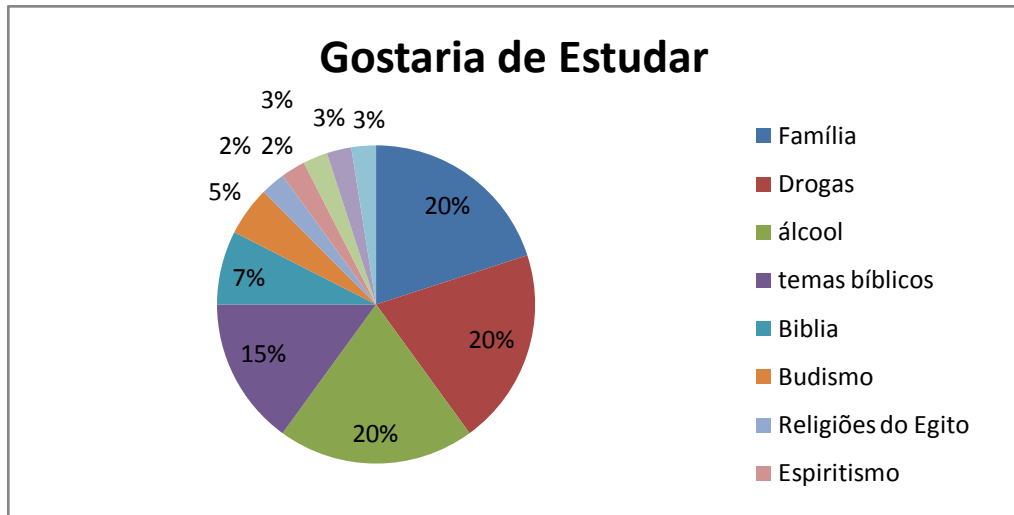
Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2.

Gráfico 6: Respostas positivas em relação ao ER

Fonte: M.L.A.Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

O educando com um auto conceito negativo, que se considere fracassado na escola, admite que a culpa é sua convencendo-se de ser um incapaz ou busque ao seu redor outros culpados: “O educador é chato, as lições não servem para nada”; acaba por desenvolver comportamentos problemáticos e indisciplinados.(JUNQUEIRA,2006).

Em relação aos temas trabalhados e quais gostaria de estudar os alunos disseram: 8(20%)família, 8(20%)drogas, 8(20%)álcool, 6(15%) temas bíblicos, 3(7,5%) bíblia, 2(5%) budismo, 1(2,5%) religiões do Egito, 1(2,5) espiritismo, 1(2,5%) maçonaria, 1(2,5) religiões diferentes, 1(2,5%) fatos reais e atualidades.

Gráfico 7 : Temas desejados no ER

Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2.

Discussão

Antes de iniciar a abordagem sobre a prática pedagógica do professor, faz-se uma abordagem teórica, levando em consideração o que diz a literatura vigente sobre o assunto. A prática pedagógica na perspectiva da pedagogia tradicional utiliza-se do método comum, ou seja, a aula magistral e o mecanismo de ensino e aprendizagem seguem o esquema de exposição-escuta-memorização-repetição.

Isto acontece porque não há uma “preocupação com o método e a centralidade não é o sujeito – o aluno –, mas sim o objeto de estudo: o programa” (SEBARROJA, 2002). Ainda segundo o autor, “no pólo oposto, nas pedagogias ativas, o centro se transfere aos alunos e o método deve atender prioritariamente conteúdo” (2002, p. 71).

Para Kruger (2003, p. 71), o Modelo Didático Tradicional é caracterizado por concepções de ensino como uma transmissão/transferência de conhecimentos, por uma aprendizagem receptiva e por um conhecimento absolutista e racionalista. Destas, deriva uma prática profissional que concebe os conteúdos de sala de aula baseado

no modelo de reprodução como simplificada do conhecimento científico ‘verdadeiro’, transmitido verbalmente pelo professor (metodologias transmissivas), por um currículo fechado e organizado de acordo com uma lógica disciplinar e por uma avaliação classificatória e sancionadora.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Carraher (2005) afirma que esse modelo de prática pedagógica tradicional trata o conhecimento como um conteúdo, como informações, coisas e fatos a serem transmitidos ao aluno. O autor ainda acrescenta que “*segundo este modelo, o ensino é a transmissão de informações, em que a aprendizagem é a recepção de informações e seu armazenamento na memória*” (2005, p. 12).

No entanto, uma prática pedagógica que tem como objetivo facilitar o processo ensino-aprendizagem do aluno é caracterizado, segundo Libâneo (1994), pela combinação de atividades do professor e dos alunos. Estes, sob a direção do professor, vão atingindo progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades. A eficácia nesse processo, conforme assinala Libâneo (1994, p. 149), “dependendo trabalho sistematizado do professor que, tanto no planejamento como no desenvolvimento das aulas, conjuga objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas do ensino”.

Se o objetivo é formar um indivíduo respeitoso das diferenças entre pessoas, não bastam belos discursos sobre esse valor: é necessário que ele possa experienciar no seu cotidiano, esse respeito, e ser ele mesmo respeitado no que tem de peculiar em relação aos outros.

Se o objetivo é formar alguém que procure resolver conflitos pelo diálogo, deve-se proporcionar um ambiente social em que tal possibilidade exista, onde possa, de fato, praticá-lo. Se o objetivo é formar um indivíduo que se solidarize com os outros, deverá poder experienciar o convívio organizado em função desse valor.

Se o objetivo é formar um indivíduo democrático, é necessário proporcionar-lhe oportunidades de praticar a democracia, de falar o que pensa e de submeter suas ideias e propostas ao juízo de outros.

Se o objetivo é que o respeito próprio seja conquistado pelo aluno, deve-se acolhê-lo num ambiente em que se sinta valorizado e respeitado.

Em relação ao desenvolvimento da racionalidade, deve-se acolhê-lo num ambiente em que tal faculdade seja estimulada. A escola pode ser esse lugar. Deve sê-lo.

O educador, como mediador da aprendizagem, explica que conhecer as diferentes religiões é necessário e que isso é muito diferente de convencer; a tolerância religiosa enriquece, não somos e não precisamos ser todos iguais; existe uma pluralidade cultural que é muito rica; conhecer é uma experiência inovadora .

O preconceito religioso é um desafio a ser enfrentado na escola e o Ensino Religioso tem um papel fundamental por meio do educador desta área de conhecimento.

Sobre a pluralidade, Junqueira, Correa e Holanda observam que:

A concepção de pluralismo do Ensino Religioso no contexto da educação visa a proporcionar relações mais solidárias e participativas, dar instrumentos para a compreensão e ação transformadora da realidade social, fundada por valores da vida, para contribuir com a democracia na sociedade brasileira. Assim a pluralidade religiosa pode ser manifesta no espaço das relações com o conhecimento que é a Escola(JUNQUEIRA; CORRÊA; HOLANDA, 2007).

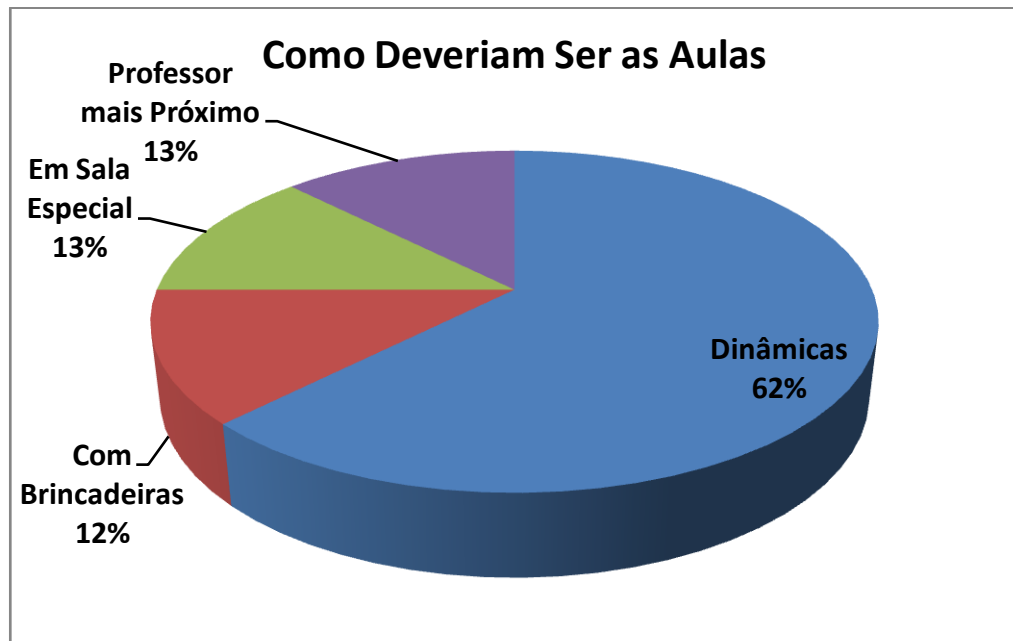
Destacamos, portanto, as influências exercidas pela conjuntura social, econômica, política e cultura sobre o comportamento do destinatário (educando)da educação e muito efetiva.

O educador deve favorecer no ambiente escola um clima favorável ao diálogo e escuta, clima de confiança e respeito a sua opção de vida segundo uma escala de valores que formou, muitas vezes, em meio a grandes obstáculos, sempre valorizando a maneira de pensar, sentir e agir do outro.

Considerações e sugestões sobre como deveriam ser as aulas , fazendo a discussão e a interpretação em cada dos itens.(qq=questão :12)

Quando perguntado sobre como deveria ser as aulas de ER os alunos responderam 25 (62,5%) dinâmicas, criativas e interativas para ser boa, 5(12,5 %) com brincadeiras textos menores, 5(12,5%)alegres e em sala especial, 5(12,5%) professor mais próximo do aluno.

Gráfico 8: Ideal das aulas no ER



Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2.

As escolas dispõem de vários recursos didáticos (televisão, aparelho de DVD, aparelho de som com caixa amplificadora, retroprojetor e livros) são usados como alternativa para as aulas ou para efetivar o processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, cabe ressaltar que, embora disponha de vários recursos, isso não significa que eles sejam bem utilizados. A maior evidência disto são os laboratórios de informática. Estes são formados por uma sala bem iluminada, com centrais de ar e equipados com dez ou quinze computadores.

Porém com problemas para conectar a internet, pois a internet é muito lenta no estado de Roraima e também tem a questão da rede elétrica que

não suporta e às vezes não se pode usar a internet, porém já está havendo investimento para sanar estas questões.

Os recursos audiovisuais também não estão sendo utilizados por todos os professores, pois somente alguns os utilizam, as escolas não dispõem de um espaço próprio, a sala de vídeo. Na realidade, os aparatos tecnológicos quando disponibilizados nas escolas públicas muitas vezes já não acompanham as mudanças a que foram destinadas, pois os computadores já estão obsoletos.

RESULTADOS

Segundo Paulo Freire:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1994).

A partir das aulas observadas, a prática pedagógica do professor nas aulas de ER, sujeito desta investigação; bem como as transformações dessa prática, no processo de ensino e de aprendizagem, conforme referência a seguir.

Data: 22-10-2014

Assunto: Mitos

O professor adentrou a sala deu “bom dia” e em seguida, começou a desenvolver os trabalhos feitos na aula anterior. Chamou a atenção dos alunos para a participação durante as aulas, pedindo para que eles dessem suas opiniões e discutissem sobre o assunto.

Durante a aula, percebeu-se que quando o professor oferecia oportunidade para os alunos falarem, discutirem, perguntar, logo explicita onde estão as dúvidas e dificuldades do processo de ensino-aprendizagem e, por fim, estar-se realmente construindo um conhecimento.

O professor iniciou o conteúdo, fazendo um *feedback* do que havia sido discutido na aula anterior usando o livro-texto, por achar que as definições eram complexas para os alunos, mas de modo que fosse acessível e suscetível ao interesse deles.

Nesse sentido, acrescenta Carvalho e Gil-Pérez (2009) da importância do professor conhecer a matéria a ser ensinada, de conhecer o conteúdo da disciplina como algo fundamental para a própria aprendizagem do aluno. No decurso da aula, a pesquisadora notou então, que os alunos não apenas acompanhavam na apostila o assunto, mas também questionavam.

A postura do professor não reprimia a curiosidade e o interesse dos alunos, ao contrário, ele transmitia com clareza e de forma interessante suas idéias aos discentes. Estes, por sua vez, sentiam-se estimulados a expor suas próprias ideias, sentimentos e dúvidas, fomentando seu interesse pela aula e a interação verbal na sala.

Quanto ao uso das perguntas, em sala de aula, Krasilchik (2008, p.61) assinala que “elas promovem mudanças significativas no relacionamento entre o professor e o aluno”.

Ainda sobre os questionamentos feitos pelos alunos ao professor, a pesquisadora presenciou que estes os faziam não apenas com a preocupação de anotarem no caderno os conceitos, mas também com o interesse de aprenderem.

Eu acho que o professor prepara as aulas muito bem, são muito agradáveis. As aulas são mais agradáveis, há mais atividades, não são monótonas como as de outros professores, pena que é só um horário. Eu acho a maneira como ele explica a matéria é muito agradável.

Quando acaba a aula, você sabe. Se não entendo bem, o professor torna a explicar. Há professores que explicam por cima e a gente não entende (informação verbal).

Data:08-10-2014

Assunto: Islamismo

Nesta aula, os alunos foram convidados pelo professor a formarem duplas para responder uma atividade, elaborada pelo professor, com base no livro-texto e que, após ser respondida, seria discutida pelos alunos.

As respostas dessa atividade eram livres, pois exigia dos alunos respostas estruturadas e apresentadas com suas próprias palavras. Tal atividade proposta tinha por finalidade avaliar a capacidade dos alunos em analisar problemas, sintetizar conhecimentos, compreender conceitos, além de incentivá-los à cooperação tanto entre os pares como entre os grupos.

Sendo assim, os grupos se organizaram rapidamente e começaram a trabalhar, com exceção de três alunos que custaram iniciar a atividade porque haviam chegado atrasados. Enquanto os alunos executavam a tarefa, o professor percorria os grupos para resolver possíveis dúvidas, o que se configurou uma preocupação com as dificuldades que a turma poderia apresentar ao responder a atividade.

A postura assumida pelo professor deixou clara sua preocupação com a aprendizagem dos alunos. Para os estudantes, estas mudanças na maneira de ensinar correm, por um lado, na variedade de recursos que o professor utiliza e, por outro, na sua forma de procurar que eles entendam e deem sentido ao que fazem.

As contribuições de um conjunto de aluno, que apresentamos a seguir, exemplificam tais extremos:

3.2 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS DAS ENTREVISTAS/ QUESTIONÁRIOS (PROFESSORES, GESTORES, COORDENADORES PEDAGOGOS).

No total foram analisadas, quinze docentes das Escolas Est. Professora Conceição da Costa e Silva, Luiz Ribeiro de Lima, Maria Sônia de Brito Oliva, Presidente Tancredo Neves, Professor Severino Gonçalo Gomes Cavalcante.

Os dados coletados na Pesquisa de campo serão discutidos (análise quantitativa) e interpretados (análise qualitativa) segundo os teóricos que embasam a pesquisa.

As quinze questões do questionário Misto serão divididas em (1) Dados da pertença religiosa (2) Formação acadêmica (3) Contribuição específica do Ensino Religioso na educação (3) Respeito às diferentes religiões, conteúdos, metodologia, temas trabalhados, os preferidos pelos alunos, menos aceitos pelos alunos (4) Considerações e sugestões sobre como deveriam ser as aulas, fazendo a discussão e a interpretação em cada dos itens .

Dados da pertença religiosa da amostra(qq=questão 1)

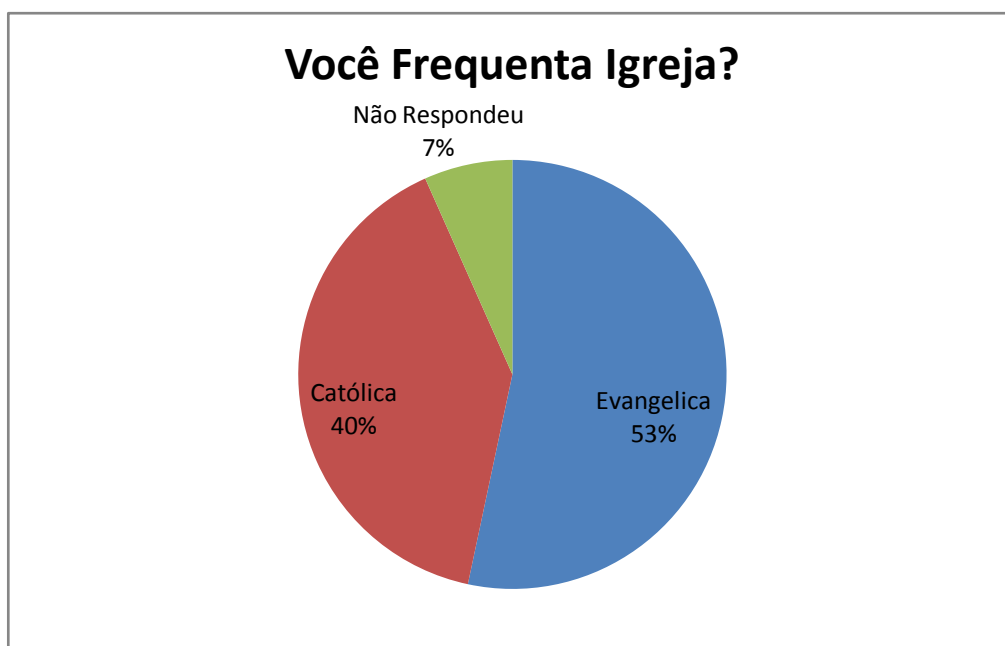
Quando perguntados se é recomendável que o professor de ER frequente alguma religião e se frequenta (14)sim, (01)não, e (08)evangélicos, (06)católicos, (01)não respondeu qual, porém enfatizou ser batizado.

Gráfico 9: O professor do ER e sua religião



Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

Gráfico 10: Frequência à Igreja



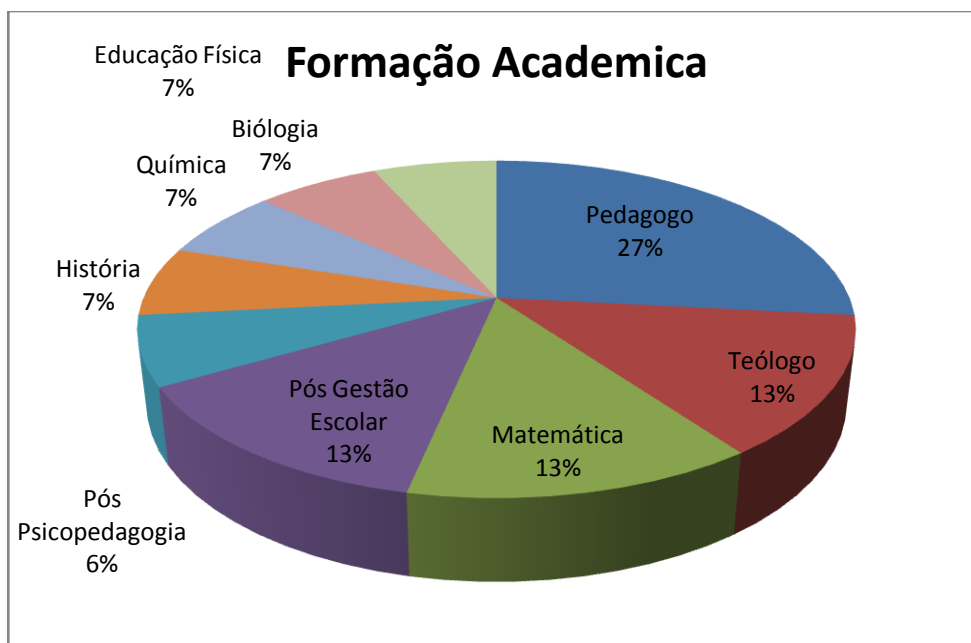
Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

Há uma coerência de dados da pesquisa, mostrando que a maioria pertence a igrejas protestantes e evangélicas (Assembleia de Deus, Batistas, Adventistas do 7º dia). Uma das principais funções da religião não é só conservar a vida, também é dar sentido a ela.

Em relação à formação acadêmica (qq=questão 2):

Dos 15 sujeitos da pesquisa, (04) Pedagogia, (02) Teologia (02) licenciados em Matemática, (02) Pós-Graduação em Gestão Escolar, (01) Pós-Graduação em Psicopedagogia, (01) licenciado em História, (01) licenciado em Química, (01) Biologia, (01) licenciado em Educação Física.

Gráfico 11: Formação acadêmica dos professores



Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

Segundo Junqueira (2002), a mudança de paradigma na concepção do Ensino Religioso, a elaboração dos PCNER e a busca de definição de Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de docentes a esta área do conhecimento, junto ao Ministério da Educação e Cultura passaram a

exigir novas propostas de formação docente para esta área do conhecimento.

Nesse sentido, registrou-se o emergente interesse, compromisso, estudo e discussão em busca de parcerias suscitado nas denominações religiosas, na comunidade acadêmica e nos sistemas de ensino no que concerne aos encaminhamentos previstos em forma de lei para a habilitação dos professores de Ensino Religioso.

A nova redação do artigo 33 da LDBEN n. 9.394/96, prescrita na forma da Lei 9.475/97, veio, portanto contemplar ambas as questões, não excluindo a valiosa colaboração das diferentes denominações religiosas, no que se refere à definição dos conteúdos para a disciplina de Ensino Religioso.

Na construção das parcerias para a formação de docentes em Ensino Religioso, o dispositivo legal (BRASIL, 1997) congrega os sistemas de ensino que deverão regulamentar os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecer as normas para a habilitação e admissão dos professores.

As diferentes denominações religiosas constituídas em entidade civil serão ouvidas pelos sistemas de ensino, no tocante à definição dos conteúdos da disciplina. As Instituições de Ensino Superior, em sintonia com eles, têm a tarefa de habilitar o profissional correspondente, fomentando o ensino, a pesquisa e a extensão dos mesmos.

A partir dessa nova configuração histórica, conforme relato de Wagner(1996), a grande preocupação doravante seria a de preparar o profissional que atuasse como professor de Ensino Religioso. Em 1997, o FONAPER já havia encaminhado às Universidades brasileiras uma Proposta de Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores para o Ensino Religioso, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso.

Segundo Junqueira (2002b, p.98), percebia-se na realidade, “cada vez mais a urgência de uma sólida e adequada formação dos professores de Ensino Religioso, que devem ter uma formação própria de licenciados”.

É importante não perder de vista que os docentes, bem como outros membros do corpo técnico e pedagógico, como afirmam Abramovay e Castro(2003, p.147), “são atores fundamentais na formação de uma escola capaz de cumprir seus objetivos e que toda e qualquer proposta de mudança deve levar em consideração as características, as preocupações e os anseios quer de alunos, quer de professores”(33).

A LDB – Lei nº 9.394/96 estabelece em seu art. 87, que: “É instituída a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei”, a saber, em 20 de dezembro de 1996. No § 4º afirma que: “Até o final da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço” (SOUZA; SILVA, 2002, p. 125).

Características dos professores Com o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão do corpo docente, a caracterização que se segue agrega às características próprias do exercício do magistério aspectos sociais e culturais dos professores. Adverte-se que por questões metodológicas, as análises a serem apresentadas não podem ser generalizadas para o universo dos professores em todas as escolas, referindo-se somente ao número de docentes.

Assim como no universo de alunos, há um maior número de docentes do sexo feminino entre os professores pesquisados. Acredita-se que essa predominância se estenda por todas as escolas. Das turmas pesquisadas, os valores são bem expressivos, Quando à idade, a maior parte dos professores de ensino que lecionam na disciplina de ER , encontram-se na faixa etária de 32 a 45 anos, sendo também expressivo o número.

De igual modo, a grande maioria dos professores da turma pesquisa, assim como ocorre entre os alunos, identifica-se como pardos e negros, com destaque para o primeiro caso. Dos dez professores, se declararam pardos e negros. No tocante à formação profissional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/96) estabelece que apenas

professores com nível superior em curso de licenciatura de graduação plena ou com formação pedagógica estão aptos a lecionarem..

Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.(SOUZA; SILVA, 2002, p. 97).

Os quinze professores que lecionam nas turmas pesquisadas, têm nível superior completo, em pedagogia e licenciatura em áreas específicas, sobressaindo: (4) Pedagogia, Teologia(02), Matemática(2), Pós em Gestão escolar (2), Pós em Psicopedagogia (1) História(1), Química(01), Biologia (01),Educação Física(1).

O corpo docente das escolas possui relativa experiência no magistério, entre 13 e 22 anos de tempo de serviço, indicando que eles não se encontram na fase de “entrada na carreira”, momento inicial, marcado, segundo Farias (2006, p. 121), pela “descoberta” e confrontação com a complexidade da situação profissional”.

Os professores pesquisados apresentam uma média alta de anos de tempo de serviço. Dos docentes envolvidos na pesquisa, a maioria atuam nos dois turnos, pois completa a carga horária e possuem vínculo com outros estabelecimentos de ensino, escola pesquisada, atuam em outra escola da rede pública estadual.

Em relação às aulas de ER e a contribuição específica do Ensino Religioso na educação(qq=questões:3-4)

As respostas foram as seguintes: Contribui positivamente(15) os motivos são dois em especial, respeito as religiões (13), ensina de forma imparcial(2).

Os professores asseguraram plenamente que contribui positivamente e também tem respeitado as diferentes religiões porque ministra as aulas de maneira imparcial, visando apenas o conhecimento.

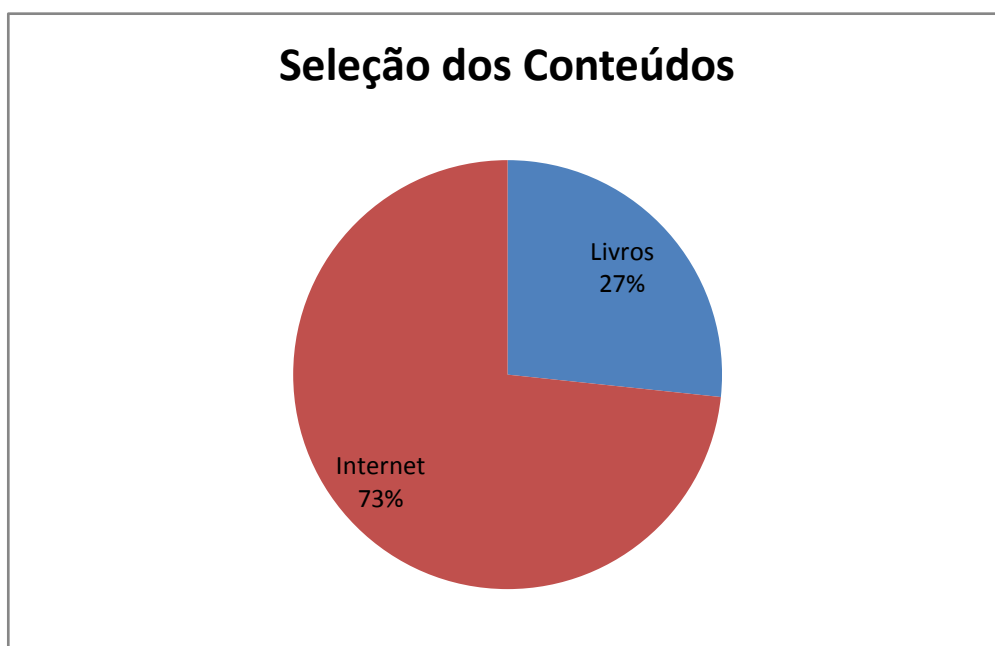
O professor é compreendido como uma ponte entre a verdade científica do conteúdo e o estudante, a quem repassa de forma objetiva as informações. A ênfase converge para a importância de se adquirir desempenho e eficiência, mesmo que à custa de um ensino diretivo dado à estímulos e à obtenção de respostas condicionadas.

3.3 A METODOLOGIA DO PROFESSOR DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS ALUNOS DO FUNDAMENTAL II EM ESCOLAS ESTADUAIS DE BOA VISTA-RORAIMA.

Respeito as diferentes religiões, conteúdos, metodologia, temas trabalhado, os preferidos pelos alunos ,menos aceitos pelos alunos pelos alunos (qq=questões:5-12)

Dos quinze professores, (6)responderam que ministram aulas de ER por opção, (2) tem Teologia, (4) tem Pedagogia (3) falta de professor da área.Os conteúdos são selecionados (04) livros didáticos, (11) textos do *blog de ER de Roraima* e livros e nos encontros de ER .

Gráfico 12: Seleção dos conteúdos do ER

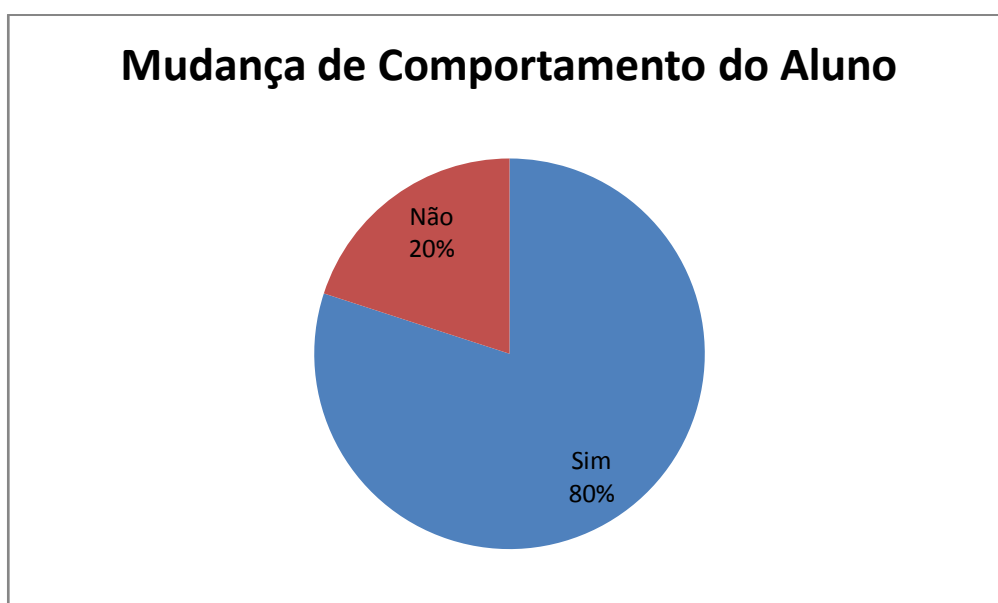


Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

Nas Escolas não há disponibilidade de recursos didáticos específicos para o trabalho de ER, (15) responderam não existir. Quando perguntado se o ER deveria fazer parte do currículo, os quinze (15) responderam sim e também justificaram que é para conhecer as religiões.

Quanto à mudança de comportamento dos alunos desde o início do ano dos quinze (12) sim houve e (03) não deu para notar mudança significativa.

Gráfico 13: Mudanças no comportamento dos alunos do ER



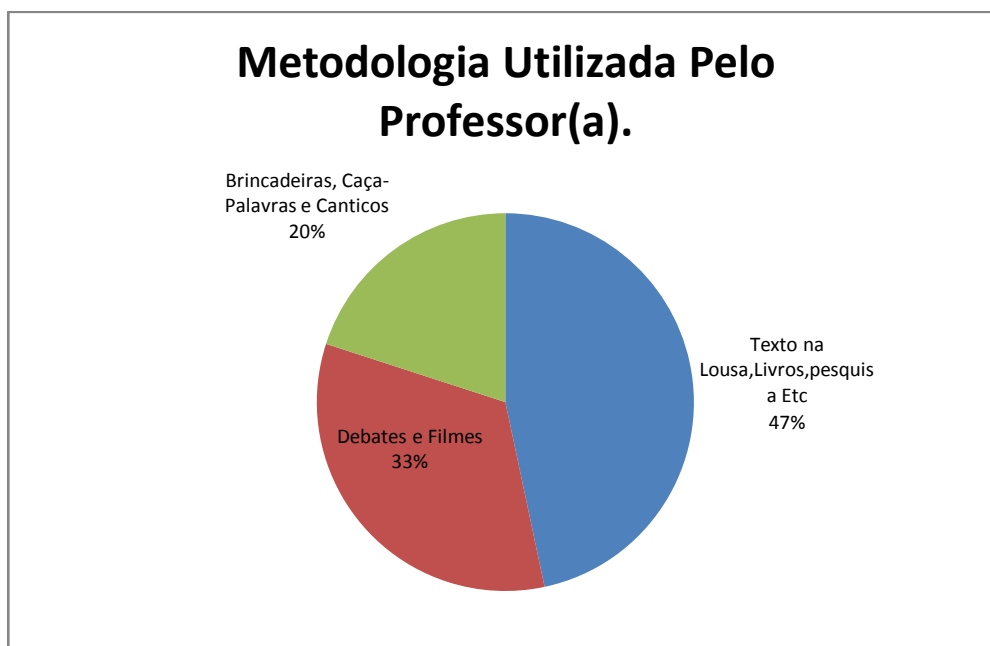
Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

Esses dados mostram que por mais que as vezes com sala de aula lotada de aluno que vai de vinte e cinco (25), (30) trinta, (32) trinta e dois ou mais e sem estrutura adequada o professor consegue fazer a diferença.

Com relação os procedimentos metodológicos utilizados nas aulas de ER eles responderam (7) textos escritos na lousa e livros, pesquisas,

histórias em quadrinho, (5)debates, filmes, vídeo (3)pesquisas, cânticos ,pesquisas na Bíblia, caça-palavras bíblico, brincadeiras.

Gráfico 14: Metodologia utilizada pelo professor de ER



Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2.

Digno de nota é o modo como o professor incentiva o aluno com dificuldade a se concentrar, procurando valorizar os diferentes pontos de vista, compreendidos e aceitos, Informação fornecida pelo professor. valoriza os acertos e leva o aluno a perceber os erros.

Para levantar a autoestima dos alunos, exclama frases como: “*Vocês sabem!*” “*Vocês vão conseguir!*” “*Basta cada um querer!*” Nessa perspectiva, Rodrigues(1992, p. 52), mostra aos educadores “que é no espaço pedagógico do cotidiano de sua relação com os educando que se encontram os instrumentos para a construção de uma educação sadia e poderosa”.

Quanto à metodologia de ensino, ficou evidente durante a observação das aulas, que esta é diretiva, centrada não no professor, mas no aluno; baseada na construção de propostas adequadas às necessidades dos alunos, visando assegurar fundamentalmente a aprendizagem por parte

destes e, por outro lado, voltadas para a “valorização do saber escolar, indispensável ao exercício da cidadania” (BRAGA, 2002, p. 71).

A observação da gestão pedagógica da sala de aula revelou que o professor pesquisado é preocupado em oferecer possibilidades diversificadas de aprendizagem: realiza atividades coletivas e seminários; tem a prática de socializar as produções escritas (sínteses) com outros alunos.

Dessa forma, a preocupação com a aprendizagem dos alunos é manifestada de várias formas. Em outra oportunidade de observação, logo após o retorno do segundo semestre, pode-se acompanhar a decisão do professor pesquisado em realizar uma autoavaliação do desempenho do aluno sobre o assunto.

.Segundo Farias (2006, p. 175), “depositar credibilidade na inovação [...] é a uma condição *sine qua non* para que o professor se engaje, desenvolva-se e altere sua prática de ensino”. Nesse sentido, é possível afirmar que o professor pesquisado realiza um trabalho pedagógico dinâmico e voltado para o aluno.

Ele se empenha em favorecer a aprendizagem do aluno; acredita que o aluno detém saberes e que deve ampliá-los; recorre aos saberes dos discentes como ponto de partida para desenvolver os saberes curriculares em sala de aula. Utiliza recursos didáticos variados, buscando facilitar a compreensão de conceitos.

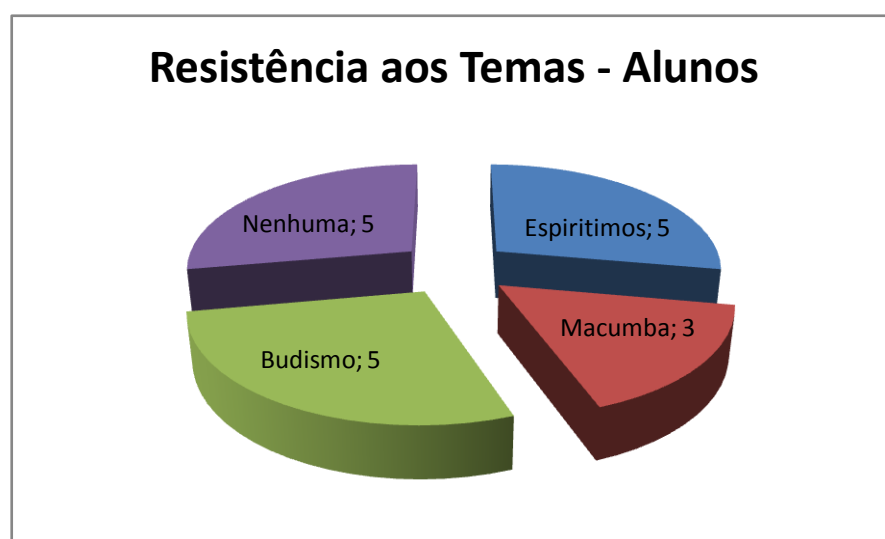
Essa mudança na prática pedagógica do professor, que trata de “modificar atitudes, ideias, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas” que Sebarroja (2002) e Fino (2006 e 2008), citados em outros momentos desta pesquisa, consideram como inovação pedagógica. Cabe dizer, ainda, que nos contextos investigados há muita vida, condição primeira para que qualquer mudança possa acontecer o que aponta para a possibilidade, para o devir.

Considerações e sugestões sobre como deveriam ser as aulas , fazendo a discussão e a interpretação em cada dos itens.(qq=questões :13-15)

A totalidade dos sujeitos da pesquisa, isto é os quinze professores, responderam que na sua opinião o Ensino Religioso contribui para a formação moral, ética, cultural, formação social como se humano, também responderam que a escola tem a responsabilidade de afastar o proselitismo religioso, porque a função do ensino religioso não é converter o aluno a uma determinada religião, mas contribuir na formação do mesmo(10), ajudar e orientar os alunos a respeitar as diferentes religiões e culturas e conviver mutuamente(5).

Em relação aos temas e conteúdos a que os alunos têm mais resistência e quais seriam os motivos: (5)Espiritismo, (3) macumba, (02)Budismo, (05) responderam não haver resistência aos temas e conteúdos.Os motivos devem ser por não conhecer.

Gráfico 15: Resistência aos temas do ER



Fonte: M.L.A. Torres, Pesquisa de campo, 2014.2

O Ensino Religioso é mencionado pela primeira vez num documento oficial relativo à educação escolar em 15 de outubro de 1827, que “manda” criar escolas de “primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império”. Destinava-se o mesmo a regulamentar o inciso XXXII do art. 179 da Constituição Imperial. No artigo 6º, lia-se que:

os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimales, proporções, as noções, mais geraes de geometria prática, a gramática da língua nacional, e os princípios de moral christã e da doutrina da religião cathólica apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a história do Brasil (IMPÉRIO DO BRASIL, 1996).

CONCLUSÃO:

No Brasil, segundo Junqueira (2000) a formação de docentes em Ensino Religioso até a década de 90 era orientada quase que na sua totalidade pelas denominações religiosas cristãs e, em alguns casos, ela ocorria em parceria com os sistemas de ensino. Isto se dava em decorrência da linha confessional e/ou interconfessional que era adotada por esta disciplina, em consonância com a legislação vigente.

O interesse de participação das diversas denominações religiosas cristãs na formação desses professores foi um movimento marcante na história da educação brasileira, instaurando interações entre o professor e o aluno, propiciando diferentes leituras da realidade e dos fenômenos à esfera religiosa.

Elas propuseram um modo de compreender o tema em questão; tornar mais acessível aos iniciantes nos estudos, o conhecimento que decorre do crivo científico sobre o fenômeno religioso, oferecendo, enfim, uma abordagem integrada e contextualizada dos temas, com linguagem clara, compreensível e mais próxima possível da vivência do aluno, com desenvolvimento dos conteúdos por meio de situações-problema e com aspectos metodológicos em sintonia com a proposta pedagógica da escola.

Isso assegurou a interdependência entre ensino e aprendizagem, ensino e pesquisa, conteúdo e forma, professor, teoria e prática, escola e sociedade, finalidades e objetivos.

Como se pôde observar constatou-se nessa pesquisa que o Ensino Religioso tem suas falhas, mas há um esforço muito grande por parte dos professores para tornar a disciplina mais interessante e agradável aos alunos que, em sua grande maioria, aceitam a disciplina. São utilizados muitos métodos (questões, exposição, pesquisa) e recursos didáticos como: Internet, slides, filmes, livros e outros recursos didáticos que tornam o ER em Boa Vista (RR) muito interessante.

O BLOG do Ensino Religioso como um dos recursos disponíveis ao desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem é um dos caminhos de acesso ao conhecimento sistematizado desse campo do saber;

um auxiliar do trabalho docente em sala de aula, principalmente para articular o processo de ensino e da aprendizagem formal.

É um material essencialmente iniciatório; uma fonte de pesquisa das concepções educacionais e metodológicas que historicamente foram sendo propostas e chegaram a ser implantadas.

Portanto como meio de acesso a conteúdos com enfoques diversos e específicos, seja por meio de textos introdutórios, informativos ou conjunto de atividades, seja através de exercícios e ilustrações, caracterizando mais um recurso de ensino e aprendizagem passível de constantes complementações.

A definição dos conteúdos constitui um dos mais importantes passos na elaboração dos planos de ensino. Até algumas décadas atrás constituía o ponto de partida para o planejamento de ensino. O professor, com base nos programas elaborados pelos órgãos oficiais, desenvolvia todas as suas atividades de planejamento.

Na realidade, esse planejamento consistia em distribuir, de acordo com o tempo disponível, os conteúdos do programa de sua disciplina.

Embora posturas desse tipo ainda sejam encontradas, com frequência, em muitas escolas, principalmente nas escolas pesquisadas, a tendência de alguns professores, bem como o professor de Ensino Religioso, é focar o conteúdo numa perspectiva mais dinâmica. O conteúdo trabalhado na disciplina ER deixa de ser visto como o orientador do planejamento e passa a ser encarado como elemento para a concretização dos objetivos.

O professor, na hora de elaborar os conteúdos a serem trabalhados, considera como conteúdos de aprendizagem não apenas aquilo que é preciso saber ou conhecer quanto ao programa da disciplina, mas considera também como conteúdo a ser aprendido pelos alunos: habilidades, acontecimentos, comportamentos, atitudes de cidadania, entre outros.

À proporção que o professor coloca maior ênfase na aprendizagem do que no ensino, a fixação dos conteúdos trabalhados passa a envolver tanto o tratamento da informação a ser passada ao aluno, quanto as suas

capacidades intelectuais, interesse e necessidades, visando à formação de um cidadão mais culto e justo no amanhã de nossa nação.

O Ensino Religioso, metodologicamente bem elaborado e executado, como grande parte dos professores de Boa Vista (RR) o fazem, é um excelente instrumento para dar sentido à vida, exercer eticamente uma profissão e se tornar uma pessoa realizada em suas diversas dimensões, inclusive a transcendente!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes Orais, Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALVES, Luís Alberto Sousa, JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. (Org). **Educação Religiosa: construção de identidade do Ensino Religioso e da Pastoral Escolar**. Curitiba: Champagnat, 2002.

APTER, D. E. Political discourse. In: SMELSER, NJ.; BALTES, P.B.(eds.). *International encyclopedia of the social and behavioral sciences*. Oxford Elsevier Science, 2001, p.11644-11648. Disponível em: [WWW.sciencedirect.com /science/referenceworks/0080430767](http://WWW.sciencedirect.com/science/referenceworks/0080430767). Acesso em: 21/07/2005 e 10/02/14.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. PCN: parâmetros curriculares nacionais, v.3: **O papel da escola no século XXI**. Curitiba: Bella Escola, 2002.

BARROS, Aidil de Jesus Paes; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projetos de pesquisa: propostas metodológicas**. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1999,

BÉDARIDA, François. Tempo presente, presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da história Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**. São Paulo: Paulus, 1985.

BOHNE, Vicente V.E (Org). Ensino Religioso – Capacitação para um novo milênio: **Ensino Religioso é disciplina integrante da formação básica do cidadão**, v.1 FONAPER, s/e, 2000.

_____. Ensino Religioso-Capacitação para um novo milênio : **Ensino religioso e a diversidade cultural do Brasil**, v.2, FONAPER, s/e, 2000.

_____. Ensino Religioso-Capacitação para um novo milênio : **O ensino religioso e o conhecimento religioso**, v.3, FONAPER, s/e, 2000.

_____. Ensino Religioso-Capacitação para um novo milênio : **O fenômeno religioso no ensino religioso**, v.4, FONAPER, s/e, 2000.

_____. Ensino Religioso-Capacitação para um novo milênio: **O ensino religioso e os seus parâmetros curriculares nacionais**, v.10, FONAPER, s/e, 2000.

_____.Ensino Religioso-Capacitação para um novo milênio :**O ensino na proposta pedagógica da escola**,v.11,FONAPER,s/e,2000.

_____.Ensino Religioso-Capacitação para um novo milênio :**O ensino religioso no cotidiano da sala de aula**,v.12,FONAPER,s/e,2000.

CAMARGO, Aspásia,História oral e política .In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.).**História oral e multidisciplinaridade** . Rio de Janeiro : Diadorim , 1994 , p. 75-99 .

CARDOSO , Ciro Flamarion . **Um historiador fala de teoria e metodologia** v, ensaios. Bauru:Edusc, 2005.

CORALINA,C.**Vintém de cobre**:meias confissões de aninha .São Paulo:Global,1997,p.41.

DOSSE , François .**História e ciências sociais** .Bauru::Edusc , 2004.

ELIADE ,Mircea .**El mito del eterno retorno** . Barcelona : Altaya , 1994.

FÉLIX ,Loiva Otero . **História e memória**, a problemática da pesquisa . Passo Fundo :Ediupf ,1998.

FERREIRA ,Marieta de Moraes. História Oral , um inventário das diferenças .In:**Entrevistas :abordagens e usos da história oral** .Rio de Janeiro :FGV , 1994 , p. 1-13.

FERNANDES, Maria Madalena S.**Afinal , o que é o Ensino Religioso?** sua identidade própria em contraste com a catequese.São Paulo: Paulus, 2000.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. **A educação da dimensão religiosa no ambiente escolar**. São Paulo:FTD,1993.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. **Ensino religioso no cenário da educação brasileira**. Brasília :edições CNBB,2007.

FINO, C. M. N. Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. In: **Revista Portuguesa de Educação**. v. 14, n. 2, p. 273-291, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**; saberes necessários á prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

FRIGERIO, Alejandro." La Invasión de las sectas": El debate sobre Nuevos Movimientos Religiosos em lós medios de comunicación en Argentina. In **Sociedad y Religion**, Junior, n 10/11, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro :Forense , 2005.

FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais –Ensino Religioso**. São Paulo, Ave Maria, 1997.

FOUREZ , G. (1995) **A construção das ciências .Introdução à Filosofia e à Ética das Ciências** . São Paulo: Editora da Unesp.

GOMES, Joaquim Ferreira . **Novos estudos de história da educação**. Coimbra. ed, Quarteto , 2001.

HICK, John. **Teologia cristã e pluralismo religioso**. São Paulo :Attar editorial, 2005.

JUNQUEIRA, Sergio R. A. MENEGHETTI, Rosa G, LILIAN. Anna WASCHIWICZ. **Ensino religioso e sua relação pedagógica** ed: Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNQUEIRA, Sérgio. A. CORRÊA, Rosa L. T. HOLANDA, Ângela M. R. **Ensino religioso: aspecto legal e curricular**, São Paulo: Paulinas, 2007. [Temas do ensino religioso}.

KOSIK , k. (1976) **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial**. São Paulo, Paulinas, 1992.

LAKATOS, Eva Maria . **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos , pesquisas bibliográficas , projeto e relatório , publicações e trabalhos científicos** . São Paulo :Atlas , 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. Educação: pedagogia e didática. In: PIMENTA, Selma G.Org.). **Didática e formação de professores**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1997, p.77-129.

MACHADO, Nilson José .**Epistemologia e Didática .As concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente** .São Paulo:Cortez,1995.

MEC.<http://portal.mec.gov.br>.

MEYER , Eugenia . Transmisión de la consciência histórica ,memória y consciência histórica . In: **História , antropologia y fuentes orales** , 24 (2), 2002 .p.77-94.

MONTERO , Paula .Religião e esfera pública no Brasil .In: **Novos estudos CEBRAP** , 74 , março : 47-65 , 2006.

MORALEDA, José. **As Seitas Hoje**. Novos Movimentos Religiosos. São Paulo: Paulus, 1994.

NEVES ,Lucilia de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade .In :História Oral, **Revista da Associação Brasileira de História Oral** , 3 (2000),p .109-116.

PASSOS,J.Décio. A Legitimidade da Teologia na Universidade:do político ao acadêmico .**Estudos de religião** (Umesp,2004).

PIERUCCI, Antônio Flávio . Religião como solvente-uma aula .In: **Novos Estudos** , 75, julho .2006 , p .111-127.

PRETTO,Nelson de Luca.Políticas Públicas Educacionais: **dos materiais didáticos aos multimídias. Trabalho apresentado na Reunião Anual da ANPEd,22^a**.Caxambu,MinasGerais,1999.**Anais...**SãoPaulo/SP:ANPEd.1999.

POLLAK, Michael . Memória e identidade social .In:**Estudos históricos** , Rio de Janeiro ,,1992 , p. 200-215.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc van .**Manual de Investigação em Ciências Sociais** .Lisboa:Gradiva,1995.282p

ROBBINS, Thomas. Converts and carisma: Religious, in **Current sociology**. Vol.36,n 1,SAGE, London: 1988,caps. 6-7.

SAHLINS , **Marshall**. **Ilhas de história** .Rio de Janeiro :Zahar,1990.

SANCHIS , P. “ As religiões dos brasileiros ” . Mimeo : p. 1-24. [Texto publicado na **Revista Horizonte** , v. 1, nº2. ,1998: p.28-43].

SILVA, Marco. **Sala de aula Interativa**, 3. ed, Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

SPADARO, Antonio.**Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede.São Paulo:Paulinas ,2012.

SPADARO, Antonio.**WEB 2.0**: redes sociais. 1ª ed.São Paulo:Paulinas ,2013.

TADVALD , Marcelo ; Bem , Daniel F. de Discursos políticos , discursos religiosos , Análise midiática de uma trajetória pública .In:FOLLMANN, José Ivo ; LOPES , José Rogério (org-s.). **Diversidade religiosa** , imagens e identidades .Porto Alegre:Armazém Digital, 2007.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisas em administração** .São Paulo:Atlas .2010. 91p.

APÊNDICES

ROTEIROS DE OBSERVAÇÃO

APÊNDICE A – Roteiro de observação

Local: _____ Série/ Ano: _____

Turma: _____ Data: ____/____/____

Hora: _____ Duração: _____ CÓDIGO: _____

01 - Como é apresentado o conteúdo da disciplina de Ensino Religioso aos alunos?

R.: _____

02 - Quais conteúdos de ER são trabalhados nas aulas?

R.: _____

03 - Qual a metodologia utilizada pelo professor nas aulas de ER?

R.: _____

04 - Quais são os recursos didáticos utilizados pelo professor da disciplina de ER?

R.: _____

05 – Qual é participação dos alunos nas aulas de ER?

R.: _____

APENDICE B–ALUNO

ESCOLA ESTADUAL: _____

TURMA: _____

ANO: _____

DATA: ____/____/____

Local: _____ CÓDIGO: _____

Hora: _____

Duração: _____

01 - Você frequenta igreja? () Sim () Não. Em caso afirmativo, qual? _____

02 - Você mora com:

- a . () pai e mãe;
- b .() só com mãe;
- c .() só com o pai;
- d .() com outros

03-Qual a Religião adotada pela sua família?

- a- Católica ()
- b- Evangélica ()
- c- Espírita ()
- d- Sem religião ()
- e– Ateu ()

04 - Em relação as aulas de Ensino Religioso, você diria que:

a.() assiste porque precisa das notas e da frequência;

b.() não assiste pois não gosta da disciplina;

c.() outros.Quais? _____

05 - A disciplina de Ensino Religioso é necessária para minha formação e deve continuar existindo nas escolas? () Sim () Não.

Justifique: _____

06 – Os conteúdos do Ensino Religioso que são repassados pelos professores em sala de aula contribuem para a sua formação como ser humano? () SIM () NÃO

Por quê? _____

07 – O Ensino Religioso, ministrado, em sala de aula, tem respeitado as diferentes religiões existentes?()Sim () Não.

08 – O conteúdo e metodologia do Ensino Religioso são:

a.() Excelente, contribui muito para a formação moral, ética, cultural e social como ser humano;

b.() Boa, mais poderia ser melhor, com aulas mais dinâmicas e maior participação dos alunos;

c. () Ruim, pois a maioria dos alunos não gostam e costumam “gazetar” aula;

d.() Outros. Quais? _____

09 – Algum tema abordado na disciplina de Ensino Religioso já lhe causou insatisfação? ()Sim ()Não.

Justifique: _____

10- Você gosta das aulas de Ensino Religioso? () Sim () Não.

Por quê? _____

11- Que temas você gostaria que fossem tratados nas aulas de Ensino Religioso?

12-Como deveriam ser as aulas de Ensino Religioso?

APENDICE C – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

ESCOLA ESTADUAL: _____ CÓDIGO: _____

TURMA(S): _____ ANO(S): _____ DATA: ___/___/___

01 –É recomendável que o professor de Ensino Religioso frequente alguma religião?

() Sim. () Não.

Você frequenta igreja? () Sim () Não.

Em caso afirmativo,
qual? _____

02–Qual a sua formação acadêmica?_____.Se
possuir especialização ou mestrado, especificar._____.

03 – Na sua opinião, qual o papel/impacto do Ensino Religioso na vida de seus
alunos? _____

04 – Na sua opinião, o Ensino Religioso, ministrado, tem respeitado as diferentes
religiões existentes em sala de aula? () SIM () Não.

Por quê? _____

05 – Por que você trabalha com a disciplina de Ensino Religioso?

- a. () Completar minha carga horária;
- b. () Opção própria;
- c. () Outros. Qual _____

06 – Como é feita a seleção dos conteúdos do Ensino Religioso?

07- Para a disciplina de Ensino Religioso a escola dispõe de material didático específico?() Sim () Não.

Se Sim, Qual:_____

08 – Na sua opinião, o Ensino Religioso deve fazer parte do currículo?

- a. () Sim
- b. () Não

Por que?_____

09 – Na sua opinião, obteve-se alguma mudança na turma desde o início das aulas de Ensino Religioso até hoje?() Sim () Não.

Se SIM, quais?_____

Se NÃO, Por que? _____

10 – O Ensino Religioso é uma disciplina de matrícula facultativa, segundo o art. 33 da Lei 9475/97. A escola tem repassado essa informação para os pais e alunos?

- a. () Sim
- b. () Não

Por quê?_____

11 – Qual o total de alunos da sua sala?_____ Quantos assistem às aulas de ER?_____ Quantos não assistem às aulas de ER?_____.

12 – Quais os procedimentos metodológicos que você utiliza durante suas aulas de Ensino Religioso? _____

13 – Na sua opinião, o Ensino Religioso contribui para:

- a. Formação moral,
- b. Formação ética
- c. Formação cultural
- d. Formação social do ser humano
- e. Todas as alternativas estão corretas.

14 – O Ensino Religioso tem a responsabilidade de afastar o proselitismo religioso?

Sim não

Então, o que você acha disso? _____

15 – Quais os temas / conteúdos a que os alunos têm mais resistência?

R.: _____

Quais seriam os motivos? _____

APENDICE D – QUESTIONÁRIO: GESTORES E COORDENADORES

ESCOLA

ESTADUAL: _____ CÓDIGO: _____ DATA: ___/___/___

01 - Você frequenta igreja? () Sim () Não.

Qual a sua religião? _____

02- Qual a sua formação? _____

03 – Você tem conhecimento da Resolução que dispõe sobre a oferta do Ensino Religioso nas escolas públicas do Estado de Roraima? () Sim () Não.

04 – Quais os critérios adotados pela escola para escolha do professor do Ensino Religioso?

05 – Quanto aos recursos didáticos, a escola os dispõe para os discentes?

() SIM () Não

06 - Para você a Disciplina do Ensino Religioso deve existir na escola? () SIM () Não

Por quê? _____

07 – Na sua opinião, o Ensino Religioso tem respeitado as diferentes religiões existentes em sala de aula? () SIM () Não

Se Sim, Como? _____

Se Não, Por quê? _____

08 – O Ensino Religioso é uma disciplina de matrícula facultativa segundo o art. 33 da Lei 9475/97. A escola tem repassado essa informação para os pais e alunos?

() Sim () Não

Por quê? _____

09 – Qual a justificativa dos pais e responsáveis para que seus filhos não assistam às aulas do Ensino Religioso? _____

10 - Na sua opinião, obteve-se alguma mudança nas turmas desde o início das aulas de Ensino Religioso até hoje?

Quais? _____

11 – O Ensino Religioso tem a responsabilidade de afastar o proselitismo religioso?

() Sim () Não

Então, o que você acha disso? _____

12 – Na sua opinião, o Ensino Religioso contribui para:

- a. () Formação moral,
- b. () Formação ética
- c. () Formação cultural
- d. () Formação social do ser humano
- e. () Todas as alternativas estão corretas.

13 – Na sua opinião, qual o papel/impacto do Ensino Religioso na vida dos alunos? _____

14 - Para a disciplina de Ensino Religioso a escola dispõe de material didático específico? () Sim () Não.

Se SIM, Qual: _____

15 -Qual a metodologia utilizada pelo professor nas aulas de ER?

R.: _____
